

PHILLIPA NEFRI CLARK

AQUELA  
ÁRVORE

MISTÉRIOS DE CHARLOTTE DEAN



VISIT...

LANZAROTE  
*Caliente*.COM

PHILLIPA NEFRI CLARK



AQUELA  
ÁRVORE  
MISTÉRIOS DE CHARLOTTE DEAN





# AQUELA ÁRVORE

PHILLIP NEFRI CLARK

MISTÉRIOS DE CHARLOTTE DEAN

1ª Edição



Leabhai

2024

Ribeirão Preto/SP



# DIREITOS AUTORAIS



Título Original: The Giving Tree  
Charlotte Dean Mysteries Book 5  
Copyright © 2019 by Phillipa Nefri Clark  
Copyright da tradução©2023 Leabhar Books Editora Ltda.

Tradução: Pedro Esteves  
Revisão: Soraya Defavari  
Diagramação e Capa: Labellaluna Web®

Todos os direitos reservados.  
Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito do proprietário dos direitos autorais.

## DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

### FICHA CATALOGráfICA

C592lbe

Clark, Phillipa Nefri.

Título: Aquela Árvore (recurso eletrônico) - © 2024 Leabhar Books  
Editora Ltda. - Ribeirão Preto - SP

Tradução de: The Giving Tree ©- 2020 Phillipa Nefri Clark

Formato: e-Pub

Veiculação: Digital

ISBN 978-65-5444-281-7

1.Romance. 2.Australiano. 3. Série I. Esteves, P. II. Título

80754

CDD 82-32

CDU 134.3

Todos os direitos reservados, no Brasil e língua portuguesa, por Leabhar Books Editora Ltda.  
CEP: 14025-200 - RP/SP - Brasil

E-mail: [leabharbooksbr@gmail.com](mailto:leabharbooksbr@gmail.com) | [www.leabharbooks.com](http://www.leabharbooks.com)

# CAPÍTULO I



Charlotte parou do outro lado da rua da livraria para encontrar seus óculos de sol. Sua bolsa enorme estava abarrotada graças à pasta e laptop dentro e quando não pôde encontrá-los olhou para o apartamento. Havia tempo para voltar?

Incômodo.

Charlotte meio fechou seus olhos para evitar o pior do clarão e correu para a praça. Estar atrasada não lhe agradava e o resto do grupo estava contando com ela para lançar o plano.

O começo do verão significava o começo da estação festiva e essa estava formando-se para ser o melhor da vida dela. Não que tivesse muito para comparar. Ano passando, tirando os ladrões rondando por aí e roubando árvores de Natal, Charlotte teve seu primeiro gostinho de ser parte de uma família e agora queria mais.

Na fonte ela parou tempo suficiente para percorrer seus dedos pela cascata. Graças a Doug estando no conselho, algumas mudanças muito necessárias estavam iluminando Kingfisher Falls. Primeiro a fonte sendo reconectada a seu suprimento de água, depois as decorações, que já estavam em andamento. Havia uma grande árvore na praça e outra na rotatória. Dessa vez, porém, eram pinheiros verdadeiros da Fazenda de Árvores de Natal e estavam seguramente parafusadas no chão.

Charlotte chegou ao Italia bem ao meio-dia e empurrou as portas. O delicioso aroma de pão e manjericão e alho flutuou da cozinha e sua boca aguou.

De uma mesa redonda da parede mais distante, Rosie acenou. Todo mundo estava lá e olharam para cima com sorrisos. Lewis sentado ao lado de Rosie, segurando sua outra mão. Toda vez que Charlotte os via juntos estavam segurando as mãos, mesmo meses depois de seu casamento. Tão fofo.

Esther e Doug Oaks estavam próximos. Doug usava seu uniforme de chef, então provavelmente iria se sentar na reunião somente quando pudesse. Apesar de ter um maravilhoso chef trabalhando para ele, Doug não era o tipo de pessoa para sentar se seus clientes precisavam dele. Por último era Harpreet, sua amiga que tinha a loja de fotografia e molduras na cidade. Os pais dela possuíam o India Gate House, o restaurante na rua.

Charlotte afundou na cadeira restante.

— Desculpe-me, estou atrasada!

— Definitivamente não, querida. Doug estava sugerindo uma travessa de entradas. — Rosie olhou para Lewis. — Talvez um pouco de pão de alho?

Doug se levantou.

— Deixem-me fazer o pedido e voltarei em cinco minutos.

— Zoe não iria se juntar a nós? — Esther perguntou.

— Ela está ocupadíssima e se desculpou. Mal a estou vendo com as horas que está gastando para deixar a galeria pronta.

— Para a grande inauguração? Mal podemos esperar. Hora de se vestir bem e se misturar com os ricos e famosos! — Rosie alisou seu cabelo como se preparando-se nesse exato minuto e Charlotte riu.

— Não tenho certeza quanto aos ricos e famosos, então não ficarei muito animada. Talvez parte do cenário artístico da cidade, mas Zoe quer que isso seja uma noite relaxante para mostrar seu trabalho tão bem quanto as aulas que está dando.

— Lew e eu já nos matriculamos para a aula de cerâmica para iniciantes e no básico de escultura. Mal posso esperar para ver o que podemos fazer!

Charlotte escondeu um sorriso. Ter uma irmã que criava peças únicas e extraordinárias rendeu muitas ideias de presentes de Natal. E aniversários e inauguração de casa. Mais cedo ou mais tarde Trev compraria uma casa e Charlotte já sabia o que queria lhe comprar da ampla coleção de Zoe.

Charlotte tirou tudo o que precisava de sua bolsa e preparou o laptop enquanto Doug voltava trazendo pratos de massa.

— Comecem com esses e podemos dar uma olhada na apresentação de Charlie. — Ele colocou os pratos na mesa e se sentou novamente.

— A apresentação parece um pouco chique. — Charlotte virou o laptop para que todos pudessem ver. — Fiz um modelo de alguns dos anúncios e se concordarem, os colocarei nas redes sociais. — Assim clicou em várias imagens natalinas com “Doar é o verdadeiro espírito do Natal” em cada uma. — Há mais, é claro. Cada comerciante participante está contribuindo com suas próprias imagens de algumas de suas encantadoras mercadorias ou sua loja. Então apesar de isso vir a ser uma promoção conjunta, todos terão muito fluxo enviado em sua direção.

— Fluxo quer dizer clientes? — Lewis perguntou.

— Bem, se entendi isso direito, sim. O que acham de eu mandar um comunicado oficial para os jornais locais? Ver se podemos conseguir alguma publicidade gratuita também?

Harpreet pegou um pouco de pasta de queijo.

— Grátis é bom. — Ao lado dela estava uma caixa.

Doug levantou quando um garçom chegou com uma grande bandeja e ajudou a descarregar pratos de entradas na mesa. Quando se sentou novamente, assentiu.

— Por favor. Isso é pela conta da casa, com meu agradecimento pelo trabalho sendo feito aqui por nossa cidade. Charlie, estou envolvido nisso apenas um pouco, então será que pode prosseguir em palavras simples?

Todos começaram a empilhar deliciosos tomates quase ressecados e azeitonas e queijo e carnes em seus pratos enquanto Charlotte guardava seu laptop e tirava a pasta. Dela, tirou um panfleto.

— Ano passado me deparei com um Papai Noel na praça, distribuindo cartões-presentes para uma loja de departamentos em Sunbury. Isso me irritou

muito. Vindo aqui e levando negócios locais longe de nós e tudo porque os comerciantes de Kingfisher Falls não estavam fazendo nada para manter os clientes. Você lembra que a livraria tinha uma caixa de presente?

Rosie sorriu.

— Isso foi maravilhoso! Quase todos compraram um presente para ela e fomos capazes de doar um pouco de dinheiro para os Forests, alguns livros para Lachie, e mais alguns livros para a comunidade graças ao comitê da igreja.

— Exatamente! Doar faz nos sentirmos bem. Isso faz os clientes se sentirem bem. E o Natal é sobre doar... ou deveria ser. Então, em vez da caixa de presentes, cada loja participante tem uma árvore, uma árvore de Natal normal, mas em vez de enfeites elas terão estes para acrescentar.

Harpreet inclinou para frente, tirando um cartão em forma de árvore de Natal de uma caixa.

— Esses imprimiram bem, acho. Há alguns em vermelho, alguns em amarelo, e alguns em verde. Em um lado, há um espaço para o nome do destinatário e doador. Agora, o destinatário irá provavelmente ser desconhecido, por isso uma descrição basta.

— Tais como uma faixa etária para livros de crianças — Charlotte disse — Ou moldura para foto de família.

— No restaurante aqui, então, seria jantar para um, ou entrega em domicílio para dois, ou champanhe para convidados especiais? Estou entendendo? — Doug perguntou.

— Sim, está. Ou apenas uma quantia em dólares já está bom. No fim tem um pequeno clipe para prender os cartões presente de plástico. Aqui está um — Charlotte pegou um cartão de plástico do tamanho de um cartão de crédito e o ergueu. — Foto graças ao meu telefone e a habilidosa edição de Harpreet. — De um lado estava uma foto da cidade com suas decorações, mas também neve. Todos riram. — Agora, no lado em branco, simplesmente use um marcador permanente para escrever a quantia em dólares tanto em palavras quanto números. Tenho certeza de que nenhum cliente irá colocar, mas só por garantia, não queremos ninguém acrescentando seus próprios valores. E coloquem suas iniciais também.

— E deveríamos manter o registro de cada doação — Harpreet acrescentou.

— Se seu ponto de sistema de vendas permitir então faça isso, caso contrário anote cada transação e mantenha-as seguras. E assim que fizerem isso, simplesmente prendam no enfeite de árvore. Há uma ficha de informações para todos e ela bem simples, mas se houverem quaisquer perguntas, deixem-me saber. — Charlotte passou as fichas. — Tenho um pacote feito para cada participante.

Doug se levantou.

— Desculpe, acho que sou necessário. Mas obrigado, Charlie. Isso é uma coisa maravilhosa para a cidade. — E desapareceu na cozinha.



— A cidade precisa de um impulso moral. — Charlotte guardou seu laptop, pronta para comer. — Todos os crimes e perturbações significaram uma queda nas vendas costumeiras para nós, de qualquer maneira. E a maioria dos outros envolvidos me disseram a mesma coisa. Vinte, trinta por cento menos de pessoas vindo.

Um silêncio solene desceu enquanto comiam. Quem podia culpar pessoas por evitarem comprar onde havia tido um crime depois do outro por quase o ano inteiro? Assassinatos, incêndio, roubos. Se essa ideia de Natal não decolasse e encorajasse os compradores de volta, onde Kingfisher Falls iria estar daqui a um ano?



— Por que tão calada, querida? Você quase não falou desde que a peguei no Italia. — Trev os levou para fora da cidade, tomando o caminho para a Fazenda de Árvores de Natal. — Houve um problema com a reunião?

Charlotte não havia pretendido continuar com sua preocupação anterior. Colocou um sorriso em seu rosto.

— Nenhum! Todos amaram os anúncios e Harpreet fez um trabalho brilhante nos cartões de árvore de Natal. Esse é um caso de se sentar e esperar.

Trev olhou, uma sobrancelha erguida.

— Você está preocupada com a cidade.

— Estou.

— Quantas lojas conseguiu envolver com o projeto Aquela Árvore?

Agora, o sorriso dela foi sincero.

— Doze. Perfeito para o Natal. Isso inclui o Italia e o India Gate House, a galeria de Zoe, e a Fazenda de Árvores de Natal. Temos comida para viagem, loja de presentes, moda, beleza, sapatos. E uma livraria.

— Você tem feito um trabalho incrível, Charlie. Isso criará uma excitação em volta da cidade e certamente trará um pouco de vendas externas. Há alguma coisa que posso fazer para ajudar? — Trev virou na estrada de terra.

— Fico feliz em transmitir a mensagem.

— Apenas prenda qualquer um que tente fazer alguma coisa errada, sim. Mantenha o crime longe, pelo menos durante a temporada festiva.

Trev riu.

— Essa é a intenção.

Eles passaram pela trilha da garagem da propriedade de Glenys Lane onde um aviso *À Venda* tinha um banner ‘Vendido’ sobre ele.

— Oh, veja! Me pergunto quem a comprou? — Charlotte disse. — Não foi você, espero.

A visita dela à propriedade Glenys foi uma única para nunca mais. O chalé escondido atrás do terreno coberto de mato era pequeno, malcuidado e radiava um medo que Charlotte não conseguia explicar. Apesar do poço de fogo fumacento atrás da casa poder ter tido algo a ver com isso. E que Glenys matou pessoas que dizia amar.

— Juro que não comprei. Não, agora tenho em mente algo com um lindo

jardim cheio de árvores oferecendo sombra e áreas com canteiros de vegetais. Espaço para andar. Ter um jogo de críquete no quintal. E uma casa com um coração.

Uma tremulação de algo... algo agradável e quente e excitante, encheu o coração de Charlotte. Trev tinha isso tudo planejado. Ou pelo menos, sua versão de seu futuro e ela tinha certeza de que a incluía. Não que nada formal estivesse combinado.

O carro atravessou os portões da Fazenda de Árvores de Natal e Trev encontrou uma vaga para estacionar no lado mais distante do depósito de vendas. Carros e trailers enfileiravam o estacionamento e pessoas circulavam carregando árvores e outras em seu caminho para escolher uma. Ano passado, Charlotte foi sozinha e sem saber por que havia ido. Uma necessidade de ter sua própria pequena árvore de Natal foi estranho inicialmente, mas assim que conheceu a família atrás da fazenda, tudo mudou.

Eles desceram e foram para o depósito de vendas, Trev carregando um dos blocos de informação de Aquela Árvore de Charlotte.

— Charlotte! Charlotte, você está aqui!

Lachie Forest surgiu do nada e jogou-se nela. Ela se preparou bem a tempo e mesmo assim, teve que recuperar seu fôlego.

— Oh meu deus, você está ficando tão alto, logo olharei para cima para você!

— Não. Não por anos. Cientificamente, meninos crescem rapidamente depois lentamente, mas continuam a crescer até seus vinte anos. E só tenho nove. Não vinte. Então você ainda será mais alta por séculos.

— Claro. Bem, é bom ver você. — Charlotte sorriu para Trev sobre a cabeça de Lachie. — Sua mãe está no depósito?

Lachie afastou-se.

— Onde mais a senhora Forest estaria durante a temporada festiva? Venham, já escolhi uma árvore para vocês.

Com isso Lachie se foi novamente, ziguezagueando pelos carros estacionados e desaparecendo no depósito aberto. Charlotte riu. Não pôde se controlar. Lachie foi a primeira criança que conheceu e o adorava e sua excêntrica visão do mundo.

— Ainda chama sua mãe de senhora Forest quando estão trabalhando. Tão fofo. — Trev sorriu e tomou a mão de Charlotte. — Lachie te ama.

— Eu o amo também.

Trev lhe deu um olhar que Charlotte não entendeu. Profundo e pensativo. Desde o casamento de Rosie e Lewis, recebera aquele olhar algumas vezes. Apesar de ele não ter proposto, Trev havia basicamente lhe dito que pretendia a algum tempo atrás, mas ainda tinha que levantar a questão novamente. Porém, não tivesse mais certeza. Mas então ele a beijou rapidamente.

— E eu amo você.

Como fiquei tão sortuda?

Com o coração mais leve, Charlotte acenou para Abbie que estava atrás de

um novo balcão no depósito. Darcy havia se esforçado muito para criar uma loja convidativa, construindo prateleiras pelos lados e uma fileira de grandes caixas de exposição cheias com enfeites de todos os tipos. Músicas natalinas haviam colocado sorrisos nos rostos de meia dúzia ou mais de clientes. E no centro da loja estava a própria árvore deles, alta e verde e brilhando com centenas de luzes pisca-pisca em volta de seu tronco.

— Tudo pronto para se tornar nossa Árvore de Doação. — Darcy Forest passou correndo com um sorriso, batendo folhas de pinheiro de seu curto cabelo ruivo. Darcy deixou um talão de vendas com Abbie e voltou para se juntar a eles. — Lachie escolheu uma árvore para você, Charlie, mas não se sinta obrigada a levá-la.

— Ei! Senhor Forest, apesar do cliente sempre ter razão, nesse caso acredito que Charlotte aceitará meu conhecimento superior no assunto. — Lachie cruzou seus braços e fixou um olhar sem discussão em seu pai, que manteve um rosto sério.

— Nesse caso, talvez devesse mostrar essa árvore para Charlotte e Trev e eu irei e ajudarei outros clientes com suas escolhas.

— Aqui está o bloco de informações — Charlotte disse. — Ligue se tiver perguntas.

— Obrigado. Mal posso esperar para colocar isso funcionando. — Darcy o tomou de Trev e foi para o balcão, onde o colocou no chão atrás de Abbie.

Lachie pegou a mão de Charlotte.

— Venha ver.

Lachie os levou fora do depósito de vendas e por uma larga trilha ladeada com árvores pré-cortadas e cobertas por rede. Uma trilha menor serpenteava atrás da loja. Charlotte havia encontrado sua última árvore ali, extremamente ressecada até ela derramar amor e muita água nela. O pequeno pinheiro estava agora plantado de volta na fazenda.

— Assim que papai, digo, senhor Forest, encontrou essa árvore bem perto da cerca limitadora, eu lhe disse que você seria a dona perfeita, então ele a desenterrou em vez de cortá-la. — Lachie foi para um lado e gesticulou. — Ela é diferente e especial. Como você, Charlotte.

Um pequeno nó se formou na garganta dela. Tudo com Lachie era como ele via isso. Não inventava coisas ou brincava. Sua abordagem era direta apesar de gostar de palavras grandes e oferecer conselho não pedido. Se Lachie a via como diferente e especial, isso era como um elogio. Trev apertou a mão dela.

A árvore era bonita. Aproximadamente da mesma altura que Charlotte, suas folhas eram azuladas-prateadas e macias.

— O senhor Forest acha que ela não crescerá muito mais, então se quiser plantá-la depois, você pode, mesmo em seu minúsculo jardim.

Charlotte riu.

— Você está rindo da árvore?

— Não, Lachie. Apenas de sua descrição do meu jardim. O que é verdade, mas isso soa engraçado.

Lachie ergueu ambas as sobrancelhas e as manteve ali.

— Adultos são estranhos.

— Realmente somos. — Trev ofereceu. — Essa é uma bela árvore, Lachie.

— É. Deixarei você para conhecê-la melhor. — Ele partiu novamente e em um minuto estava fora de vista.

Estendendo a mão, Charlotte tocou a árvore.

— Olá, você gostaria de vir e viver comigo?

— Acho que gostaria. — Trev emendou. — Sim?

— Sim. Lachie não é o menino mais atencioso de todos? — Charlotte seguiu Trev de volta para a trilha principal. — Me pergunto se posso bagunçar com a cabeça dele novamente.

— Perdão?

— Oh. A coisa toda sobre a árvore alienígena que comecei e sequer lembro o que fez isso acontecer. Algo sobre mim fazendo perguntas à árvore e Lachie dizendo que árvores não falam. Devo ter dito a ele que era um alienígena e não uma árvore e queria um reembolso ou coisa assim.

Eles alcançaram o fim da fila de clientes e Trev abaixou o vaso.

— Perfeito.

Charlotte riu da expressão dele.

— Isso significa que não quer andar comigo mais? No caso de meu tipo de esquisitice ser contagioso?

Trev inclinou-se para que apenas ela pudesse ouvir.

— Será necessário muito mais do que uma pequena esquisitice para me afastar, querida. — Trev beijou sua bochecha. — Não irei a parte alguma.

— Então, gostaria de se juntar a Zoe e eu para jantarmos hoje à noite?

— Não posso. — Quando a fila andou, Trev pegou a árvore novamente. — Turno noturno treinando o jovem Koby.

O policial Koby Masterson era novo na cidade e na força policial. Charlotte ainda teria que conhecê-lo, mas saber que Trev tinha alguma ajuda a deixava feliz. Em vez de ser o único disponível em cima da hora, ele agora tinha alguém para dividir a carga. Podia torná-la egoísta, mas passar mais tempo com Trev era algo que queria muito.

— Alguns dias e noites ocupadas à frente, mas quanto mais cedo Koby estiver pronto melhor. Podemos improvisar durante a semana?

— Podemos. Tem tempo para um café antes de ir?

— Sim. Depois que carregar essa árvore especial e diferente para seu apartamento!

## CAPÍTULO 2



Muito depois de Trev sair do apartamento para se preparar para o trabalho, Charlotte se sentou na sacada. Apesar de seu laptop estar aberto, pronto para colocar anúncios e continuar planejando a promoção do projeto *Aquela Árvore*, ela lutava para tirar seus olhos da nova aquisição.

Colocada no canto onde a parede da sacada encontrava a grade, o pinheiro mudava de cor conforme a luz alterava. De seu tom azul prateado no sol intenso, conforme as sombras aumentavam os tons também. Com o anoitecer uma hora ou mais depois, a árvore de Natal ficou azul-marinho. Quando uma pequena brisa farfalhou seus galhos, os tons eram como ondas em um oceano. Tudo o que ela precisava era o cheiro do mar.

Charlotte pegou uma caixa de dentro. Enviada por sua amiga, Christie Blake, isso era uma vela feita para tal momento. Com isso extraiu uma vela branca simples em uma jarra combinando e o cheiro do mar flutuou. Depois de colocá-la perto do laptop, acendeu a vela e fechou seus olhos. Depois de um momento, a fragrância mudou. Camadas de jasmim complementaram o aroma salgado de ondas. A praia de River's End encheu os sentidos de Charlotte como se ela estivesse lá novamente.

— O que é esse cheiro maravilhoso?

Assustada, os olhos de Charlotte abriram. Zoe estava na porta deslizante.

— Nem a ouvi entrar!

— Desculpe por fazê-la pular. — Zoe saiu andando. — Oh. Oh, olhe essa árvore!

— Você gosta?

— Gosto.

— Lachie a escolheu para mim. E as cores ficam mudando com a luz e movimento.

— Posso ver. É por isso que está sentada com seus olhos fechados, absorvendo cheiro de mar e jasmim? Por que a árvore parece um oceano? — Zoe se sentou na mesa com um sorriso. — Essa é a vela que ganhou no casamento de Rosie e Lewis?

— É. E sim, você está correta. Como vai a galeria?

Zoe revirou seus olhos.

— Devo pegar uma garrafa de vinho?

Charlotte seguiu Zoe para dentro e quando sua irmã abriu a garrafa de vinho tinto, ela jogou alguns queijos e bolachas em um prato.

De volta na sacada, elas brindaram à árvore.

— A galeria está quase pronta. Sei que faz meses, mas estou muito formalista sobre como isso deve parecer. E quanto a inauguração, e essa é minha terceira, existem certas peças que exigem melhor iluminação ou mais plano de fundo. — Zoe bebeu seu vinho e se sentou novamente, aninhando o



copo entre suas mãos. Zoe tinha longos dedos em mãos musculares por décadas de escultura e cerâmica. — Recebi uma ligação hoje de uma diretora de uma galeria de Melbourne que me impressiona bastante. Ela pediu por um convite.

— Isso é bom. Não é?

— E um pouco intimidador. Haverá também dois jornalistas diferentes comparecendo então admito me sentir pressionada.

— Estou aqui para ajudar tanto quanto você precisar. — Charlotte mordeu um pedaço de queijo em uma bolacha e pequeninas migalhas se espalharam para toda parte.

— Talvez não com bufê. — Zoe sorriu.

Uma brisa quente agitou os pesados sinos de vento e sacudiu os galhos da árvore. Sentar-se na semiescuridão com a irmã com quem Charlotte havia tão recentemente se reunido era surreal. Sobre a borda de seu copo de vinho ela gravou o momento em sua memória. O cheiro da vela. Os olhos de Zoe olhando para o céu que escurecia. O rosto de sua irmã estava cansado, marcado com exaustão. Mas havia uma satisfação em volta dela.

— Isso é bom. — Os olhos de Zoe retornaram para Charlotte. — Trev está vindo essa noite?

— Trev tem um turno noturno. Treinando o novo policial.

— Devo fazer uma salada para nós? — Zoe perguntou.

— Eu ajudo. Você terminou com o trabalho por hoje à noite?

— Eu gostaria. Ainda tenho papelada para completar e uma lista de verificação para escrever, mas esses posso fazer aqui. Se você também está trabalhando, então vamos trabalhar juntas.

Charlotte concordou.

— Estou lançando a campanha para o Aquela Árvore e irei colocar os anúncios hoje à noite. Mais tarde. Mas como você disse, isso é bom.

Cantos de pássaros acompanhavam os tons baixos dos sinos enquanto loriquitos, pega-rabudas e galahs começavam seu ritual noturno. Um carro passou na rua abaixo, um coral de Natal retumbando e seus passageiros cantando, o que fez as mulheres rirem.

— Não posso acreditar que estamos juntas no Natal novamente. — Zoe brincava com um pedaço de queijo. — Não desde que você era uma garotinha. Seus olhos costumavam ficar tão grandes pelos enfeites na árvore. Mesmo apesar de ser um bebê, tentou subir na árvore para alcançá-los.

Não lembro.

— Assim que papai partiu, não colocamos nenhuma árvore novamente. — O coração de Charlotte estava pesado. — Angelica as odiava. Desperdício de dinheiro e tempo. Não gostava de presentes ou cartões.

— Mas ela guardou todos os cartões que fiz e mandou para você.

Isso era estranho. Não muito tempo depois de mudar para o apartamento, uma caixa chegou de Lakeview Care, onde sua mãe estava internada. Charlotte não conseguiu examinar isso por meses, mas o punhado de cartões

em cima chamou sua atenção. Nove únicos cartões de Natal, cada um feito a mão com cuidado e talento, e dentro, o mesmo comentário enigmático.

Você é amada. Z.

— Graças à deus ou eu podia nunca ter sabido que você existia. Sem o mistério de quem ‘Z’ era e porque ‘Z’ me enviou cartões, eu nunca teria pressionado Angelica o suficiente para ela ter me contado. — Lágrimas escorreram do nada e Charlotte virou sua cabeça.

Em um instante Zoe estava aos seus pés e depois seus braços estavam em volta de Charlotte.

— Minha doce irmãzinha, você iria me ver novamente. Eu deveria ter estado lá para você. Deixá-la saber que eu estava por perto. Sinto muito.

Charlotte apoiou sua cabeça no ombro de Zoe.

— Você não tem nada do que se desculpar. — As lágrimas bobas escorreram suas bochechas.

— Se eu houvesse estado lá para você, — a voz de Zoe falhou e ela respirou fundo. — Deveria tê-la deixado saber onde eu estava, mas pensei que papai te contaria. Não posso acreditar que não contou.

O telefone tocou. O toque de celular de Rosie.

Isso interrompeu a bagunça de emoções e Charlotte meio que riu enquanto endireitava-se.

— Melhor atender antes que Rosie mande Trev ver se ainda estou viva. — Ela beijou a bochecha de Zoe. — Amo você e sempre amarei.

Zoe pegou a garrafa de vinho enquanto Charlotte pegava o telefone e esfregava sua outra mão sobre seus olhos.

— Oi Rosie.

— Desculpe se interrompi. Pretendia perguntar na hora do almoço, mas meu filho levou você embora.

— Eu estava apenas conversando com Zoe. O que queria perguntar? — Charlotte sorriu enquanto Zoe reenchia seu copo.

— Bem, Lewis e eu estávamos conversando sobre o Natal e nos perguntamos se você e Zoe gostariam de vir aqui. Ou você e Trev tem planos?

Há, sei por que você ligou.

— Nesse momento não tenho nada planejado, além de uma vaga ideia de dormir até tarde. Na Véspera de Natal ano passado estive tão agitado na livraria e se esse pequeno projeto funcionar, podemos todos querer dormir o dia seguinte inteiro.

— Bobagem. Pretendo passar meu dia comendo panquecas no café da manhã seguidas por mais duas refeições natalinas completas.

Charlotte piscou para Zoe.

— Por que não falamos sobre isso de manhã com alguns minidoces?

Houve uma pausa.

— Ainda aí, Rosie? Ou você saiu para comprar bombas de chocolate?

— De jeito nenhum. Posso atrasar um pouco amanhã se não se importar de preparar tudo. Sei que não é o melhor dia para deixá-la sozinha. — Houve um

tom estranho na voz de Rosie.

— Manhãs de segunda-feira são apenas agitadas quando fazemos pedidos e acho que posso cuidar disso. Está tudo bem?

— Acho que sim. Apenas tenho um compromisso para ir com Lewis. Estarei lá assim que voltarmos à cidade, no entanto. E por favor pense sobre o Natal porque assim que as coisas ficarem agitadas com o projeto, esqueceremos de fazer planos.

— Apenas cuide-se. Vocês dois.

Elas disseram seus adeus e Charlotte desligou o telefone.

— O que houve?

— Não tenho certeza. Rosie disse que ela e Lewis tem um compromisso de manhã fora da cidade. E pareceu um pouco preocupada.

Rosie pareceu muito preocupada.

— Você não deveria ligar para Trev e ver se ele sabe o que está acontecendo?

Charlotte balançou sua cabeça.

— Estou pensando demais nisso. Trev está ocupado e nada está errado exceto que agora tenho que discutir com Rosie amanhã sobre onde ter a ceia de Natal.

Zoe se levantou.

— Bem, esse é um bom problema para ter e falar sobre comida me deixa faminta.



— Que horas comemos?

Trev bufou. Essa era a terceira vez que policial Koby Masterson fazia a mesma pergunta e sua resposta era a mesma.

— Logo. A menos que você pergunte novamente, caso em que é depois de eu deixá-lo em casa.

— Desculpe. — Koby esticou suas pernas no banco passageiro. — Eu como quando estou entediado.

— Ou você tem um metabolismo rápido ou não fica entediado frequentemente. — Trev olhou para o corpo magro de Koby. — Por que isso é entediante?

Eles estavam voltando para Kingfisher Falls depois de um patrulhamento nos arredores. A área que Trev cobria era menor que seu posto anterior, mas mais populosa.

— Vi uma vaca e portão de fazenda e você já viu todos eles.

Trev saiu da estrada principal.

— Você não é um rapaz do campo, então?

— Prefiro a cidade. Há sempre mais coisas acontecendo.

— Temos o suficiente aqui para mantê-lo ocupado. — Trev entrou em um estacionamento vazio cercado por eucaliptos altos e desligou o motor. — Hora de caminhar.

Armados com longas lanternas, os policiais seguiram uma trilha entre as

moitas.

— Aqui é onde os garotos locais andam?

— De vez em quando. A maioria deles são espertos demais para perambular aqui à noite.

— O que? Existem bunyips por perto? — Koby apontou sua lanterna para as moitas. — Olá... algum monstro assustador escondendo-se?

— Sério? — Trev balançou sua cabeça. — Um pouco menos de uso de sarcasmo e um pouco mais de seus olhos e pegará o jeito. Você vai na frente. Tente sem sua lanterna. — Ele parou e indicou para Koby ir primeiro.

O rapaz deu de ombros e avançou, mas manteve sua lanterna acesa. Em um minuto Koby estava fora da vista de Trev. No momento que Trev alcançou o painel de informações, Koby havia sumido.

— Que direção você foi? — chamou. Sem resposta, tomou o caminho para o mirante. Como era de esperar, Koby estava lá, olhando sobre a grade.

— Isso é legal.

— É. E algumas pessoas perderam suas vidas cometendo erros aqui.

Koby endireitou-se.

— Erros, ou suicidas? Nada para impedir alguém de escalar.

— Pelo menos é observador. Aqui e no alto das cachoeiras são ambas áreas de alto risco. Qualquer pessoa desaparecida você verifica essa área. Voltaremos de dia e iremos ao fundo, mas quero que fique atento aos perigos.

— O que tem no fundo? Posso ver um rio de onde a cachoeira cai.

— Muita mata densa. Uma poça que é quase calma, mas fica traiçoeira depois da chuva. E nenhuma trilha decente de caminhada. O sinal telefônico fica instável assim que você alcança esse ponto.

— Vamos mais longe?

Trev virou.

— Vamos voltar. Pensei que quisesse comida?

Koby estava ao seu lado em um instante.

— Você conhece alguém que caiu?

— Que tipo de pergunta é essa?

— Curiosidade. Pessoas realmente caíram ou isso tudo são boatos para afastar as pessoas?

Koby tinha um ponto. Com o péssimo estado das escadas perto da cachoeira, Trev gostaria da área restrita. Pelo menos havia um pouco de boas notícias com o conselho alocando alguns fundos para melhorar a trilha principal ano que vem. Ajudou com Doug envolvido e Jonas lutando para ser ouvido tanto quanto possível apesar de alguma forma ocupar o cargo de prefeito.

— Alguns meses atrás uma jovem mulher caiu na poça depois de dias de chuva. Ela foi arrastada tão rápido que foram necessários um detetive experiente e um serviço de emergência local para resgatá-la. E apenas algumas semanas antes um homem caiu para sua morte do alto das cachoeiras. Isso são dois acidentes somente esse ano.

Acidente não era a palavra certa, mas serviria.

Koby calou-se até eles alcançarem o carro patrulheiro.

— Então, que casos estão abertos?

— Você está na cidade a quanto tempo... três dias? — Trev ligou o carro.

— Eu preferiria que conseguisse uma sólida compreensão da região e quem é quem antes que quaisquer crimes aconteçam novamente.

— Não há nada? — Koby olhou pela janela. — Bem, acho que essa é uma cidade caipira.

— Basta, policial. Você apresentou a transferência e por isso é bem-vindo aqui. A cidade precisa de um segundo policial e se dedicar tempo e esforço conseguirá uma experiência decente no trabalho. Mas o seu comportamento não lhe dará nenhum amigo. Essa é uma comunidade próxima e os moradores amam Kingfisher Falls.

— Desculpe. — Koby olhou para Trev. — Me calarei e esperarei. Deve haver alguma atividade criminal mais cedo ou mais tarde.

— Espero que mais tarde. A boa gente dessa cidade tem tido o suficiente e precisa de uma chance de desfrutar a véspera do Natal. Quer comer hambúrgueres?

## CAPÍTULO 3



Charlotte bocejou enquanto preparava a livraria de manhã, desejando que tivesse ido para a cama um pouco mais cedo. Se isso teria feito diferença não tinha como saber porque ela mal havia dormido entre cuidar do lançamento do Aquela Árvore e preocupar-se com Rosie. Por tudo o que Charlotte sabia, Lewis e Rosie não estavam fazendo nada mais sinistro que encontrar um agente de viagens para preparar umas férias. Eles haviam falado de ir para o Havaí. E isso era um palpite melhor do que os outros pensamentos percorrendo sua cabeça.

Zoe saiu antes de Charlotte acordar. Elas haviam trabalhado tarde na sacada durante o jantar e o vinho, depois tomaram café quando a exaustão chegou. Charlotte havia completado todos os seus anúncios de redes sociais assim como postagens nas páginas da livraria e depois enviou um boletim informativo para seus subscritos. O último trabalho da noite foi um e-mail para cada um dos comerciantes participantes com uma lista de verificação final e mais imagens que poderiam usar para seus próprios clientes.

Havia um pouco mais para fazer agora do que colocar o banner e colocar os cartões no balcão. Com poucos minutos restantes antes da hora da abertura Charlotte deu uma corrida até a cafeteria da esquina depois de telefonar para o pedido com antecedência.

— Está quase pronto. — Vinnie, dono da cafeteria, confirmou de trás do balcão. — Não quer café da manhã?

— Hoje não, lamento. A noite foi longa então estou atrasada.

— Há... — Vinnie sorriu.

— Nenhum ‘há’ por causa disso. Houve uma tonelada de trabalho para finalizar o projeto Aquela Árvore. Você recebeu o e-mail? — Charlotte havia deixado a caixa dele de guloseimas em seu caminho para o Italia ontem.

Vinnie apontou para a pequena árvore no final do balcão. Não havia espaço dentro da cafeteria para a árvore normal, então criou uma exposição com uma das placas de Charlotte e uma lista de sugestões.

— Legal. Café, bem, isso é uma dádiva. Café para um, dois ou mais. Chá da manhã entregue. Almoço com sobremesa. — Charlotte pegou seu café. — Obrigada. Vamos esperar que isso decole.

— Com você por trás, Charlie, tenho toda a confiança. Isso é o assunto da cidade.

Ela sorriu todo o caminho de volta para a livraria. Essa cidade havia, por sua maior parte, a aceitado como um deles, e retribuir ajudando os lojistas a terem um bom dezembro significava muito. Havia uma sensação por toda a cidade de todos prendendo sua respiração. Esperando pelo próximo acontecimento perigoso. Mais crime. E apesar de não ter havido mais que uma multa por velocidade dada desde que Sid Browne e seu pequeno bando de

encenqueiros fora preso, a moral dos habitantes estava levando tempo para recuperar-se.

Ainda mais preocupante era a significativa diminuição de visitantes em Kingfisher Falls. Durante novembro inteiro os comerciantes falaram sobre a alarmante tendência do afastamento do tradicional aumento de vendas enquanto o ano encerrava. Jornais regionais culpavam uma mudança para compras online, mas isso tirava o foco da parte deles em criar sensacionalismo com os eventos anteriores no ano. A imprensa havia amado os assassinatos, e incêndio, e prisões.

— Mais razão ainda para eles apoiarem esse empreendimento. — Charlotte murmurou enquanto se deixava voltar para a livraria. Mais tarde, ou hoje à noite se a livraria estivesse muito movimentada, escreveria e enviaria um comunicado oficial e veria que publicidade gratuita estava sendo oferecida.

A primeira hora foi suficientemente silenciosa para Charlotte fazer os pedidos. Pedidos de Natal eram mais complexos que o resto do ano já que tinha que levar os encerramentos dos fornecedores em consideração assim como pedir o suficiente, mas não um excesso de livros de temas festivos. Esse era apenas seu segundo natal na livraria e ano passado, Rosie fez todos os pedidos, deixando que olhasse sobre o ombro dela.

Charlotte havia deixado a trava da porta aberta em tão agradável tempo que não demorou muito antes que o sino da porta a alertasse do primeiro cliente. Ela se levantou para cumprimentá-lo.

— Bom di...oh. Definitivamente não é um cliente. — Seu sorriso receptivo caiu.

Jonas Carmichael caminhou arrogantemente para o balcão e pegou um dos cartões em forma de árvore de Natal.

— Essa é uma de suas tentativas extravagantes de aumentar as vendas?

— Que presente você gostaria de doar? Tenho alguns maravilhosos livros infantis e alguns conjuntos encaixotados... que tal um livro sobre o meio-ambiente?

A expressão dele permaneceu em sua normal simpatia falsa, mas esses olhos estavam frios como pedra.

— Não? Por que está aqui, então? — Charlotte era raramente rude com as pessoas. Não quando criança, nem como psiquiatra e certamente não em um ambiente comercial. Mas esse homem estava por trás de quase tudo que dera errado em Kingfisher Falls e de alguma forma escapava da justiça. Jonas apenas servia a suas próprias necessidades, não da comunidade que afirmava apoiar por sua função no conselho.

— Fico feliz que esteja sozinha. Precisamos discutir suas objeções ao desenvolvimento imobiliário.

— Não há nada para discutir. Eu objeto ao desenvolvimento por todas as razões apresentadas. Junto com todas as outras respostas, o conselho debaterá e votará no devido momento. Por falar nisso, não é quebrar alguma lei tentar mudar minha objeção?



Jonas pegou mais dos cartões.

— Essa pequena promoção sua não fará diferença se a cidade não crescer. Entendo dinossauros como Lewis e Rosie resistindo a mudanças, mas você é jovem. Você é nova aqui. Então por que impediria outras pessoas de virem?

Um suspiro de desapontamento.

Charlotte tomou os cartões das mãos de Jonas e os colocou de volta em sua caixinha.

— Existem muitas casas vazias nessa cidade. E lugares melhores para construir casas que no meio da mata nativa com vida selvagem ativa. Imagino que seu problema nada tem a ver com querer mais pessoas aqui. Apenas com o lucro que esse desenvolvimento lhe trará pessoalmente.

O rosto dele endureceu e mesmo o sorriso forçado ficou raivoso. Jonas enfiou a mão em um bolso e tirou um envelope que deixou cair no balcão.

— Fatura para ajudar com o custo do funcionamento do Natal na área comercial central. Pagável em sete dias.

— Isso novamente?

— É hora de começarem a pagar suas despesas. — Jonas pegou a caixinha e jogou os cartões no chão. — É ali onde você e sua preciosa livraria estarão se não começar a encarar os fatos.

— Pegue-os.

— Retire suas objeções e farei qualquer coisa que quiser, Charlotte.

— Adeus, Jonas.

Jonas saiu apressadamente antes que Charlotte pudesse lhe dizer o que fazer com sua fatura. Então encarou suas costas, afastando-se depois para a bagunça no chão.



Ela estava pegando o último dos cartões quando Rosie chegou. Uma rápida explicação depois, Rosie estava no telefone.

— Você não precisa se estressar com ele. — Charlotte apoiou-se no balcão.

— Isso é uma evidente ameaça, oh, alô? Sim, aqui é Rosie Sibbritt da livraria Kingfisher Falls. Estou bem obrigada. — Rosie acenou para Charlotte ir embora, mas ela apenas sorriu. — Eu gostaria de fazer uma reclamação formal contra Jonas Carmichael e gostaria de conhecer o procedimento adequado.

— Rosie. Está tudo bem.

Ela ignorou Charlotte enquanto continuava.

— Jonas acaba de tentar ameaçar minha sócia insinuando que nosso negócio vai falir se não retirarmos nossas objeções legais para o desenvolvimento imobiliário. Isso, isso mesmo. E além do mais, Jonas deliberadamente jogou nossas coisas no chão em um ataque de raiva infantil!

Um cliente entrou e Charlotte o levou para o lado mais distante da livraria e o manteve ocupado até Rosie sair do telefone. Assim que ele pagou, incluindo o primeiro cartão do Aquela Árvore, ela correu no balcão e jogou-se em seu banco.

— Conte-me o que o conselho disse.

— Para escrever uma carta.

— Oh.

— Oh, mesmo. O que nós iremos. Mas por enquanto Jonas não é bem-vindo aqui e ficaria muito feliz em dizer-lhe pessoalmente.

Mais clientes vieram e estava perto da hora do almoço antes da livraria esvaziar novamente. Charlotte havia ficado de olho em Rosie, que estava em seu comportamento costumeiro alegre e receptivo com os clientes, porém, quieta demais entre eles.

— Você gostaria de almoçar primeiro? — Charlotte arrumou os cartões depois que outro cartão presente chegou. — Ainda estou trabalhando nos pedidos se quiser ir e ver Lewis.

— Lewis? Por quê?

— Por que Lewis é seu marido e você o vê em quase toda hora do almoço?

— Na verdade, querida, Lewis tirou o dia de folga. Provavelmente passando tempo no jardim ou sentado com os gatos. — Rosie arrumou alguns papéis. — Almoçarei aqui, então vá você seja lá para onde quiser.

Lewis nunca tirava um dia de folga, pois teria que fechar sua loja e nos doze meses que o havia conhecido, Charlotte apenas lembrava disso acontecendo depois do incêndio na esquina. Ela pegou a mão de Rosie. Estava fria, apesar do dia quente.

— Estou aqui se precisar conversar. Sobre qualquer coisa.

Os lábios de Rosie apertaram. A mão dela apertou a de Charlotte até tremer.

— Você precisa ir para casa?

— Lew está bem. Está dormindo porque fez uma pequena operação essa manhã. Eu deveria ter mencionado isso, mas não é nada para se preocupar então apenas guardei para mim mesma.

Charlotte colocou seu braço em volta de Rosie.

— Que tipo de operação?

— Algumas biópsias de pele. As notei em suas costas e Lew não sabia delas. Bem, ele sabia que estavam lá, mas não como pareciam.

— Tudo bem. Então elas foram biopsiadas. O que o médico disse na hora?

— Não muito. — Rosie apoiou sua cabeça no ombro de Charlotte com um profundo suspiro. — Estou preocupada.

— Claro que está. Mas sabe o que? As chances são que sejam benignas. E se não, existem camadas de nódulos e inchaços na pele, cuja maioria apenas precisa de remoção. Vocês dois saberão em alguns dias e depois terão um plano de ação, se necessário.

Com um aceno de cabeça, Rosie endireitou-se.

— Desculpe por ser tão ridícula.

— Isso é uma algo que você nunca é! — Charlotte beijou a bochecha de Rosie e a soltou. — Você o ama então preocupar-se é normal. Lewis está bem? Ele gostaria de conversar comigo?

— Gentileza sua oferecer, mas tenho certeza de que está lidando melhor que eu.

Alguns minutos depois, Charlotte saiu da livraria. Rosie havia tomado um momento para recuperar-se e insistiu que estava bem novamente e a conversa colocou as coisas em perspectiva.

Depois de uma rápida parada na padaria, ela foi para a galeria, armada com almoço. Zoe não pararia tempo suficiente para uma refeição exceto se forçada a isso. Compreensível, com tanto por fazer antes da inauguração em algumas semanas, mas Zoe precisava comer.

Olhe para você. Cuidando de sua irmã mais velha.

Charlotte sorriu. Os últimos meses com Zoe foram como um sonho maravilhoso se tornando realidade depois do furacão de Charlotte descobrir que tinha uma irmã mais velha e os eventos que levaram à reunião delas. Elas eram mais que irmãs. Eram amigas. E nada as separaria novamente.

Na rotatória Charlotte foi para a esquerda e quase bateu em uma alta pessoa vindo da direção oposta.

— Oh, desculpe.

— Imagina, foi minha culpa. — O homem a contornou, sua cabeça virada e seus ombros caídos. Em alguns segundos ele havia desaparecido virando a esquina.

Charlotte olhou para ele.

— Henry?



Trev e Koby estavam patrulhando a pé e hoje, o jovem policial estava mais bem-humorado. Koby fazia perguntas em vez de reclamar sobre seu estômago estar vazio ou estar entediado.

— Fiz um pouco de pesquisa e acredito que o conselho local irá consertar as trilhas de caminhada onde fomos noite passada. — Koby disse.

— Até certo ponto, sim. Inicialmente haverá algum serviço de manutenção na trilha entre o mirante e a poça embaixo. Costumava ser acessível para carrinhos de bebê e cadeiras de roda e coisas assim, mas não por alguns anos então isso melhorará em muito a segurança. Por não ter muito dinheiro sobrando nos cofres, estão fazendo uma solicitação para alguma repartição governamental por mais financiamento, então veremos o que acontece.

— Menos chance de pessoas caírem.

Trev balançou a cabeça, mas sorriu.

— Não há necessidade de parecer desapontado. — Eles pararam na rotatória. — Vou apresentá-lo para alguns dos lojistas. Melhor se eles colocarem um rosto ao seu nome antes de precisarem chamá-lo por qualquer coisa.

O primeiro conjunto de lojas estavam movimentadas e Trev acenou e continuou até alcançarem a loja de Esther. Eles passaram alguns minutos lá, com Esther tão amigável como sempre foi e Koby educado apesar de falar pouco. Eles saíram e foram um pouco mais além onde Trev os parou.

— Um pouco de contexto. Esther é casada com Doug Oakes, que não é apenas o principal chef e coproprietário do Italia, mas uma recente adição ao conselho local. Ambos são moradores antigos e pessoas com quem pode contar.

— Italia é o restaurante italiano na frente do chinês.

— Indiano, não chinês.

Koby deu de ombros.

— Mesma coisa.

— Não. Não a mesma. India Gate House pertence a uma família que está na terceira geração morando em Kingfisher Falls. O pai o gerencia, e a filha deles ajuda, mas ela também possui a Falls Photography & Frames, bem ali.

— Trev indicou com a cabeça a rua. — Visitaremos lá depois.

Um caminhão com uma plataforma elevatória na traseira passou e os dois homens se viraram para observá-lo manobrando na rotatória.

— Decorando a árvore. Um veículo do conselho fez o mesmo, empilhado com sinalização.

— Bom. Podemos deixá-los trabalhar.

Detrás da esquina, um homem alto aproximava-se, seus olhos no chão.

— Próxima loja? — Koby perguntou.

— Espere um segundo.

O homem aproximou-se e olhou para cima. Seu rosto angular empalideceu e ele quase tropeçou nos próprios pés.

— Henry. Espere. — Trev o encontrou no meio da calçada. — Você está bem?

Sem olhar para Trev, Henry confirmou.

— Quando voltou?

— Outro dia. Eu deveria ter contado a você? Comunicado ou coisa assim?

— Não sei, amigo. Não havia percebido que estava voltando para cá.

— O advogado fez um acordo por um depoimento e estou livre de todas as acusações. Apenas quero viver em paz. — Henry se arrastou de um pé para o outro.

— De volta no bistrô?

Henry levantou sua cabeça.

— Quem me contrataria agora? Posso ir?

— Claro. Precisando de alguma coisa, venha me ver.

Não houve resposta alguma enquanto Henry continuava para onde estava indo.

— Interessante. — Koby disse. — Amigo seu?

— Conheço ele minha vida inteira. Se envolveu na proteção de um criminoso. Não inteiramente culpa dele, mas um dos crimes foi um antigo assassinato. — Trev digitou uma nota em seu telefone. — Próxima parada, a cafeteria na esquina e não apenas para você conhecer Vinnie. Eu preciso de café.

## CAPÍTULO 4



— Sei que disse que comeria aqui então trouxe um pouco de café. E um maravilhoso rolo de salada porque sei que não trouxe almoço. — Charlotte entregou o café para Rosie. — O rolo está na geladeira para quando você quiser comer e fazer uma pausa. Que tal agora?

— Isso é atencioso, querida. Irei logo, mas posso ter isso com você. — Rosie bebeu e recolocou o copo. — Está quente!

— Trev está andando pela cidade com esse novo policial. Já o conheceu?

— Não. Por falar nisso, mal vi meu filho semana passada.

— Ele disse que quer que o cara novo aprenda rápido para que possam começar a organizar os turnos. Noite passada foram ao mirante.

— Imagino que não esteja vendo muito Trev também. — Rosie tentou seu café novamente.

— Não tanto, mas eu tenho estado ocupada com a realização do projeto Aquela Árvore então quando estou livre, Trev não está e vice-versa. Porém, isso não será por muito tempo.

— Vocês precisam de um belo piquenique juntos.

— Precisamos.

— Por que não depois do trabalho? Os dias são tão longos. — Os olhos de Rosie estavam felizes novamente. — Vocês dois podiam se sentar ao lado da poça e ter um maravilhoso jantar no entardecer.

Charlotte sorriu.

— Parece perfeito. Verei quando Trev está livre e faremos isso.

— Bom. Como diabos pretendem progredir se não trabalham para isso?

— Rosie!

— Bem... não estou ficando mais jovem aqui.

O zumbido da campainha salvou Charlotte de responder, mas quando Trev entrou, seguido por um policial, ela estava muitíssimo consciente do calor em suas bochechas.

Ele ergueu suas sobrancelhas e olhou para Rosie, que lhe deu um sorriso inocente. Trev riu. Se alguém entendia o que Charlotte tinha que aturar, era o próprio filho de Rosie. Pelo menos agora que Trev estava vivendo na casa de Lewis até vender, eles haviam conseguido passar um tempo juntos sem os pequenos comentários sobre seu futuro que Rosie havia começado a derramar na maioria das conversas.

— Mãe, Charlie. Pensei em apresentá-las ao policial Koby Masterson. Koby, essa é minha mãe, Rosie.

Koby inclinou sobre o balcão para apertar a mão dela.

— Prazer conhecê-la, madame.

— Me chame de Rosie, querido.

Charlotte deu a volta no balcão, sua mão estendida.

— E essa é Charlotte, doutora Charlotte Dean.

— Prazer em conhecê-la... doutora?

Ela balançou a cabeça.

— Charlotte está bom. Ou Charlie. Vi vocês entrando na loja da Harpreet mais cedo. Conhecendo a cidade, Koby?

— Não é muito difícil, sendo uma cidade pequena e tudo, para me orientar. Mas serão necessárias algumas visitas às lojas para me lembrar de todo mundo, então espero que ninguém ligue de eu aparecer algumas vezes. E preciso comprar suprimentos também.

— Será sempre bem-vindo, Koby. — Rosie perguntou. — Você é daqui?

— Não. Garoto da cidade. Estou ficando no pub até encontrar uma casa compartilhada em algum lugar.

Trev chamou a atenção Charlotte e foi para o fundo da livraria. Ela o seguiu. Rosie e Koby ainda estavam conversando e não pareceram notá-los desaparecer na cozinha.

— Koby é legal. — Charlotte disse. — Vi alguma coisa estranha hoje.

— Alguma coisa? Ou alguém? — Trev se inclinou sobre o balcão. — Por acaso viu Henry?

— Bom. Por um momento pensei que estivesse de volta nos dias de Alison aparecendo quando ninguém mais estava por perto. Então você sabia que Henry estava de volta?

— De jeito nenhum. Vou confirmar depois, mas Henry disse que seu advogado fez um acordo para ele. Com todos esses anos mantendo os segredos de outras pessoas, imagino que tenha muita informação que os promotores achariam interessantes.

A porta zumbiu e Charlotte colocou sua cabeça na frente do batente.

— Clientes. Oh, Rosie está com eles.

— Preciso ir, caso contrário Koby reclamará de tédio e eu lhe darei uma pilha de papelada para que aprenda o que tédio realmente significa. — Trev sorriu e deu a Charlotte um beijo rápido. — Você ajudará Zoe hoje à noite?

— Zoe mais ou menos conseguiu as coisas como queria, então agora está concentrando-se nos detalhes secundários. E não precisa de mim para isso.

— Nesse caso, gostaria de jantar? O agente mobiliário disse que tem pessoas vindo conhecer a casa de Lew depois do trabalho então preciso estar fora. Indian?

— Sim, por favor.

Rosie estava em algum lugar no fundo da livraria enquanto eles saíram novamente. Koby estava de costas para eles, mexendo nos cartões de árvore de Natal. Ele pulou quando eles chegaram mais perto e os arrumou.

— Desculpe. Ótimas cores. Acho que essa é uma boa ideia. Ajuda todo mundo.

— Estamos saindo. Reservarei o jantar e te aviso? — Trev continuou andando.

— Parece bom. Faça um ótimo patrulhamento.

Charlotte não tinha certeza se Trev riu ou ofegou um pouco em resposta enquanto liderava o caminho ao sair da livraria. Koby seguiu, virando para balançar a cabeça na porta.

— Que rapaz gentil — Rosie juntou-se a Charlotte. — Acho que Koby se dará bem aqui. Contou a Trev sobre Jonas?

— Esqueci. Mas jantaremos juntos, então contarei depois.

— Excelente! Sobre o jantar de qualquer maneira.

Conforme a tarde avançava, a livraria ficava mais movimentada então não conseguiram conversar mais depois de terem contado as vendas do dia.

— Essa é uma agradável surpresa, querida. Para uma segunda-feira, e a primeira semana de dezembro. Um resultado muito positivo e atribuo isso às maravilhosas promoções que fez. — Rosie apontou para a árvore de Natal. — Olhe para esses cartões presente!

Isso era verdade. Quase todo cliente comprara um cartão presente.

— Estou comovida. Mesmo apesar de alguns deles serem de apenas alguns dólares, isso faz diferença. E amo que esteja novamente guardando cinco dólares toda vez que um cartão presente vai para a árvore. Você é generosa e maravilhosa, Rosie.

Rosie corou e agitou sua mão.

— Você sabe, dinheiro não importa para mim. Nunca importou. Você poderia ter perguntado a Graeme e ele teria revirado seus olhos e suspirado. Graeme era o esperto com investimentos, mas eu, se alguém precisa de algo e tenho o suficiente, por que não compartilhar?

Charlotte a abraçou.

— E você me deu esse negócio.

— Sim, mas apenas quando eu me aposentar. Pode demorar anos.

Posso esperar.

— Você amará a aposentadoria. Viajar e passar o tempo com esse novo marido seu.

— Por falar nisso, quero ir e ver como Lewis está se sentindo, mas precisamos decidir sobre o Natal! Aqui está a bolsa de dinheiro.

Charlotte a pegou e foi para a cozinha onde elas mantinham o cofre, com Rosie logo atrás.

— Fico feliz com o que mais lhe convier, Rosie.

— Você não fez planos? Com Trev? Sei que falaram sobre visitar River's End.

— Talvez em janeiro. — Charlotte trancou o dinheiro. — Darei a ele tempo para treinar Koby e passarmos os dias movimentados daqui. Por que você e Lewis não vem conosco?

— Gatos.

— Zoe cuidará deles.

O rosto de Rosie animou-se.

— Nunca vi Mayhem se apegar da maneira que se apegou com sua irmã. Mayhem realmente gosta dela. Mas tenho certeza de que Zoe tem o suficiente

para fazer sem se preocupar com meus gatos.

— Peça à Zoe. De qualquer maneira, há tempo de sobra. Trancarei a porta após você sair.

Fora da livraria, Rosie ajustou sua bolsa em seu colo.

—Tenha uma boa noite.

— Terei. E por favor dê a Lewis meu amor. Sei que tudo ficará bem.

A expressão nos olhos de Rosie estava incerta, mas ela acenou e partiu. Charlotte olhou até Rosie atravessar a primeira rua, depois trancou-se na livraria.

Luzes apagadas, arrumou o balcão e rearranjou alguns dos cartões presentes na árvore para deixá-los mais visíveis. Charlotte e Rosie encorajavam clientes a pendurarem os deles assim que pagavam e o cartão-presente tinha sua quantia escrita e era grampeado na decoração em forma de árvore de sua escolha. Logo, a árvore ali e nas outras onze lojas participantes estariam cheias. E depois poderiam começar o grande, mas recompensador, trabalho de tornar o Natal um pouco mais fácil para aqueles que estavam passando por dificuldades.

Quando olhou para a porta dos fundos, ela viu seu reflexo. Charlotte estava sorrindo. Se o projeto Aquela Árvore funcionasse, então apenas o bem poderia vir pelo tempo e esforço exercido nele até agora. Com tanta generosidade, nada poderia estragar isso.



Trev já estava no India Gate House quando Charlotte chegou. Ela havia parado para coletar a correspondência da caixa da agência postal, jogando um grosso maço de envelopes presos juntos com um elástico em sua bolsa e imediatamente os esqueceu.

A noite estava começando. E Charlotte havia encontrado uma blusa azul clara que combinou com uma saia creme de comprimento longo. O material estava sedoso contra suas pernas enquanto caminhava e por alguma razão ela saboreou o momento. Charlotte amava o verão e essa semana marcava um ano inteiro desde que chegou em Kingfisher Falls.

Trev sentou-se em uma cadeira das mesas externas e quando a viu, empurrou sua cadeira para trás com um grande sorriso. Ele a beijou e tomou suas mãos nas dele.

— Você está linda, Charlie. Estival.

— Obrigado. Me sinto estival.

Trev puxou a cadeira dela e assim que Charlotte se sentou, foi para a dele.

— Aqui fora está bem? Pareceu uma pena desperdiçar a bela noite lá dentro.

— Está perfeito.

Harpreet correu para fora com um menu e água e elas conversaram por alguns minutos sobre as doações antes dela levar o pedido.

— Me pergunto como o resto está indo. — Charlotte olhou em volta. O restaurante estava movimentado, assim como o Italia na outra esquina. Música



e falatório percorriam o ar criando uma sensação divertida e festiva.

— Como a livraria foi hoje? — Trev derramou água em seus copos. — Pareceu movimentada.

— Estava. E as pessoas foram generosas. Se isso é apenas um corre-corre inicial ou se continuará ainda não se sabe. Como seu policial está se saindo?

Trev revirou seus olhos e Charlotte riu de sua expressão dolorida.

— Eu não deveria ser tão duro, mas Koby reclama o tempo todo. Koby está com fome. Koby está entediado. E não sabe por que alguém viveria aqui de propósito.

— Bem, quase a exatamente um ano atrás, deixei de ser uma garota da cidade para sempre quando mudei para o apartamento. Sei que estive em River's End por um tempo, mas foi temporário. Não sabia o que queria ou o que meu futuro reservava, mas agora sou firmemente uma garota do campo.

Harpreet voltou com uma garrafa de vinho branco.

— Antes que abra isso — Trev olhou para Charlotte. — Alguma chance de trocarmos por algo com bolhas?

— Claro. — Os olhos dela dispararam dele para Charlotte. — Noite especial? Algo para... comemorar?

Calor subiu do pescoço dela para seu rosto e Charlotte riu disso.

— Sim, mas apenas por ser meu primeiro aniversário vivendo em Kingfisher Falls.

— Oh. Bem, estou feliz que viva aqui. Tem certeza de que não há mais nada? — A expressão esperançosa de Harpreet foi engraçada. — Não? Tudo bem, encontrarei algo bom e voltarei imediatamente.

Estendendo a mão sobre a mesa, Trev tomou uma das mãos de Charlotte.

— Agora, como você sabe que essa é a única coisa para comemorar? — Os olhos dele refletiram o brilho da vela no meio da mesa, dando-lhe um ar de mistério.

Que coisa boa, pois eu amo um mistério.

Houve a mais estranha batida no coração dela. Uma leveza em sua cabeça. O tempo pareceu desacelerar.

— Charlie? — Trev inclinou-se mais perto. — Há algo que eu queria...

— Aqui está. Encontrei uma garrafa de verdadeiro champanhe e está até mesmo gelada! — Harpreet interrompeu, alheia ao momento. — Aqui estão as taças, trarei algumas entradas em apenas um minuto.

Assim que suas taças foram enchidas, Harpreet desapareceu novamente. Trev ainda segurava a mão de Charlotte, mas agora havia humor em seus olhos. O momento havia passado para seja lá o que Trev estava tentando perguntar.

— Melhor brindar a algo. — Trev sorriu e soltou a mão dela, passando-lhe uma taça e depois segurando a sua no alto. — Aos amigos.

— Amigos?

— Esses que são tão prestativos que não percebem um momento

potencialmente importante.

Clink.

Charlotte não bebeu, porém.

— Eu tenho um.

— Você tem?

— Sim. Para momentos que continuarão importantes não importa quão demorados são.

Trev abaixou sua taça e inclinou-se para beijar os lábios de Charlotte.

— Momento errado, lugar errado. — Trev sentou e pegou sua taça novamente.

Depois de um gole ou dois de champanhe, Charlotte se perguntou quando deveria mencionar a visita de Jonas essa noite. Por mais que preferisse não tocar no assunto, conhecia Trev muito bem. Ele ficava mais confortável sendo mantido informado quando algo não estava certo. E um dos maiores problemas do tempo dela fora Jonas Carmichael.

— Por que está tão sério?

— Pensando em Jonas. — Charlotte quase riu alto pela resposta dele. Trev se sentou novamente, seu rosto mostrando exatamente o que pensava do homem.

— Então estou sendo romântica, estamos tendo uma rara noite jantando fora, bebendo champanhe, e você está pensando em Jonas. Há algo que eu precise saber?

Ela riu. Foi impossível não rir. E depois tomou um gole de champanhe.

Trev riu.

— Agora você está zombando de mim. Bem, Jonas é solteiro.

Charlotte quase não conseguiu engolir sua bebida. Tossiu algumas vezes.

— Verdade. E é o prefeito, mas só deus sabe como conseguiu obter votos suficientes.

— O que ele fez?

— Jonas veio me visitar na livraria essa manhã. Antes de Rosie chegar. Queria discutir minha objeção ao desenvolvimento imobiliário.

— Continue.

— Me disse que o projeto Aquela Árvore é uma perda de tempo porque se a cidade não crescer, nenhum negócio crescerá. A bobagem de sempre. Ele me deu uma fatura de quinhentos dólares para as decorações da cidade e depois jogou todos os cartões no chão e saiu furioso.

— Esse é o prefeito de Kingfisher Falls?

— Infelizmente, sim. Rosie insistiu em fazer uma reclamação por telefone e foi orientada a fazer isso com uma carta.

— Você deve reclamar mesmo. E ter uma conversa com Doug para perguntar sobre o processo para ter isso apresentado em uma reunião. Muito além do possível dano à propriedade da livraria, Jonas passou do limite ao tentar mudar sua objeção.

— Eu lhe disse isso. — Charlotte terminou sua taça. — E não pagaremos

aquela fatura absurda.

Trev reencheu a taça dela e ambos olharam as bolhas subirem.

— E quanto a Henry? — Ela perguntou.

— Fiz algumas ligações. Dei a Koby algumas informações e a participação dele em ajudar a esconder aqueles assassinatos. Henry recebeu um acordo e apesar de ter algumas restrições, está livre para viver e trabalhar. E ele encontrou um apartamento para morar. O problema é se conseguirá trabalho.

— Doug contratou um criminoso recuperado. Henry é um homem tão bom, tão simpático e prestativo. Com certeza alguém entenderá por que fez o que fez?

— O homem com que falei mais cedo era uma sombra do Henry que conhecemos. Mal me olhou nos olhos e não quis ficar e conversar. Vou verificá-lo, porém. Garantir que esteja bem.

Charlotte concordou. Se Henry precisar de alguém para conversar...

Trev inclinou sua cabeça.

— Tenho certeza de que lhe ofereceram aconselhamento.

— Talvez. Mas Henry está lidando com a vergonha. E arrependimento por não se manifestar. Muito provavelmente seu medo irá impedi-lo de buscar ajuda. Mas ele me conhece. Uma conversa informal poderia deixá-lo expor algumas de suas preocupações.

— Não leve a mal, mas conversas informais com amigos são uma coisa. Conversar com Henry profissionalmente quando você não está trabalhando...

Trev estava certo, naturalmente.

Charlotte pegou sua taça.

— Acho que desisti do direito de ajudar pessoas como Henry.

— Charlie?

Com algum esforço ela ignorou o nó em seu estômago e sorriu.

— Estou bem. Às vezes apenas esqueço.

— Você sente falta disso? Ter seu consultório? — Trev esticou a mão sobre a mesa e tomou a mão dela novamente, seu polegar acariciando seus dedos.

— Sei que ainda é licenciada, então voltaria a isso?

Eu voltaria? Não posso. Então isso não importa.

— Minha vida é aqui, Trevor. Não em Brisbane. E antes que diga que eu poderia trabalhar aqui, não é o caso de alugar um consultório e pendurar um aviso na porta. Graças à indenização de Alison, o custo de seguro está muito alto para mim agora. E há reputação a considerar, o que significa, que não tenho nenhuma. — Charlotte levantou a mão de Trev e beijou. — Precisamos conversar sobre outras coisas. Não Jonas e Henry e Alison.

— Sim. Chega de conversar sobre eles, pois parece que Harpreet está trazendo o jantar.



Eles estavam quase de volta no apartamento quando Trev recebeu uma ligação.

— Desculpe, Charlie. Parece que uma árvore caiu na estrada indo para

Gisborne.

— Vá e faça coisas da polícia. — Charlotte levantou-se na ponta dos pés para beijar os lábios dele. — Vejo você amanhã?

— Sim, verá.

Trev esperou até Charlotte ter aberto sua porta e deu tchau, antes de desaparecer na noite. Não querendo acordar Zoe, ela deixou as luzes apagadas e foi direto para o quarto. O jantar havia sido delicioso e a companhia maravilhosa, sem mais conversa negativa. No caminho de volta, pararam na fonte para que Charlotte pudesse tirar algumas fotos da água esguichando sobre as luzes coloridas. Ela tirou disfarçadamente algumas de Trev quando ele não estava olhando.

Charlotte se sentou em sua cama e vasculhou sua bolsa pelo telefone para que pudesse olhá-las, mas a primeira coisa que encontrou foi o maço de correspondência. O elástico em volta dela arrebentou quando a tirou e ela caiu espalhando-se. Um a um, Charlotte recolheu os envelopes. Contas, cartões de Natal para a livraria, e coisas assim. E uma carta para ela.

A leveza anterior em sua cabeça voltou e dessa vez não pela presença de Trev.

No envelope havia um logo que Charlotte conhecia muito bem. Anos tendo sua prática psiquiátrica a deixaram familiar com esse corpo administrativo.

## CAPÍTULO 5



Charlotte se sentou na frente de Jonas em seu consultório. Seu consultório municipal em um arranha-céu com vista para Brisbane. Jonas esparramado em uma confortável poltrona que ela mantinha como uma de várias opções para os pacientes usarem. O bloco de notas dela estava cheio com comentários escritos à mão.

— Contarei a você tudo, doutora. — Jonas sorriu arrogantemente.

— Tudo? Até mesmo que participação teve na morte de Cecil?

— Claro. Sou um livro aberto, então pergunte de qualquer maneira.

— Primeiro, me conte por que quer ser prefeito de Kingfisher Falls?

— Para ter todo o poder e todo o dinheiro. E você não pode contar a ninguém porque estamos em um privilégio de confidencialidade de paciente e cliente. A não ser que o rompa como rompeu com Alison.

Alison? Alison me fez perder tudo.

Charlotte olhou em volta. O consultório desmanchou. Primeiro as janelas caíram. Depois as paredes. Jonas estava rindo e continuou mesmo depois dele derreter na poltrona. Charlotte olhou para baixo. O bloco de notas estava vazio.

Ela se levantou de repente. Na cama. Em seu quarto em Kingfisher Falls.

— Charlie? Você já está acordada? — Zoe abriu a porta um pouquinho e espiou.

— Oh, bom! Café da manhã em quinze minutos, querida.

Depois, Zoe se foi e Charlotte jogou-se novamente nos lençóis e cobriu sua cabeça.

Esse não foi o primeiro sonho sobre ter seu consultório de volta desde aquela carta a duas semanas atrás.

O surgimento de Jonas foi uma nova e curiosa adição. Algo a considerar quando estivesse devidamente acordada e pudesse analisar isso ainda mais. Seu estômago roncou e uma olhada no relógio a fez gemer.

— Lamento que eu tenha dormido tanto. — Vestida em shorts e camisa, seu cabelo amarrado em um rabo de cavalo, Charlotte chegou na cozinha apressadíssima. — Posso ajudar?

— Apenas leve os talheres e pão para a sacada, caso não se incomode. — Zoe abriu o forno e cuidadosamente tirou uma bandeja. — Estes estão bem quentes então irei levar um de cada vez.

— Cheira divinamente. — Charlotte preparou a mesa e disse bom dia para a árvore de Natal. Ela brilhava na luz, ou pelo menos, seus enfeites brilhavam.

Zoe apareceu.

— Aqui está um. Buscarei o outro se puder levar o café.

Um minuto depois, ambas se sentaram.

— Isso está bom, Zo. Obrigada.

— É um prazer. Eu gosto de ter alguém para quem cozinhar. Me faz parar de trabalhar um pouco. Agora, debaixo da cobertura está minha mistura especial de tomate com manjerição, pimenta, e um toque de alecrim. Do seu jardim, posso acrescentar. Há um ovo escalfado em cada uma e quão sortuda fui por ter dois com duas gemas! Dobra o sabor maravilhoso.

— Que bom seria ter algumas galinhas! — Charlotte levantou a cobertura da massa um pouco e vapor subiu, junto com os mais deliciosos aromas. Então pegou para si um pedaço de pão. — Não tenho certeza quanto espaço eles precisam, porém.

— Você ainda é uma garota tão urbana. — Zoe bebeu café, seus olhos vivos com humor. — Se cercasse o jardim perto da trilha da garagem elas poderiam ficar soltas o dia todo e ir para um galinheiro à noite.

— Hum.

— Hum?

— Você acha que eu deveria voltar para minha antiga vida, ou alguma versão dela? — Dando uma mordida no pão, desejou que não tivesse perguntado. Com sua boca cheia havia pouca chance de temperar a pergunta com uma piada.

Zoe inclinou para frente.

— De onde veio isso? E pode esperar até terminar de comer para responder.

Charlotte quase cuspiu o pão quando um riso surgiu. Zoe era muito mandona. Mas isso lhe deu um momento muito necessário para pensar sobre sua resposta. E antes de fazê-lo, experimentou o café que estava sempre perfeito sob a talentosa mão de sua irmã.

— Eu estava sonhando com meu consultório em Brisbane.

— Interessante. Apenas o consultório?

— Não. Jonas Carmichael era meu paciente.

— Oh meu deus! Imagina ter que ser sua terapeuta.

— Na verdade, achei isso fascinante. Jonas escolhe ser prefeito de uma pequena cidade e administrar um pequeno escritório advocatício sendo que está mais que qualificado para entrar na política em um nível alto ou buscar parceria com uma empresa na cidade. Ele joga jogos perigosos por trás das cenas e é esperto o suficiente para manter-se livre de quaisquer acusações criminais. — Charlotte engarçou um pedaço de tomate.

Zoe ergueu suas sobrancelhas.

— E isso a incomoda.

— Eu amaria vê-lo ser processado por todas as coisas ruins com que se envolveu.

— Você perguntou se acho que deveria voltar a ser uma psiquiatra. O que *you* pensa sobre isso?

Essa era a pergunta chave.

— Tenho tudo aqui. Mais que tudo. Você, Trev e Rosie. A livraria, pelo menos um dia. Uma vida que não teria imaginado a dois anos atrás, mas... —

Ela mordeu seu lábio inferior.

Zoe a olhou sobre a borda de seu copo. Os olhos dela eram gentis, encorajadores. Pelo menos, isso é o que Charlotte lia. Então acalmou-se.

— Parte de mim sente falta de ajudar pacientes. Que bom que tenho Rosie para me manter na linha.

Ambas riram e a conversa mudou para a grande inauguração da galeria. Zoe estava tão calma sobre isso que Charlotte brincou com ela se era realmente hoje.

— Estou preparada. A galeria está pronta. Tudo que preciso é estar lá para arrumar as coisas para o bufê e depois o tempo voará.

— E estarei lá tão cedo quanto puder para ajudar.

— Então termine o café da manhã e tome um banho. Você não abre a livraria nos sábados?



Sonhos bobos e preocupações demais sobre as opções repentinamente e inesperadamente caíram no colo dela. Esses estavam atrás de seu início tardio. Charlotte repreendeu-se enquanto corria pela livraria, ciente dos clientes esperando lá fora. Não havia tempo para aspirar o tapete ou endireitar as prateleiras.

— Bom dia! — abriu a porta e a prendeu aberta. — Por favor entrem.

E então o dia começou. Rosie chegou meia hora depois e elas mal tiveram tempo para se cumprimentarem até a hora do almoço. Ambas se sentaram atrás do balcão com um suspiro.

— Meu deus, querida. Acho que tivemos um bom dia de trabalho por algumas horas! E olhe para a árvore!

Na quinzena desde que a promoção começou, a árvore havia ido de vazia para quase coberta com os cartões em forma de árvore, cada qual com seu próprio cartão presente pendurado embaixo. Dificilmente houve um cliente que não contribuísse para o Aquela Árvore e o estoque de notas de cinco dólares de Rosie continuou mantido sob sete chaves à medida que aumentava.

— Ano passado doamos cerca de quinhentos dólares para Darcy e Abbie, se lembro corretamente. — Rosie abriu uma garrafa de água. — A não ser que algo mude, deverá ter o dobro disso para seja lá quem decidirmos que precisa disso mais perto do dia do Natal.

— E nem mesmo fizemos uma lista de candidatos. Você tem alguma ideia?

— Bem, sim. Mas duvido que será elogiada.

Charlotte tinha a sensação de que sabia o que Rosie diria. Elas haviam tido mais de uma conversa sobre Henry e suas dificuldades para voltar para a cidade.

— Isso é problema da livraria, Rosie. Ninguém mais precisa saber.

— Verdade. Então o que acharia de Henry sendo o favorecido? Afinal, ele causou muito sofrimento por um tempo.

Sim, havia mesmo. Os bilhetes anônimos debaixo da porta do apartamento dela podem ter ajudado em sua investigação sobre a morte de Octavia Morris,

mas isso também a encenou com Trev e detetive Bryce Davis quando manteve algumas coisas em segredo. E Henry a seguindo, tirando fotos de lugares diferentes, havia lhe deixado alerta e assustada por algum momento depois do assassino ser identificado.

— Eu lamento por ele, Rosie. Henry tem alguns desafios emocionais, e foi obrigado pela culpa e lealdade de proteger as pessoas erradas. Tenho o visto pela cidade e sua cabeça está sempre baixa.

— Bem, eu falarei com o pastor Stevens. Ver se o comitê da igreja é capaz de estender uma mão amiga. E depois tomaremos nossa decisão. Fico feliz que Henry conseguiu um pouco de trabalho entregando jornais, mas isso está longe sequer de ser um emprego razoável.

A livraria ficou movimentada novamente e apesar de Charlotte ter insistido que Rosie tirasse uma pausa de almoço, ela mesma continuou trabalhando. Porém, em determinado momento ela atendeu várias famílias ao mesmo tempo e estava no canto da livraria quando Jonas entrou. Charlotte se enfureceu, mas teve que manter um sorriso em seu rosto por causa dos clientes.

Jonas jogou um envelope no espaço de trabalho delas atrás do balcão e depois apontou para ele. Charlotte deu-lhe as costas, não querendo jogar seus jogos. Decidida a ajudar a família a encontrar os presentes perfeitos para seus amigos, ela esqueceu que Jonas havia estado lá até ir atrás do balcão com as compras delas. O envelope olhava para Charlotte que o empurrou para o lado de Rosie. Sem dúvida um lembrete sobre o dinheiro que Jonas achava que elas deveriam pagar ao conselho pelas decorações festivas e árvores em volta da cidade.

— Aqui está. E porque não precisam deles embrulhados para presente, colocarei um cartão de Natal em cada livro para que possam acrescentar um toque pessoal.

Quando Rosie voltou, com dois cafês e uma caixa de minidoces, ela torceu seu nariz diante da vista do envelope.

— Quando isto chegou?

— No minuto em que saiu. Eu estava ocupada com clientes e Jonas entrou, jogou isso sobre o balcão e garantiu que eu o visse. Pensei que o conselho estivesse de recesso nas férias?

Rosie olhou para o envelope que tinha o logo do conselho no canto.

— Estão, — Ela o colocou em sua bolsa. — Antes que fiquemos ocupadas novamente quero que saiba que não há problema em sair seja lá quando precisar. Posso fechar porque consegui mais tempo para me preparar e sei que você quer ajudar Zoe.

Charlotte olhou para seu relógio. Menos de três horas até fechar.

— Obrigada. Vamos ver como será as últimas horas, mas caso contrário subirei no minuto que fecharmos.

— E fique ainda mais bonita!

— Há, há. Tentarei me deixar apresentável. Sabia que a imprensa vai estar



lá? Lewis está com aquele smoking preparado?

Rosie riu. — Sei que Zoe disse que ninguém precisava se vestir bem, porém aqui estamos. Pois quantas vezes temos uma celebridade entre nós para apoiar?

— Oh, Zoe ficará sem graça por ouvir que é uma celebridade. Mas mal posso esperar para ver você e Lewis bem-vestidos. Falando nisso, ele está se curando bem?

Os resultados de Lewis haviam felizmente voltado como uma malignidade não disseminada, o que significava que isso logo seria removido, sem a necessidade de tratamento futuro.

— Está sim. Um pouco chocado ainda que passar sua juventude perambulando sem protetor solar alcançou-o, mas agora está comprometido a checagens de pele regulares. E eu as farei também, graças a esses anos de natação e mergulho debaixo de nosso sol australiano. E graças à deus que vi esses caroços antes de ser muito tarde. Perdê-lo...

— Você não o perderá, Rosie.

Rosie agarrou a mão de Charlotte.

— A vida é muito curta, querida. Muito curta para perder o que realmente importa. Entende o que quero dizer?

— Nem sempre sabemos o que importa, porém. Às vezes não é o que esperamos.

— Mas você ama Trev.

E amar é o suficiente?

O coração de Charlotte doeu, mas ela sorriu. — Sim, amo.

O olhar de felicidade no rosto de Rosie ajudou um pouco. Agora não era o momento certo para pensar sobre isso. Amor. O futuro. Felicidade. Contentamento. Realização.

Ajudar os outros. Recuperar seu status.

Basta, Charlotte. Basta.



Um quarteto de cordas tocava no jardim atrás do prédio principal da galeria. Milhares de lâmpadas decorativas entrecruzavam treliças, as paredes improvisadas até Zoe encontrar alguém para ajudá-la nos espaços externos. O jardim estava pontilhado com mesas e cadeiras e convidados entravam e saíam com suas bebidas e pratos de canapés.

Charlotte terminou de limpar uma mesa colocando os itens em uma bandeja e carregou isso por uma abertura na treliça para a cozinha improvisada que os fornecedores haviam montado. Muito da infraestrutura do centro de jardinagem original continuou, então os fornecedores estavam debaixo de uma área coberta, cercada pelas últimas árvores em vasos deixadas para trás. Charlotte esvaziou a bandeja e recolheu uma cheia de canapés. Apesar de Zoe ficar lhe dizendo para deixar a equipe de garçons fazer tudo, ela não pôde se controlar.

Além disso você gosta de ouvir trechos de conversa.

Charlotte andou pela galeria por um tempo, oferecendo guloseimas para os convidados de Zoe. Muitos eram estranhos para a cidade, alguns procurando por obras para comprar e outros representando revistas ou sociedades de arte.

Zoe estava linda. Seu cabelo preto estava alisado para trás e seu vestido esmeralda alcançava o chão, acentuando sua magreza. Havia um ar de confiança e resplendor sobre ela. Esse era seu lugar feliz. E as pessoas notaram. Pelo menos, Bryce Davis notou. Charlotte ziguezagueou pelos convidados até alcançá-lo, os olhos dele em sua irmã.

— Canapé?

— Você é garçonne agora? Assim como lojista, terapeuta e detetive? — Bryce sorriu e aceitou um guardanapo.

— Sou, com certeza. Desde quando você gosta de arte?

— Desde sempre. Sou um desenhista muito amador então não perderia essa noite por nada.

Os olhos dele se voltaram para Zoe.

— Por que você não vai e diz olá para a anfitriã?

— Ela está ocupada. E lá está Trev, então tenho que ir. Te vejo em breve.

Charlotte sorriu enquanto ele se afastava. Bryce *tinha* uma queda por Zoe.

Assim, olhou em volta da galeria, ainda admirada pela beleza do espaço que sua irmã havia criado. Paredes pretas com holofotes destacando pinturas. Esculturas — a maioria de pássaros e animais selvagens erguiam-se acima dos convidados nos pódios. No outro extremo da sala, demonstrações estavam em andamento. Uma sobre cerâmica e outra sobre pintura em aquarela. Essas eram apenas duas das aulas que Zoe estava oferecendo como parte do que era oficialmente chamado Galeria e Centro Criativo de Kingfisher Falls.

Rosie e Lewis estavam na aula de cerâmica, que era ministrada por Eliza, filha de Bronnie, que trabalhava no Italia. Eliza havia acabado de sair da escola e costumava trabalhar ali quando isso ainda era uma sementeira, suportando uma patroa grosseira. Essa noite Eliza estava sorrindo sem parar e Charlotte estava feliz que Zoe a havia tomado como uma assistente.

Ainda havia canapés na bandeja e como todo mundo lá dentro estava ocupado conversando ou desfrutando das exposições, Charlotte passou pela porta da frente aberta. Estava mais fresco lá fora e mais silencioso, por isso ela tirou uma pequena pausa, mordiscando algumas pequenas guloseimas.

Uma sensação estranha picou sua pele. Alguém estava lhe observando? Charlotte examinou o estacionamento. Tudo parecia quieto. Mas um movimento no canto do prédio chamou sua atenção. Um homem estava perto de uma árvore, seu corpo caído e braços em volta de si. Charlotte foi até ele. Quando ele a viu, se virou para ir embora.

— Henry, é Charlotte. Por favor, fique.

Ele hesitou e Charlotte o alcançou.

— Tenho muitíssimos desses nessa bandeja, então por favor, sirva-se.

— Não preciso de caridade.

— Não estou oferecendo nenhuma. Apenas alguns canapés. Caso contrário

consumirei a porção e ficarei do tamanho de uma casa.

Uma centelha de um sorriso tocou a boca de Henry e ele escolheu um.

— Você tem o físico de uma corredora. Não uma casa. — Ele comeu como se estivesse faminto.

— Sirva-se. Falo sério.

Por alguns minutos Henry pegou um depois do outro, até nada sobrar senão migalhas.

— Obrigado.

— É um prazer. É bom vê-lo, Henry.

Com uma sacudida de cabeça ele apoiou-se contra a árvore.

— Como poderia ser? Eu errei e a coloquei em perigo.

— Então desculpe-se e assim seguimos em frente.

— Você simplesmente aceita uma desculpa? Depois de tudo que fiz?

— Claro. Sei que seu coração estava no lugar certo e não há pessoa viva que não erre, como bem pontuou.

Henry a olhou, depois olhou sobre o ombro dela.

— Tenho que ir.

Charlotte virou para ver o que o assustou. Trev havia saído e estava olhando em volta. Quando ela olhou novamente, Henry havia sumido. Charlotte havia uma vez o chamado de ninja e pelo visto ele ainda tinha a habilidade de mover-se silenciosamente.

Com a bandeja debaixo do braço, caminhou de volta.

— Estou aqui se estiver procurando por mim.

— Eu estava. Tudo bem? — Trev a alcançou no meio do caminho e tomou a bandeja dela. — Aquele era Henry?

— Era. Já te contei quão lindo você fica em um smoking?

Trev estava vistoso. Se não estivessem em um lugar público, ela estaria beijando-o. Talvez realmente devesse.

— Sim, já e agradeço. Está tentando me distrair?

— Estou. De qualquer maneira, acabo de ver Zoe sinalizar pela janela então precisamos entrar para a parte do discurso.

Trev beijou a bochecha dela.

— Conversaremos depois.

— Não há nada para conversarmos. Vamos, é a grande noite de Zoe.

Trev não discutiu, mas ela reconheceu a expressão em seus olhos. Ele estava preocupado sobre Charlotte estar perto de Henry. E não havia razão para preocupar-se. Henry nunca lhe machucaria. E ela queria apenas ajudá-lo.

## CAPÍTULO 6



O costumeiro início preguiçoso para um domingo foi ainda mais tarde depois da noite passada. Charlotte e Zoe haviam chegado em casa perto das duas da manhã, escoltadas por Bryce. Trev estava de volta cumprindo um turno e Bryce havia sido rápido para oferecer seus serviços. Ele havia até mesmo ajudado a checar se a galeria estava trancada e os alarmes ligados, antes de conduzir uma bastante bêbada Zoe e menos bêbada Charlotte para seu carro.

Foi o persistente toque de seu telefone que acordou Charlotte no meio da manhã.

— Você sabe que acabamos de ir dormir? — Ela respondeu, reconhecendo o toque de Trev.

— Ia convidá-la para um brunch, mas se prefere...

— Não. — Ela se sentou rapidamente. — Amo brunch. Onde devo encontrá-lo?

Meia hora depois, Charlotte encontrou Trev fora da livraria. Ela havia deixado um bilhete para Zoe e pegou um chapéu de sol e protetor solar ao sair.

Trev estava de shorts, camisa e sapatos de caminhada e carregava uma grande mochila que colocou no chão para liberar seus braços para Charlotte.

— Bem, você parece pronta para uma caminhada matutina. — Ele beijou a ponta do nariz dela.

— Vamos para a cachoeira?

— Perfeito! Quer que eu carregue isso? — Charlotte provocou, pegando a mochila.

— Claro. — Trev deu alguns passos antes de olhar sobre seu ombro com um grande sorriso. — Tem comida quente aí, então temos que ir.

No minuto que ela a colocou em seus ombros Trev estava tirando-a novamente.

— Não em meu turno, querida. — Trev a jogou sobre seus próprios ombros como se não pesasse nada, pegou a mão dela e caminhou na direção da cachoeira.

— Eu sou forte.

— Sim, é.

— Eu carregaria isso.

— Você pode carregá-la na volta.

O mais delicioso calor entrou em Charlotte. Quase toda sua vida ela havia sido aquela a tomar as decisões e carregar o peso, literalmente às vezes. As doenças de sua mãe a colocou em uma posição que mesmo quando criança teve que assumir o controle. Trev foi a primeira pessoa a tirar um pouco dessas dificuldades com sua abordagem prática da vida. E mesmo que estivesse sendo um pouco mandão isso não importava. Pois isso era legal.

Charlotte sentia-se... segura. Então apertou a mão dele e Trev olhou pata baixo.

— Amo você — Charlotte disse.

— Amo você, também.

Por um tempo eles caminharam em silêncio. A manhã estava bonita e morna sem estar quente. Assim que viraram na trilha para o mirante, as árvores ofereceram uma copa agradável e canto de pássaros os convidou a entrar.

— Como foi o turno noite passada? Estava com Koby?

— Não, Koby está cuidando da cidade sozinho hoje então fiz o que tinha que fazer e fui à cama à meia-noite. Muito mais cedo que você, pelo que ouvi.

— O que ouviu? E de quem?

Trev riu.

— Mensagem de texto de Bryce pouco depois das duas da manhã. Eu deveria te mostrar. Algo sobre devolver com segurança a carga preciosa para sua casa.

— Carga! Não tenho certeza se gostei disso, mas foi gentileza dele. Não que eu considerasse isso além de precisar de uma carona.

Eles pararam no mirante e olharam para a vista sempre majestosa de Kingfisher Falls. O sol formava um arco-íris enquanto a água caía do topo.

— Você quer comer aqui, ou ir para a poça? — Trev perguntou.

— Estou faminta, mas a poça parece boa.

Foram necessários outros dez minutos para alcançar a extensão de grama macia entre o espesso matagal e a poça. Eles escolheram um ponto sombreado e Trev abriu a mochila. Os mais maravilhosos aromas flutuaram e Charlotte gemeu.

— Estou tão faminta.

— Você não comeu noite passada? Toda vez que a vi estava com uma bandeja de comida.

— Eu estava distribuindo-as mais que comendo. O que você tem aí?

Com um sorriso, ele abriu uma toalha de piquenique e a estendeu. Depois, tirou uma cesta de piquenique que de alguma forma coube na mochila.

— A parte mais importante é a garrafa térmica de café, se quiser nos servir um pouco.

Charlotte não precisou de um segundo convite e encontrou copos e a garrafa.

Trev abriu a cesta de piquenique e começou a colocar pratos cobertos com alumínio, removendo-os enquanto colocava. Então acrescentou talheres e mais pratos, e uma seleção de manteiga, geleia e temperos.

Charlotte lhe entregou um copo de café fumegante e examinou o piquenique. Mini croissants, muffins do tamanho de cupcakes, o que pareciam burritos de café da manhã de tamanho médio embrulhados em papel alumínio, salada de frutas e iogurte, e suco de laranja fresco em garrafas de vidro.

— Isso está maravilhoso.

— Obrigado.

— Brunch era a última coisa que eu esperava, mas isso está perfeito. Obrigada. — Ela bebeu um pouco de café, desfrutando do sabor e aroma.

— Por favor, sirva-se. Admito que não fiz os croissants, mas o resto foi preparado essa manhã. Imaginei que fosse estar dormindo depois de ontem à noite. — Trev passou um prato para Charlotte. — Como está Zoe?

— Dormindo. Ela não parou nenhum segundo noite passada, querendo garantir que todo convidado fosse cumprimentado e servido com comida e champanhe, e as entrevistas constantes. Zoe vendeu algumas peças e várias estão indo para as galerias da cidade em consignação. — Ver sua irmã em seu elemento natural, perto de outros donos de galeria e entre pessoas que apreciavam sua arte, deu a Charlotte insight do outro lado de Zoe. Parte negócios e parte profissional no topo do jogo dela. — Estou tão orgulhosa dela.

Por um tempo eles comeram, o silêncio interrompido por uma conversa leve e ocasional.

— Ali está o martim-pescador. — Charlotte sempre sabia quando o martim-pescador estava por perto e pela sua pesquisa, confirmou que esse era um macho. O martim-pescador apareceu a primeira vez para ela a um ano atrás e mostrou-se na maioria das vezes que visitou a poça.

— Precisamos ficar de olho no desenvolvimento lá em cima, — Trev indicou o topo das cachoeiras. — Não pode haver mais lixo vindo rio abaixo e afetando o ambiente desses pequenos pássaros. Já é ruim o suficiente que eles estão ameaçados sem tornar as coisas piores.

— Me pergunto...

Trev parou, croissant a meio caminho de sua boca, olhar questionador.

— Me pergunto se podemos usar os martins-pescadores para interromper o desenvolvimento. — Charlotte disse. — Deve haver algum órgão do governo com quem podemos discutir sobre isso. Mostrar a situação dos pássaros e como estão ameaçados nessa área.

— Vale a pena tentar. Não contra o desenvolvimento, mas sim quando isso invade o que é um habitat natural cada vez menor. Deve haver todos os tipos de criaturas raras por aqui. Mamãe saberia se houvesse alguma sociedade local que acompanhasse essas coisas. E por falar nela, — Trev reencheu seus copos de café. — Ela nos convidou para jantar essa noite. Mas apenas se estiver disposta a ter duas refeições em um dia comigo, porém.

Eu teria três.

— Eu vou me esforçar.

Trev riu e ela também. Eles terminaram a refeição e Charlotte ajudou a guardar tudo.

Charlotte se deitou de costas na grama.

— Como é que essa grama é tão macia? — Os dedos dela acariciaram as pontas das folhas. — Toda vez que a toco, pergunto isso.

— Com que frequência se deita nela? — Trev juntou-se a ela, olhando para

o céu através dos galhos acima. — Isso é macio.

Charlotte riu.

— Não frequentemente. Eu tiro meus sapatos e molho os pés às vezes. Você sabe se é seguro nadar aqui? Alguns dias a água está tão convidativa que quero mergulhar nela e nadar debaixo da cachoeira.

— Completamente segura nessa época do ano. Contanto que o rio esteja em seu volume normal, a poça não corre rápido. Mas não nade sozinha, por favor.

— Sou uma boa nadadora.

Trev virou para seu lado, levantando-se para apoiar-se em seu ombro.

— Então você sabe que nadar sozinha nunca é uma boa ideia. Não no mar e não aqui.

— Eu não estava planejando isso. — O tom dela veio uma fração mais áspero do que pretendia. — Desculpe. Mas eu não sou estúpida, Trev.

A expressão dele estava séria.

— Estupidez é uma das últimas palavras que eu usaria para descrever você, minha querida. Apenas não conseguiria suportar que nada te acontecesse, e tem que admitir que houve alguns momentos esse ano quando você correu perigo.

— Eu sei. E lamento que eu a tenha assustado. Mas tudo isso está no passado.

— Está?

— Podemos conversar por um minuto? — Ela perguntou.

— Não é isso que estamos fazendo nesse momento?

Charlotte sentou ereta e cruzou suas pernas.

— Há algo que preciso te contar.



Trev se endireitou e esticou as pernas à sua frente. Charlie olhou para a poça, mergulhada em seus pensamentos, e como ele não fazia ideia se deveria dizer algo, então não disse.

As últimas semanas haviam mantido ambos ocupados e seu tempo privado era menor do que haviam desfrutado no começo do ano. Porém, isso ficaria melhor assim que Trev tivesse Koby treinado e Charlotte tivesse uma pausa do trabalho. E ter Zoe vivendo com ela havia mudado o hábito dele de aparecer com uma garrafa de vinho uma ou duas vezes a cada semana.

Por que tão séria, Charlie?

Trev havia sentido que algo estava distraíndo-a, ou brincando com sua mente, desde a noite que havia jantando no India Gate House. Charlotte havia ignorado isso quando perguntara, mas ele havia se perguntado se sua falta de uma proposta estava incomodando-a. Afinal, prometera esperar até depois de Rosie e Lewis casarem e lá estavam eles, alguns meses depois e nenhuma aliança no dedo dela. Trev resistiu o impulso de tocar em seu bolso. A aliança estava lá. E hoje deveria ser o dia. Não que Charlotte soubesse.

E se ela estivesse cansada de esperar? Houve uma noite parecida alguns

meses atrás. Eles se sentavam do lado de fora no ar fresco, olhando para as estrelas. Charlotte havia brincado sobre algo que o pai dele uma vez disse e em resposta, Trev lhe disse que queria alimentá-la e abrigá-la. Trev queria avaliar onde os sentimentos dela estavam. Charlotte havia olhado para ele com aqueles lindos olhos e dito que gostava muito da ideia, mas achava que deveria deixar qualquer coisa formal para depois do casamento de Rosie e Lewis. E assim fez.

Inquieto com seus pensamentos, mudou de posição, cruzando um tornozelo sobre o outro.

Charlotte virou para ele e puxou seu cabelo para trás, brincando como se estivesse fazendo um rabo de cavalo. Ela mordiscou seu lábio inferior e depois deixou seu cabelo cair e tomou uma das mãos dele.

— Lembra a noite que jantamos no India Gate House? Você me levou para casa depois teve que tirar uma árvore da estrada.

— Lembro. Foi uma noite encantadora.

— Foi. E quando estávamos caminhando de volta, tirei fotos da fonte e algumas de você — Charlotte sorriu e o coração dele animou-se um pouco. — Realmente fofas. De qualquer maneira, entrei no apartamento silenciosamente para não acordar Zoe e quis olhar as fotos. Mas em minha bolsa encontrei algumas correspondências que peguei no caminho para o restaurante e entre elas... entre elas estava uma carta para mim do Comitê de Ética.

Essa era a última coisa que Trev teria imaginado.

— De Queensland?

Ela confirmou.

— Como sabe, Alison está de volta agora, muito bem vigiada e muito bem cuidada em uma instalação psiquiátrica de alta segurança. Então, o conselho reexaminou meu caso. O caso dela contra mim, quero dizer.

Trev aumentou seu aperto da mão dela.

Charlotte suspirou lentamente.

— Eles reverteram suas conclusões. Eu devia ter trazido a carta para te mostrar, mas me inocentaram de toda a irregularidade e em vez disso descobriram que Alison fez uma reclamação injusta que me prejudicou profissionalmente e financeiramente. Vai levar um pouco de tempo, mas meus prêmios de seguro voltarão ao normal e se eu quiser, terei o apoio deles para voltar a praticar novamente.

A variedade de emoções no rosto dela atraiu Trev. Alívio e incredulidade. Felicidade. E dúvida. E reconheceu cada uma enquanto elas lutavam por controle. E a dúvida venceu.

Trev a envolveu em seus braços e a segurou perto.

— Estou tão feliz por você. Tão orgulhoso. E aliviado que fizeram isso.

O corpo de Charlotte estava tenso, mas pouco a pouco, relaxou. Depois de um momento, ele a sentiu tremer e por isso afastou-se, seu rosto ainda perto do dela.

— Você está chorando. Você nunca chora.



— Eu choro sim. O tempo todo. — Charlotte deixou sua cabeça cair e lágrimas molharam a mão dele quando Trev pegou seu queixo com seus dedos e levantou o rosto dela para olhar para ele.

— Isso é maravilhoso, querida. Ter de volta o que nunca deveria, jamais ter perdido... não posso imaginar como se sente. Mas a não ser que essas sejam lágrimas de felicidade, então respire fundo e deixe-as ir. pois não precisa chorar por isso.

Charlotte piscou algumas vezes e concordou, levantando a mão para esfregar as lágrimas. Trev ajudou encontrando um lenço e enxugando as bochechas dela até Charlotte rir. Depois de um minuto, ela se levantou e caminhou até a margem da poça. Trev também se levantou e deu-lhe um momento para se recuperar antes de se juntar a Charlotte. Perto, mas sem tocar-lhe.

— A coisa é, — a voz dela estava frágil. — Isso é inesperado e sim, é maravilhoso. Não mereci como fui tratada. Mas senti tanta falta do meu trabalho. E agora tenho que decidir.

Uma prensa de ferro agarrou o coração de Trev e ele pensou que havia parado de respirar enquanto Charlotte continuava.

— Trev... o que faço agora? Fico na livraria ou volto para a vida que construí do zero? Diga-me como escolher.

## CAPÍTULO 7



— Como Trev respondeu? Sério, Charlie, isso foi muito para jogar sobre ele. — Zoe se sentou na ponta da cama de Charlotte com suas pernas cruzadas, bebendo um smoothie verde. — Tem mais disso se quiser um pouco.

— Obrigada, mas não. Muito perto do jantar. — Independentemente da hora do dia seria muito perto do jantar. Charlotte não fazia ideia como Zoe bebia sua mistura peculiar. Ela estava penteando seu cabelo depois de um banho, de pé perto da janela. — Trev sentiu-se perdido. E sim, isso foi muito para jogar sobre ele.

— Pobrezinho. Trev te ama então se disser para ficar em sua nova vida, pensará que fez isso para agradá-lo. E se disser para voltar para sua antiga vida...

Charlotte parou de pentear seu cabelo.

— Eu sei. Trev correria o risco de eu acreditar que não me ama o suficiente para me pedir para ficar. Mas não era sobre isso que minha pergunta foi.

— Então encontre uma pergunta melhor. De qualquer maneira, ninguém pode tomar a decisão, exceto você.

Jogando-se na cama ao lado de Zoe, Charlotte apoiou sua cabeça sobre o ombro de sua irmã.

— Isso afeta você também.

— E eu apoiarei seja lá o que você decidir. — Zoe beijou a testa dela. — Isso não precisa ser tão complicado quanto está tornando. Dê algum tempo. Escreva uma lista de prós e contras.

Um pouco depois, quando Charlotte virou na rua principal, ainda tinha as palavras de Zoe percorrendo sua cabeça. Ela estava certa. Aquilo não precisava ser tão complicado a ponto de lhe deixar em pedaços. Isso era Charlotte sendo dramática em vez de alguém com uma nova informação para considerar.

Era fim de tarde e o sol ainda estava alto e o ar quente. Chega de preocupar-se sobre o que o futuro reservava. Essa noite era sobre a família. Então sorriu para seu reflexo na janela da livraria. Seu cabelo estava solto sobre seus ombros e ela usava um vestido de frente única no verde mais claro. Acrescentou algumas sandálias e sentiu-se ótima. Uma coisa sobre Kingfisher Falls era como ela costumava ligar um pouco mais para sua aparência e estava consciente de sentir-se bem com um belo vestido ou calças novas.

Você ficará vaidosa, Charlie!

Ela sabia que não iria. Pois não julgava os outros pela aparência e não ia julgar a si mesma por vestir-se bem para jantar fora.

As lojas de comida para viagem estavam abertas, incluindo uma loja de peixes e batatas fritas que era parte do projeto Aquela Árvore. Clientes

espalhavam-se pela calçada e ela desacelerou para contorná-los, olhando pela janela. A árvore estava em um canto perto da geladeira de bebidas e duas pessoas estavam perto dela. Uma era Koby, de uniforme, e o outro era Jonas. Charlotte quase parou, curiosa por estarem conversando... se estivessem. Era difícil ver através das pessoas do lado de fora. Depois ela passou e não conseguiu virar e entrar para perguntar o que estavam fazendo. Não sem parecer estranha.

Podia ser uma coincidência que Jonas e Koby estivessem no mesmo lugar. Como se conheceria a não ser que o prefeito estivesse tentando algo com esse novo policial? Típico dele buscar uma substituição para seu policial corrompido, Sid Browne.

Na rotatória Charlotte parou e olhou para trás. Ambos os homens estavam do lado de fora agora, conversando muito. Assim, encontrou seu telefone e tirou algumas fotos, cuidadosa para não ser pega. Jonas olhou para cima e Charlotte segurou a câmera alto como se tirando fotos das decorações de Natal acima da rua, examinando a árvore no meio da rotatória. Com suas costas viradas para Jonas, mudou para o modo selfie para ver se ele ainda estava olhando. Ele havia sumido.

Durante todo o caminho para a rua de Rosie, ela se convenceu que estava sendo observada, mas recusou-se a olhar para trás. Se Jonas era tolo o suficiente para segui-la, então Charlotte por um acaso tinha um namorado que estaria interessado em porquê. Apenas quando alcançou a casa de Rosie e Lewis, ela cedeu e olhou em volta.

Tudo estava quieto. Uma família passeava com seus cachorros pela rua. Alguém lavava seu carro em seu gramado mais à frente. Mas nada estava fora do normal. Charlotte atravessou o portão e depois esperou atrás de uma roseira em plena floração, espiando pelos pequenos espaços. Havia movimento no fim da rua onde ela encontrava a estrada principal. Pernas. Pernas que pararam.

Então deu alguns pequenos passos para o portão quando a porta da frente abriu.

— Você está partindo? Mas acabou de chegar. — Rosie aproximou-se dela.

— Hum. Não, estou verificando se fechei o portão.

— Estou vendo.

— Trev está aqui?

— Sim. Devo chamá-lo?

Não havia nenhum sinal de ninguém na rua quando ela verificou e balançou sua cabeça.

— Não. Apenas me perguntei se já estava aqui. Ou se eu deveria deixar o portão... aberto.

— Charlotte Dean. O que está fazendo e quem está procurando? — Rosie juntou-se a ela no portão e esticou seu pescoço para ver. — Uma pessoa invisível?

— Apenas tive um pressentimento.

Rosie bateu no braço dela e virou sua cadeira de rodas.

— Pois traga seu pressentimento para dentro e eu o acalmarei com um gin e tônica.

Depois de uma olhada final, ela entrou. Lá dentro, o cheiro delicioso de cozido defumado flutuava pela casa. As luzes da cozinha estavam acesas, mas o forno não.

— Churrasco?

— Sim. Os homens decidiram que era a vez de eles cozinharem, então tudo o que fiz foi fazer algumas saladas e levar para cada uma cerveja. Vá juntar-se a eles e eu trarei as bebidas em um minuto. — Rosie foi para o bar e Charlotte jogou sua bolsa em uma poltrona, acariciando Mellow que pulou no braço da cadeira para dizer olá.

O gato ronronou e acomodou-se perto da bolsa. Felizmente, Mellow não pularia dentro e iria para casa com Charlotte. Embora ter um gato seria legal.

Lewis e Trev estavam rindo quando ela se aproximou. Eles estavam em volta de uma grande churrasqueira com sua tampa fechada e Charlotte os olhou com um sorriso. Suas preocupações anteriores desapareceram no ar. Era assim que vida devia ser.

Trev a notou e sorriu. Estendeu sua mão e Charlotte juntou-se a eles com um pequeno sorriso de alívio. Ela não havia percebido quão nervosa havia estado por vê-lo depois da conversa anterior deles. Pois haviam caminhado de volta para a livraria com pouca conversa e Charlotte não quis pressioná-lo. Eça havia levado duas semanas para começar a absorver o que isso tudo significava então se Trev precisava de tempo, não seria insistente.

— Essa cor combina com você. — Ele tocou seus lábios nos dela. — Gostaria de uma bebida?

— Rosie está cuidando disso. O que está cozinhando? Lewis, o cheiro disso está fantástico!

Lewis ficou feliz em abrir a tampa e mostrou o cozido que incluía um frango assado, batatas assadas em alumínio, e espigas de milho.

— Acrescente alguns pãezinhos e saladas e essa é quase a perfeita refeição de verão.

Trev estava certo. Quando todos se sentaram à mesa de jantar lá fora, foi para um banquete. Charlotte não havia comido desde sua refeição matutina tardia com ele e sua boca aguou quando Lewis insistiu em lhe empilhar um prato. Uma garrafa de vinho foi aberta e brindes feitos. Conforme a noite escurecia e o ar esfriava um pouco, eles comiam e conversavam.

— Como está seu sentimento agora? — Rosie brincou.

— Muito engraçado.

Trev e Lewis pareceram confusos, e Rosie foi rápida em informá-los.

— Charlie achou que estivesse sendo seguida.

— Eu nunca disse isso!

— Verdade. Mas você estava agindo de forma suspeita escondendo-se atrás da roseira.

— Certo, antes que isso saia de controle... notei Jonas mais cedo e quis garantir que não me seguiu até aqui. — Essa era uma explicação boa o suficiente e Charlotte pegou sua taça de vinho.

— Por que ele seguiria você? — Trev tinha aquele olhar em seus olhos. O que queria saber o que Charlotte havia feito dessa vez.

Todos sempre presumem o pior de mim?

Tomando seu tempo para considerar suas palavras e tom, ela bebeu um pouco de vinho e respondeu.

— Porque Jonas é assustador e sempre mal-intencionado. E porque sabe que o vi na loja de peixes e fritas. Falando com Koby.

A boca de Trev caiu.

— Não tenho certeza se isso era algo mais do que um casual olá e bem-vindo à cidade, porém, eles continuaram a conversa do lado de fora. — Charlotte sabia o que viria a seguir e não ficou desapontada quando Trev estendeu sua mão em sua direção.

— Devo olhar as fotos?

Todos riram. Exceto Charlotte. De alguma forma ela havia formado uma reputação com a qual realmente não estava satisfeita. Sempre que algo estava errado, Charlotte teria informação privilegiada ou fotos do ocorrido. Apenas porque tinha a presença de espírito de tirar algumas fotos...

— Não há nada para ver. — Ela cortou uma batata assada. — Pergunte ao seu novo policial.

Houve um longo silêncio e quando Charlotte não disse mais nada, a conversa recomeçou. Mas a atmosfera estava diferente. Forçada. Ela era sensível aos humores de outras pessoas e sabia que havia estragado na refeição.

— Isso está delicioso. — Algo precisava ser dito para que ninguém pensasse que estava chateada. — Depois do brunch hoje e os maravilhosos canapés noite passada, sinto-me muito mimada.

Lewis sorriu.

— Estou surpreso que teve tempo para comer noite passada, correndo aqui, ali e em toda parte ajudando Zoe.

— Verdade. Foi uma movimentada, mas encantadora noite. Vocês dois pareciam estar se divertindo experimentando a cerâmica e a pintura a aquarela.

— Foi divertido mesmo — Rosie colocou um braço no braço de Lewis. — Lew tem um verdadeiro talento com pinturas. E ouvi alguém dizer que Henry estava lá fora?

— Apenas tão perto quanto debaixo da árvore na rua lateral. — Charlotte disse. — Ele estava triste.

— Você conversou com Henry? — Lewis perguntou.

— Conversei. Levei alguns canapés e uma vez que o convenci a comer, ele não pôde mais parar.

— Provavelmente seria melhor se não se aproximasse dele, Charlie. Não

sozinha. — Trev amanteigou um pãozinho. — Duvido que Henry seja perigoso, mas não tem por que correr qualquer risco.

— Não há risco. Henry está envergonhado e precisando de alguém para conversar.

— Que não pode ser você.

Charlotte não respondeu. Trev estava preocupado com o bem-estar dela, mas havia algumas áreas onde sua experiência superava a dele e essa era uma delas.

Rosie ergueu uma sobrancelha e depois virou para Lewis. Eles trocaram um demorado olhar.

Trev não esteve prestando atenção até o silêncio arrastar-se e ele olhar por cima de seu prato.

— Tudo bem, mãe?

Por trás da felicidade de Rosie havia preocupação. Pelo menos, isso é o que Charlotte lia no rosto de sua amiga. Algo estava acontecendo que deixava Rosie contente, mas isso estava misturado com preocupação de que pudesse não serem notícias tão boas para todos os outros.

— Isso é sobre a casa de Lew? — Ela perguntou.

— Trev querido, você realmente precisa dar a Charlotte um trabalho! Ela é habilidosa. — Rosie sorriu. — Adivinhou, ou ouviu alguma coisa?

— Adivinhei.

— Então, ela vendeu? — Trev abaixou seu garfo. — As pessoas de algumas semanas atrás?

Lewis confirmou.

— Sim. Eles amaram a casa. Tem dois filhos e um cachorro e não queriam mais nada do que tornar-se parte da comunidade. Recebi uma oferta de um corretor imobiliário e a aceitei.

Quando Lewis e Rosie se casaram, ele mudou-se para a casa dela. Já estava adaptada para as necessidades dela e Lewis estava pronto para deixar a casa que havia compartilhado com sua falecida esposa. Eles tinham planos de comprar um lugar pequeno perto da praia também, mas até a casa ser vendida, isso era apenas um plano. Trev mudou-se para a casa de Lewis para lhes dar privacidade e cuidar dela enquanto estava à venda.

— Isso é maravilhoso. Vocês dois, estou muito feliz. — Trev levantou e deu a volta na mesa para beijar sua mãe e apertar a mão de Lewis. — Bem, isso deve ser um peso tirado de suas mentes!

— Obrigado, Trev. Sim, e estou contente por saber que a casa será amada por uma família. Isso significa muito. E você cuidar dela nesses últimos meses me fez sentir muito melhor.

Trev reencheu o copo de todos e depois se sentou e se levantou o seu.

— A mamãe e Lew. Aos nossos planos futuros.

Sempre o cavalheiro. Sempre feliz pela boa sorte dos outros. Mas Charlotte o pegou olhando para ela e viu as emoções misturadas em seus olhos. Trev tinha outra mudança pela frente. Primeiro de River's End para a casa de

Rosie, depois para a casa de Lew por alguns meses, e agora para... onde?

— Quando precisa que eu saia, Lewis? — Trev perguntou.

— Sem pressa. A família espera ficar onde estão até meados de janeiro que é aproximadamente o período normal para a mudança ocorrer. Sinto como se estivesse colocando-o para fora, porém nessa época do ano...

— Não, não Lewis. Nem um pouco. Apreciei a acomodação gratuita enquanto me exercitava no trabalho, mas é hora de eu comprar uma casa.

— E fiz uma lista para você! — Rosie anunciou. — Existem algumas casas encantadoras à venda nessa área. Casas de família. — E olhou para Charlotte.

— Para atenderem vocês e assim terem sua própria família.

O silêncio caiu como uma cortina.

Durante os últimos meses Rosie havia se deliciado em provocar seu filho e Charlotte sobre como eram feitos um para o outro e fez sugestões de casamento nas conversas com frequência cada vez maior. Charlotte passou por uma variedade de respostas, desde o desconforto inicial a ocasional descrença, mas diversão na maior parte do tempo. Trev havia parado de se desculpar por sua mãe e nenhum deles levou os comentários dela como nada senão amor entusiasta.

Mas isso era diferente. O rosto de Rosie estava sério. Ela queria isso e não se importava de passar dos limites para tornar seus pensamentos conhecidos.

Trev olhou para Charlotte e depois para Rosie.

— Mãe, amo que se preocupe conosco. E valorizo sua opinião sobre uma casa e tudo, mas tem que parar de dizer a Charlie e eu o que devemos fazer com nossas vidas. — O tom dele era prático e Trev sorriu para mostrar que não estava bravo. — E parar de dar insinuações.

O rosto dela caiu.

— Oh. Eu não pretendia me intrometer.

— Charlie e eu sabemos que nos ama e quer o que é melhor para nós, mas precisa lembrar que somos capazes de decidirmos por nós mesmos.

— Lembro. Apenas quis que fossem felizes como sou. Como Lewis é.

— Obrigado, mãe. Sei que quer.

— Mas Charlie ajudará você a procurar uma casa? — Rosie apertou o braço de Trev.

— Olá. Estou aqui — Charlotte disse.

— Perdão, querida. Você vai?

Antes que Charlotte pudesse responder, Trev disse.

— Mãe, Charlotte tem muito com o que se preocupar nesse momento então lhe dê um pouco de espaço e tempo.

— Tempo para que? — Rosie perguntou.

— Tem sobremesa? Vou pegar. — Charlotte empurrou sua cadeira para trás, pegou seu prato, e correu para dentro da casa. Ela assustou Mellow, que estava encolhido em sua bolsa. E Mayhem rosnou de seu ponto no sofá. Depois de um rápido pedido de desculpas, Charlotte foi para a cozinha e abaixou seu prato um pouco mais alto que havia planejado.

Mas sério? Trev falando em nome dela. Rosie falando sobre ela, não com ela. Precisava de espaço e talvez, precisasse disso agora.



## CAPÍTULO 8



Depois de tirar sua bolsa debaixo de um gato confuso, Charlotte chegou o mais longe possível no corredor e parou. Ela já esperava que Trev a seguisse, mas podia ouvi-lo falando do lado de fora.

O que você está fazendo, Charlie?

Lágrimas pinicavam atrás dos olhos dela e Charlotte correu para o banheiro principal. Trancando-se, apoiou-se na porta e olhou para o teto. Chorar era uma resposta ridícula para um pequeno desentendimento. Nem mesmo um desentendimento, mais Trev traçando algumas linhas em torno dos dois. Ele havia feito isso no passado, havia sido um pouco descuidado com suas escolhas, mas ela não havia reagido com um coração acelerado e necessidade de correr. Essa era a velha Charlotte reagindo.

— Querida? — Trev bateu levemente na porta. — Está tudo bem?

Ela afastou-se da porta e abriu um pouco de água.

— Claro. Lavando minhas mãos. — Isso pareceu suficientemente normal. Sobre a pia Charlotte olhou para seu reflexo. Lágrimas estúpidas escorriam por suas bochechas. Quando isso aconteceu?

Esses olhos, tristes e arregalados. Charlotte os havia visto tantas vezes enquanto criança quando Angelica e papai discutiam até ele sair com uma batida da porta da frente e ela jogar alguma coisa quebrável atrás dele. Então escondia-se no banheiro até tudo ficar calmo novamente.

— Charlie? — a voz dele estava gentil. — Você está chorando novamente?

Ela fechou a torneira e enxugou o rosto com suas mãos, o que fez pouco mais do que bagunçar ainda mais sua maquiagem. Com um suspiro foi até a porta e encostou sua testa nela.

— Estou bem.

— Posso entrar? Por favor?

*Você continuará correndo?*

Charlotte destrancou a porta e afastou-se.

A porta abriu e a cabeça de Trev apareceu. Ele deu uma olhada nela e entrou, fechando a porta atrás de si. Os braços dele abriram muito e com um soluço arrancado de algum recesso profundo de sua alma, Charlotte jogou-se contra Trev. Em um instante, ele a levantou em seus braços e estava segurando-a tão apertado que Charlotte mal podia respirar. Mas as lágrimas pararam enquanto o calor do corpo dele e o conforto de seu abraço infiltravam-se pelas defesas que Charlotte involuntariamente havia começado a erguer.

Esse homem era sua vida. Não sua infância. Nem sua carreira destruída. Ou sua necessidade de correr. Aqui, valendo-se força dele, ela tinha seu futuro.



— Isso não é tão fácil quanto parece. — Charlotte estava encolhida no sofá com o braço de Trev em volta dela. — Há apenas uma chance de tomar essa decisão, então preciso pesar tudo.

— Mas querida... — Rosie foi parando. Essa era a segunda vez que ela havia começado a falar e parado desde que foram para a sala de estar. Lewis se juntou a eles com uma bandeja de café.

O jantar havia sido retirado da mesa enquanto Charlotte se recuperava. Ela havia se desculpado por desaparecer e explicado, em frases interrompidas, sobre a maneira que seus pais costumavam se comportar. Isso não foi muito uma razão para chorar quando disse isso alto, mas Rosie ficou batendo na mão dela e dizendo quanto lamentava por ser tão insistente.

Assim que estavam acomodados, Charlotte contou a Rosie e Lewis sobre a carta e como havia passado a última quinzena refletindo sobre todas as implicações. Ela falou de sua prática em Brisbane antes de Alison entrar em sua vida. Quantos pacientes havia tratado. Quantas vidas havia ajudado. Uma sensação de realização a preencheu. Rosie havia permanecido calada, exceto pelas tentativas de dizer algo e mudar de ideia.

— Agora que vocês sabem, e Zoe também, irei adiar a decisão até depois do Natal. Estamos todos tão ocupados e essa época do ano pode gerar reações emocionais — Ela riu brevemente. — Olhe para mim essa noite!

Rosie respirou fundo e chamou a atenção de Charlotte.

— Querida, preciso te perguntar algo e se não estiver pronta para responder, então diga-me para cuidar de minha própria vida. Mas preciso perguntar isso antes que mude de ideia novamente. Você está pensando em voltar para Queensland? Porque se estiver... bem, tem todo o direito..., mas sentirei sua falta.

Charlotte desceu do sofá e jogou seus braços em volta de Rosie.

— Oh, não chore! Por favor. Não tenho a intenção de deixar Kingfisher Falls. Não deixei isso claro?

Charlotte olhou em volta enquanto todos balançavam suas cabeças.

— Oh. Oh, sinto muito. Posso praticar daqui. Trabalhar em um hospital ou uma clínica ou abrir meu próprio consultório em algum lugar na região. Mas nunca me mudarei.

— Graças à deus. — Lewis correu para abraçar ambas ao mesmo tempo até Charlotte rir. Era isso ou chorar mais um pouco. Então ela conseguiu sair do meio deles e voltou para o sofá. Os braços de Trev estavam cruzados e ele lhe deu um longo olhar reflexivo que Charlotte não entendeu.

— Não entendeu isso também? — Charlotte cochichou.

— Você não teria dito nada contrário. Quando estávamos na poça fez isso parecer como se fosse algo imediato. E mesmo agora pouco falou sobre Brisbane com um brilho nos olhos. Pensei que fosse partir.

Trev tinha razão. Charlotte o havia deixado acreditar que estava imaginando uma vida sem ele e mesmo no meio disso, ainda estendeu a mão para confortá-la quando ficou angustiada.

— Iremos encontrar uma bebida para nós todos. — Rosie e Lewis foram para o bar no outro cômodo.

Charlotte estendeu suas mãos e Trev as tomou depois de uma hesitação. Uma, depois a outra, as beijou.

— Sinto muito. Na minha cabeça, eu havia explicado que estava decidindo entre manter minha licença ou abandonar a medicina para sempre. Nada me faria voltar para Brisbane. Ou qualquer lugar muito longe daqui. De Rosie e Zoe. Principalmente, de você.

Os dedos dele apertaram e alívio inundou seu rosto.

— Trev... meus pensamentos e sentimentos estavam agitados e não pensei direito como apresentaria a informação. Nunca machucaria você, ou qualquer um de vocês, de propósito. Lamento. Pode me perdoar?

— Querida, não há nada para perdoar. Apenas me deu um susto, isso é tudo. Eu não perderia você de qualquer maneira porque mudaria novamente se necessário.

— Para Brisbane?

— Até os confins da Terra. — Trev colocou seu braço em volta dela novamente. — Exceto se me disser o contrário, ficará comigo em sua vida.

A boca dela caiu enquanto um maravilhoso calor penetrou em seu coração. Quando ficou tão sortuda? E se Trev não a pedisse em casamento até o Natal, então ela mesma pediria. Não queria nada mais que passar cada minuto que pudesse com Trev Sibbritt.

— Hum, voltamos. — A voz de Rosie continha muito mais felicidade. — Não pretendíamos interromper, mas encontramos uma garrafa de Baileys.

Pela próxima hora, eles conversaram, riram e planejaram o Natal. A atmosfera estava amorosa e acolhedora e colocou muito em perspectiva para Charlotte. Até ela conhecer Trev naquele dia na estrada para River's End, não houve ninguém que cuidasse dela. Ninguém ligava para ela suficientemente para querer que ficasse. Mesmo Zoe teve sua própria vida todos esses anos e apenas a vigiava de longe. Mas isso... Isso era família.



Estava tarde quando Trev e Charlotte foram para o apartamento dela, de mãos dadas e com pouco para conversar depois do longo e cansativo dia. Decorações natalinas no jardim, árvores piscando atrás de janelas, e luzes da rua transformaram a cidade em um encantamento festivo. Eles pararam na esquina da rotatória para olhar para a linda árvore no centro.

— Que lindo. — Charlotte tinha um leve sorriso em seus lábios e a mudança de cores das luzes percorrendo os galhos refletiram em seus olhos. Trev envolveu seus braços em volta dela e ela apoiou-se contra seu peito. — Essa época ano passado, a rotatória esteve vazia graças a esses ladrões horríveis. E Jonas estava insistindo para todos os comerciantes colaborarem com dinheiro para comprar uma nova árvore. Nada mudou.

Trev sentiu a mudança de humor dela e inclinou para beijar sua bochecha.

— Muito mudou. A maioria disso para melhor, então pare de se estressar.

— Não estou estressada. Apenas me dá nos nervos como um homem tem tanta influência na cidade. Mas a árvore é encantadora.

Eles atravessarem a rua. As lojas estavam todas fechadas e havia pouco trânsito. Fora da loja de peixes e fritas, ela espiou pela janela.

— O que está fazendo? Jonas não está aí.

— Ainda melhor. Olhe para a Árvore Doadora deles.

— O que tem ela? — Trev colocou suas mãos em cada lado de seus olhos quando juntou-se à Charlotte. — As luzes estão apagadas, mas nem todas as deixam acessas à noite.

— Nem tanto. Você pode ver um dos nossos cartões pendurados nela? Por falar nisso, onde está toda a sinalização para a promoção? — Ela afastou-se para examinar a janela e porta. — Tenho certeza de que tinham um cartaz antes.

— Você sabe se eles tiveram doações?

— Sim. Ted mencionou outro dia que haviam tido um monte de gente para comprar cartões-presente para refeições familiares. Ele ficou comovido pela generosidade.

— Estranho.

— Mais que estranho. Aparecerei e verei se tudo está bem amanhã. Talvez o cartaz tenha caído ou coisa assim. — Charlotte tomou a mão de Trev quando ele a ofereceu novamente. — Ou talvez seja por isso que Koby esteve lá.

Era melhor não ser isso.

— Koby teria me enviado mensagem se descobrisse qualquer atividade criminosa. Conhecendo seu amor por comida, estava provavelmente percorrendo todos os restaurantes locais. — Ele falaria com Koby de manhã para saber o que conversavam.

Alguns minutos depois alcançaram o começo das escadas do apartamento.

— Estou bem a partir daqui. — Charlotte subiu alguns degraus para beijá-lo mais facilmente. Trev gostou da ideia e a beijou de volta. Várias vezes. — Você me enviará mensagem assim que chegar em casa? — Ela finalmente perguntou.

— Enviarei.

Charlotte subiu as escadas.

— Você tem sua chave? — Trev brincou.

— Sh. Sim. — cochichou. — Não acorde Zoe. — Charlotte lhe mandou um beijo e deixou-se entrar.

Assim que Trev ouviu a porta trancar, voltou para a rua. Tudo estava quieto e o ar parado. Então percebeu-se indo na direção da casa de Rosie e balançou sua cabeça. Lar significava a casa de Lewis. Por enquanto. E até Charlie decidir sobre seu futuro, o seu próprio poderia precisar esperar um pouco mais.

## CAPÍTULO 9



Charlotte não precisou ir à loja de peixes e fritas porque Ted estava na porta da livraria no minuto que ela abriu. Ele era um homem mais velho e gordinho, com um sorriso perpétuo. Ted correu para dentro, carregando uma caixa. Sem seu sorriso.

— Ted?

— Charlotte, estou furioso. Posso ter estragado toda essa coisa do Aquele Árvore porque nada está adiantando agora. — Ele colocou a caixa no balcão. — Você pode me explicar isso novamente?

Rosie chegou cedo com cafês e um grande sorriso.

— Bem, oi, Ted!

— Bom dia, Rosie.

— Ted precisa de uma ajuda com a promoção. — Ela explicou quando Rosie ergueu suas sobrancelhas ao ver a caixa.

— Continue. Está tudo bem, Ted?

Ted deu de ombros.

— Esse é o problema. Não tenho certeza se temos isso funcionando direito, os funcionários e eu.

— Estou ouvindo. — Charlotte teve uma sensação de afundamento em seu estômago. Jonas na loja noite passada certamente não significava nada senão problema.

Ted enfiou a mão na caixa e tirou um monte de enfeites em forma de árvore com vales-presente pendurados embaixo deles.

— Esses são os que vendemos. — Ted virou o primeiro. — O cliente indicou uma quantia. Esse é vinte dólares. Pegamos o dinheiro deles e escrevemos a quantia com marcador permanente. Depois, também escrevemos o valor em um desses — Ted bateu no cartão em forma de árvore, — e deixamos acrescentarem seus nomes, se quiserem, e uma mensagem. Hum, aqui.

Ted segurou um cartão para Charlotte e ela o leu alto.

— Para uma família desfrutar como um piquenique, feliz natal. Perfeito. — Isso é muito bom Ted.

— Então noite passada notei que a árvore de Natal parecia um pouco estranha. Tivemos muitos e muitos cartões comprados, a maioria para pequenas quantias como cinco dólares, mas as pessoas estão empolgadas para pagar à crédito. Tenho apenas uma velha registradora e talvez não tenha acompanhado muito bem essas vendas, mas acredito que vendemos mais de cem.

A sensação de afundamento transformou-se em um nó apertado.

— Charlotte. Rosie. No meio da correria da noite passada, dei uma olhada e havia apenas cinquenta cartões pendurados. Mal dormi preocupando-me

com isso depois de refazer e refazer meus cálculos noite passada. Examinei meus depósitos bancários desde que isso começou e tenho certeza de que vendi em torno de setecentos ou oitocentos dólares de cartões. Mas aqui, — Ele indicou a pilha no balcão. — Não há nem mesmo trezentos dólares.

Rosie arfou.

— Ted, não. Você está dizendo que está sendo roubado?

O rosto de Ted estava angustiado.

— Acho que sim. Mas ninguém invadiu. Acho que alguém os levou enquanto a loja esteve aberta. Roubo à luz do dia. — Ted engoliu e tomou um momento para se recuperar. — Não posso continuar com esse projeto, Charlie. Não deixarei ninguém roubar de mim. Pessoas descobrirão e pararão de vir até mim e então eu quebrarei.

— Acho que você deveria falar com Trev, — Rosie disse. — Se há um ladrão por aí, melhor saber agora e ver se podemos impedir qualquer outra atividade.

— Ted, você viu o novo policial de Trev noite passada em sua loja?

— Passei a maior parte da noite cozinhando. De costas para o balcão. Dois dos meus funcionários demitiram-se recentemente e não consigo encontrar ninguém disposto a fazer um trabalho tão quente durante o verão. Por que pergunta?

Charlotte olhou para Rosie, que concordou.

— Passei a caminho da casa de Rosie e o vi lá. Koby falava com Jonas.

Com outro encolher de ombros, Ted começou a colocar os cartões de volta na caixa.

— Jonas é um frequentador. Tem sido por pelo menos um ano. Duas vezes por semana ou mais. — Ele levantou a caixa. — Sei que muitas pessoas não gostam dele, mas Jonas nunca me prejudicou. Sempre tem uma palavra gentil.

Estamos falando sobre o mesmo homem?

— Mas você não lembra de tê-lo visto com o policial?

— Não. Olha, você fez muito bem em organizar essa promoção para nós todos, mas estou fora. Vou trancá-los com chave e ainda os distribuir na semana do Natal, mas tenho que proteger meu sustento. Lamento. — Ted foi para a porta. — Liguei para Trev depois.

Depois que Ted saiu, Charlotte seguiu Rosie até o outro lado do balcão e tomou um banco com um suspiro.

— Isso é ruim.

— Tome um café, querida. — Rosie entregou uma xícara para Charlotte. — Que terrível para o pobre Ted.

— Você acha que ele ligará para Trev?

— Poderia valer a pena você mesma ligar. Oh... ou eu mesma. Não estou tentando uni-los à força, prometo. — Os olhos dela estavam sinceros e um pouco preocupados.

Charlotte sorriu.

— A noite passada terminou, está tudo bem. Eu estava estressando-me por

algumas coisas e isso foi meio que a gota da água, então vamos seguir em frente. Você pode voltar ao seu programa normal de tentar nos casar.

— Bom. Nesse caso, você liga. — O sorriso de Rosie aqueceu o coração de Charlotte e ela pegou seu telefone quando Esther entrou correndo.

— O que foi, querida? — Rosie deu a volta no balcão. A respiração de Esther estava pesada por correr e lágrimas mancharam suas bochechas. Rosie tomou as mãos dela.

— Respire fundo. Doug está bem?

— Sim... eu... estes. — Esther apontou para a árvore de Natal. — Roubados.

— Roubados?

Esther confirmou, seus olhos arregalados.

— Do... Italia.



Levou apenas alguns minutos para Charlotte e Esther alcançarem o Italia. Rosie havia quase as empurrado para fora, prometendo cuidar dos clientes e telefonar para Trev.

Antes de sair, Esther havia conseguido explicar um pouco mais depois de um copo de água e um momento para se recuperar.

— Costumo tomar café da manhã com Doug antes de abrir a butique. Hávamos terminado e estávamos falando sobre o projeto Aquela Árvore. Por alguma razão, Doug foi até a árvore e voltou branco pelo choque!

— Havia cartões faltando? — Rosie havia perguntado.

— Sim. Muitos deles. A árvore está em um canto, então as decorações e cartões estavam meio esparramados. Não notamos porque na maioria dos casos o verdadeiro cartão-presente sumiu. Não grampeado.

O estômago de Charlotte revirava no momento que Esther abriu a porta do Italia empurrando-a. Doug e Bronnie estavam no longo bar com uma pilha de decorações em forma de árvores de Natal e uma longa faixa de papel de recibo.

— Trev estará aqui longo, querido. E Charlie veio para ajudar.

Doug olhou para cima, lábios uma fina linha apertada. Bronnie tentou um sorriso, mas havia lágrimas em seus olhos, e Charlotte lhe deu um sorriso.

— Chegaremos ao fundo disso.

— Gostaria que fosse assim tão fácil, Charlie — Doug bateu em uma calculadora. — Até agora estou estimando a perda de mil dólares em cartões-presente. As pessoas são mais que generosas e alguns colocaram cem dólares em um cartão.

Por alguns minutos, Charlotte ajudou enquanto Bronnie lia as quantidades para Doug e ele comparava recibos. Esther fez café e trouxe a todos uma xícara. Quando terminou, Doug empurrou a calculadora com um palavrão resmungado.

— Desculpe. Lamento pela minha linguagem. Pouco mais de mil dólares em cartões-presente.

— O que isso significa para nós, querido? — A voz de Esther tremeu e Doug tomou uma das mãos dela, batendo nela com a outra.

— Nada se nós os encontrarmos. O problema que vejo é se o ladrão tentar resgatá-los. Eles não têm códigos de barras ou números então como dizemos a diferença entre esses na árvore e esses faltando?

— Eu devia ter pensado nisso. — Charlotte olhou para a árvore. — Devíamos ter colocado códigos de barra neles ou pelo menos um número, e depois guardado um registro ao invés de apenas o valor.

— Não é sua culpa, Charlie. Vivemos e aprendemos. Ainda posso fazer novos porque tenho os recibos. Minha preocupação é que os roubados estejam sendo usados porque não posso me dar ao luxo de dar esse tipo de dinheiro. E a outra coisa é se alguém contribuirá agora.

— Pelo medo de que seus cartões possam ser roubados.

— Exatamente. Trev chegou, se me derem licença. — Doug beijou a bochecha de Esther e foi encontrá-lo na porta.

— Você já esteve na boutique?

Esther cobriu sua boca quando a insinuação afundou e ela balançou sua cabeça.

— Irei com você. — Charlotte deu a ela um minuto para pegar sua bolsa.

Trev lançou a Charlotte um olhar bastante frustrado. Charlotte sabia que não era para ela, mas por outro crime na pequena cidade. Antes de seguir Esther para fora, parou para falar com Trev.

— Você recebeu uma ligação de Ted?

— Ted?

— Dono da loja de peixes e fritas.

— Não. Por quê?

— Talvez deva ir vê-lo depois. Está com o mesmo problema.

Quando ela saiu, Trev estava no telefone com Koby.

Esther caminhava rapidamente e Charlotte correu para alcançá-la.

— Você tem alguma ideia de quando os cartões do Italia foram levados? Alguma coisa estranha?

— Não para ambos. Exceto que isso deve ter sido desde sábado de manhã porque Doug substituiu algumas das pequenas luzes sobre a árvore antes do almoço. E até onde sei, o Italia tem estado movimentado nos almoços e jantares durante o final de semana. Por que alguém faria isso?

Charlotte tinha algumas ideias. Era importante saber quem fez isso.

Logo depois da fonte, Esther baixou sua cabeça e desviou-se de um banco. Confusa, Charlotte manteve o passo, mas olhou para trás. Henry se sentava lá com sua cabeça baixa e ombros caídos. Com um chapéu abaixado até as orelhas, ele não as havia visto passarem enquanto olhava para o chão.

Assim que estavam suficientemente longe, Charlotte enfiou o braço no de Esther.

— Aquele era Henry.

— Eu sei.



— Oh. Você não estava evitando-o?

— Estava.

Charlotte piscou. Desde quando Esther tinha um problema como Henry?

— Você pode achar que estou sendo julgadora, mas desde que Henry voltou a cidade, ele tem sido... diferente. Nada amigável. Sem querer me olhar nos olhos quando digo olá, quando entrega o jornal. Sei que ele está passando por muita coisa, mas isso foi culpa dele, não minha.

— Bondade de sua parte tentar aproximar-se dele. Sei que o conhece a um longo tempo e deve machucar receber esse tipo de reação.

— Machuca.

— Henry está terrivelmente envergonhado, Esther. Embaraçado. Profundamente arrependido. Estou surpresa que tenha retornado para Kingfisher Falls levando em conta o estigma de sua associação com um assassino, mas acho que retornou por sempre ter vivido aqui.

— Toda a vida dele.

Charlotte sentiu o braço de Esther relaxar um pouco.

— Lamentamos por Henry. Realmente lamentamos porque foi ameaçado para ficar calado e no fundo, é uma alma gentil. Eu não devia tê-lo ignorado.

— Esther disse.

— Você tem muita coisa em sua mente. Que tal garantirmos que tudo esteja bem na butique e depois irei e verei Henry?

— Obrigada, Charlie. Você sempre sabe a coisa certa a dizer.

Eu gostaria.

Fora da butique, Esther hesitou. A loja estava na escuridão exceto pelas luzes piscando em volta da árvore. Nada estava fora do lugar. O vidro estava intacto, diferente da primeira vez que Charlotte a viu. Na época, a janela foi quebrada por ladrões que haviam provocado caos roubando árvores de Natal ano passado. Esther destrancou a porta.

— Preciso desligar o alarme, então entre que eu vou para trás do balcão.

Charlotte seguiu enquanto o alarme tocava, fechando a porta ao entrar.

— Está lá. De tempos em tempos esqueço e a maldita coisa dispara. Me assusta de lembrar por um tempo pelo menos! — Esther acendeu algumas luzes. — Estou com medo de olhar, Charlie.

— Você lembra aproximadamente quantos cartões vendeu?

— Não muitos. Lojas de roupas são diferentes de um restaurante, então talvez vinte.

— Tudo bem, vamos olhar juntas.

A árvore fazia parte da vitrine. Em volta dela havia lindas roupas de verão penduradas no teto assim como sapatos e outros acessórios. Antes que fossem até a janela, Charlotte estendeu sua mão.

— Espere um segundo. Alguma coisa parece fora do lugar?

— Nada.

— Você teve alguns clientes indo até a janela recentemente? Ou mudando algo?

— Não. A última chance foi quarta-feira quando montei minha nova vitrine. E ainda não tirei nada para vender.

— Tudo bem, vá e olhe os cartões pendurados. Você os pendurou?

Esther passou por Charlotte.

— Sim. Tento manter essa uma zona livre de clientes. — Esther examinou a árvore e a tensão visivelmente a deixou. — Oh. Nada está faltando.

— Tem certeza?

— Tenho. Não ter muito para contar ajuda.

Algo se formou no fundo da mente de Charlotte. Esther era bem-querida. Mesmo aqueles que não concordavam com a posição de Doug no conselho local continuavam amigáveis com ela. Esther era esse tipo de pessoa. Um pouco como Rosie.

— Se estiver bem, voltarei correndo e verificarei Henry, depois voltarei para a livraria.

Esther a abraçou.

— Vai. Muito obrigada por estar lá para mim. E para Doug.

— Trev chegará ao fundo disso.

E se ele não chegasse, Charlotte chegaria.

## CAPÍTULO 10



Sem sinal de Henry na praça, Charlotte correu de volta para a livraria. Não havia clientes, mas Rosie estava na árvore, uma caixa em seu colo enquanto tirava cada cartão.

— Oh não.

— Oh sim, querida. Irei comparar cada um deixado porque registramos todas as doações, mas acho que cerca de trinta estão faltando.

— Apenas os cartões-presentes?

— Alguns não grampeados para abandonar na decoração.

Não havia fim para isso?

Charlotte ajudou Rosie e elas rapidamente descobriram que havia trinta e dois cartões faltando com um valor de quase trezentos dólares. O queixo de Rosie levantou e seus olhos estavam metálicos.

— Ninguém faz isso conosco. Para nossa cidade. Estou farta do crime e isso é a gota da água!

Com pequeno sorriso, Charlotte lhe deu um pequeno abraço.

— Bom para você. Esther está em lágrimas, Ted está angustiado, mas minha chefe sabe que a melhor resposta é ter força.

— Bem, obrigada. Estou bastante angustiada e acho que precisamos marcar uma reunião, mas primeiro temos que descobrir quem mais foi afetado. Lewis está bem. A boutique de Esther foi roubada?

— Felizmente, não. Possivelmente porque sua árvore é difícil de alcançar sem ninguém notar. Até agora nenhum dos roubos foi feito por arrombamento o que significa que é alguém atrevido. Disposto a ser visto por uma câmera ou por outra pessoa. Se eu configurar a filmagem de segurança em seu computador, pode começar a examiná-la enquanto corro pela cidade?

— Claro. Apenas me mostre como pausar para que possa atender clientes também. O que fazemos com os cartões, porém? — Rosie ergueu um. — Não quero as pessoas parando de doar.

— Vamos colocar os completos de volta. Não diremos nada a não ser que perguntadas. Pelo menos até Trev dar alguma orientação. Precisamos deixá-lo saber. Aqui, colocarei esses antes que mais compradores cheguem e depois configurarei a filmagem.

Em alguns minutos ela estava de volta na rua. Charlotte caminhou pelo mesmo lado da rua. O cabeleireiro estava intacto e havia apenas uma pequena árvore no balcão que eles imediatamente colocaram em uma prateleira fora de alcance.

Harpreet estava bem também.

— Melhor não tentarem nada aqui! — Harpreet verificou sua árvore. — Apontarei uma das minhas câmeras de segurança nela agora. E ligarei para o restaurante e direi para fazerem o mesmo.

Em seu caminho para a loja de sapatos virando a esquina, Charlotte enviou uma mensagem para Zoe. Houve uma resposta quase imediata.

— Deixe-os tentarem! — Zoe terminou sua resposta com vários emojis furiosos e Charlotte sorriu. Não era de admirar que sua irmã se dera bem com Rosie. Mulheres fortes.

A loja de sapatos estava intacta. Mike, o dono, estava furioso e disse-lhe que provavelmente desistiria da promoção ao invés de atrair um ladrão para sua loja.

— Por favor adie essa decisão até Trev ter investigado. Ele está colhendo impressões digitais e temos filmagens para examinar, então isso deve acabar logo.

— Não sei, Charlotte. Não fui um grande fã da ideia desde o começo. Trabalho demais além de administrar uma loja e meus outros negócios. Seria mais fácil acabar com tudo agora.

Isso não era justo. O projeto Aquela Árvore estava funcionando. Mais clientes na cidade. Se ao menos tivesse organizado as coisas de forma diferente e tornado muito difícil para qualquer um considerar roubar comerciantes inocentes.

— Charlotte, você está bem?

Ela respirou de forma irregular, forçando abaixo um carço parado no fundo de sua garganta.

— Não faço ideia de como consertar isso. Mas por favor, não desista ainda. Mike revirou seus olhos.

— Não fique emotiva. Tudo bem, tem até o final da semana.

Apenas dois comerciantes permaneceram. A Fazenda de Árvores de Natal não estava atendendo seu telefone o que significava que estava movimentado lá. Charlotte deixou uma mensagem. Então abriu a porta da cafeteria da esquina, mais que pronta para pedir café para levar de volta com ela.

Na cafeteria vazia, Vinnie estava sentado em uma de suas mesas, cabeça entre suas mãos.

Charlotte olhou para a árvore sobre o balcão... não havia árvore. Apenas os cartazes que Vinnie havia feito para dar às pessoas ideias para doações e um espaço vazio. Ela se sentou na frente e Vinnie levantou sua cabeça. Tristeza e um traço de raiva assombravam os seus olhos normalmente risonhos.

— Vinnie?

— Algum ladrão sem vergonha roubou minha Árvore Doadora, Charlie. Em plena luz do dia.

— O que... a árvore inteira?

— Fui ao fundo para fazer uma entrega e quando voltei tinha sumido. Todos os cartões. Sumiram. Quem faria tal coisa?

— Alguém que quer prejudicar a cidade acho. Ou pelo menos, prejudicar alguns de nós.

— Não entendo.

— A livraria, a loja de Ted, e o Italia aconteceu o mesmo. Bem, as árvores

deles estão bem, mas tiveram os cartões roubados. E todos quando abertos.

Vinnie empurrou sua cadeira para trás.

— Farei café para você e Rosie. Sinto muito por ouvir isso.

Charlotte o seguiu até o balcão.

— Você faria mais dois por favor? Posso ver Trev e Koby chegando na livraria.

— Que bom que já conheço a preferência do novo policial. Claro que farei.

Enquanto fazia café, Vinnie contou que iria visitar a Fazenda de Árvores de Natal assim que fechasse no meio da tarde para comprar outra árvore. Uma grande o suficiente para colocar na janela no lugar da mesa e cadeira existentes.

— Gostaria de ver alguém roubar uma árvore grande!

Quando ela saiu da cafeteria, Vinnie estava determinado a ficar no projeto e ajudar a manter os outros comerciantes envolvidos. Quando Charlotte voltou para a livraria, Koby estava ocupado colhendo impressões digitais na árvore com Rosie incomodando-o para garantir que não fizesse muita bagunça. Trev estava em seu telefone no fundo da livraria.

— Tenho café para todos — Charlotte disse, colocando-os em uma fileira no balcão. — Cada um tem a inicial de vocês em cima. E tenho novidades.

— O café parece maravilhoso. Koby, já terminou? Como pretende conseguir impressões digitais de uma árvore viva? — Rosie dobrou seus braços e o olhou.

— Senhora Sibbritt, ficaria surpresa quão eficiente a perícia é hoje em dia. Mas se isso te preocupa, eu poderia cortar as pontas...

— Não se atreva! Trevor, esse juvenzinho irá destruir minha árvore!

Trev terminou sua ligação telefônica e sorriu quando veio ao balcão.

Koby parou o que estava fazendo.

— Eu nunca faria isso. Desculpe, estava só brincando.

Rosie deu-lhe um olhar de soslaio e foi atrás do balcão.

— Minha mãe acha que tenho um terrível senso de humor. — Koby continuou enquanto guardava seu equipamento.

— Sua mãe parece sensata. — Rosie resmungou.

Batendo em Koby no ombro enquanto passava, Trev encontrou o café de Rosie e o levou para o balcão.

— O policial está certo sobre a perícia. Havia algumas impressões digitais na árvore e cartões existentes e apesar de serem provavelmente de mãos inocentes, é melhor ter certeza. Quais são as novidades, Charlie?

Charlotte atualizou os outros sobre sua corrida pela cidade, acompanhada por sons de desânimo de Rosie ao ouvir sobre os comerciantes roubados.

— Não sei se o ladrão está roubando quando a oportunidade surge, ou visando certos lugares. Se pudermos descobrir isso, talvez consigamos uma lista de suspeitos.

Trev meio que tossiu, depois balançou sua cabeça e clicou em algumas filmagens que Rosie havia pausado.

— Você viu isso, Charlie?

Ela correu para ver.

— Oh, droga. A árvore não está completamente no enquadramento. Parece como os outros dias quando Rosie saía para almoçar e eu ficava inundada com clientes... sim, lá está Jonas no balcão.

— Até Ted chegar aqui mais cedo, por acaso teve alguma razão para preocupar-se com essa árvore? — Trev indicou. — Alguma coisa pareceu fora do lugar ou estranha?

— Nada. Mas sábado estive muito movimentado e a maioria dos clientes quis pendurar seus próprios cartões de doação. Além disso, eu estava distraída por causa da inauguração da galeria de Zoe naquela noite. Você precisa prender Jonas! Jonas claramente é o ladrão.

Com um pequeno sorriso Trev tomou a mão de Charlotte.

— Falarei com ele, mas não há nenhum sinal dele tocando a árvore.

— Jonas está muito perto dela, e há pelo menos metade que a câmera não mostra. E ele estava na loja de Ted noite passada! — Charlotte virou para olhar para Koby, que havia acabado de beber um pouco de café. — Por que você estava conversando com Jonas?

— Charlie, basta. Koby estava fazendo o que pensei e comprando jantar para si mesmo. Jonas iniciou uma conversa.

— Achei ele um homem meio estranho, se isso ajuda? — Koby ofereceu.

— Jonas ignorou algumas pessoas que disseram olá para ele, mas quis me dar as boas-vindas na cidade e disse que sua porta estava sempre aberta se eu precisasse de ajuda para me instalar. Oh, e quando sai, ele também saiu e ainda me deu seu cartão de visitas.

Bom. Não havia conspiração.

— Desculpe, não pretendia parecer como se estivesse o interrogando, Koby. Jonas Carmichael me enfurece e sempre consegue escapar de problemas.

Com um beijo na bochecha de Charlotte, Trev soltou sua mão, apertou o ombro de Rosie, e pegou seu café.

— Obrigado por isso. Iremos tirar as impressões digitais e ter uma conversa com Vinnie e Ted. E Jonas.

Depois de ambos saírem, Charlotte se sentou ao lado de Rosie, que lhe deu um olhar confuso.

— Quem diabos ganharia roubando esses cartões? Eles acham que não notaríamos e poderiam resgatá-los no futuro?

— Talvez. Ou poderia ser alguém que não gosta de nosso projeto. — Charlotte olhou para a imagem pausada de Jonas. — Já sabemos que Jonas não gosta. E está irritado por desaprovarmos o desenvolvimento imobiliário.

— Isso está saindo fora de controle.

— Concordo. Arrumarei a árvore. Tenho um pouco de spray brilhante que disfarçará o pó de impressões digitais e depois podemos pedir para o almoço ser entregue. — Charlotte fechou a filmagem no computador. — A não ser

que tenha planos com Lewis, eu me sentiria um pouco melhor se vigiássemos a livraria como um gavião hoje.



—Você consegue carregar essas impressões digitais sozinho? Trev e Koby estavam de volta no carro patrulheiro depois de sua quarta parada do dia. — Gostaria de ir até a Fazenda de Árvores de Natal e ver como estão.

— Sem problema. Fiquei em primeiro lugar nas aulas de perícia na academia.

— É onde se vê no futuro? — Trev dirigiu para a delegacia de polícia.

— Não tenho certeza. Mas gosto do lado investigativo. Hoje está sendo interessante.

Depois de deixar Koby, Trev virou na estrada saindo da cidade. O jovem policial era um homem diferente. Sabia usar o kit de impressões digitais e mantinha a bagunça no mínimo. Exceto por provocar Rosie, ele havia causado uma boa impressão onde quer que fossem. Que foram quatro lugares.

Portanto, tinha que dar a Charlotte crédito por seus instintos. Noite passada ela havia conectado algumas coisas, um cartaz desaparecido e nenhum cartão na árvore de Ted, e determinou que algo estava errado. Charlotte poderia estar considerando seu futuro, mas como Trev havia lhe dito mais de uma vez no passado, seu conjunto de habilidades seria bem-vindo na polícia. Poucas pessoas eram tão dotadas com percepção e a capacidade de conectar situações e encontrar uma resposta.

A estrada para a fazenda de árvores de Natal estava movimentada e Trev encostou quando um pequeno caminhão cheio de pinheiros, dirigido por um dos funcionários de Darcy passou. Ver a família Forest prosperando era agradável depois do mal começo da vida deles ali.

Um movimento entre as árvores à sua esquerda chamou a atenção dele. Trev estava fora da antiga propriedade de Glenys Lane. O aviso ‘À Venda’ havia sumido, substituído com um painel de planejamento consultivo. Ele desceu e leu a informação. O novo dono queria subdividir o terreno, tirar a casa e os anexos, e preparar a área para um conjunto habitacional. O nome no painel não era familiar, por isso tirou algumas fotos para olhar depois. Esse terreno esteve uma vez reservado para uma instalação de esportes que não havia sido construída.

O zumbido de serras elétricas ecoava pelo caminho esburacado do chalé enterrado em algum lugar atrás de arbustos descuidados. Isso não era perto da casa de Darcy, então alguém estava começando a limpar o terreno, possivelmente sem as devidas licenças. Braços cruzados, olhou para o aviso. Ele tinha muito com o que se preocupar nesse momento para se preocupar com isso. Uma ligação para o conselho poderia ser suficiente.

Estrada desobstruída novamente, Trev voltou para o carro patrulheiro e dirigiu para o estacionamento da fazenda de árvores de Natal. Estava lotado com carros e trailers e caminhonetes, pessoas escolhendo árvores e outros colocando suas compras nos veículos.

O galpão de vendas de três lados fervilhava de atividade e ele ficou para trás, olhando enquanto clientes escolhiam enfeites e ouroel para acrescentar às suas árvores. Lachie corria para frente e para trás com talão de vendas para sua mãe, que tinha outra mulher ajudando atrás do longo balcão. Invés de incomodar Abbie, Trev foi encontrar Darcy.

No final da trilha estreita, Darcy aproximou-se arrastando um pinheiro. Quando viu Trev ele soltou a ponta da árvore com um sorriso.

— Trev. O que te traz aqui?

— Precisa de ajuda?

— Não. Mas fico feliz em ceder um minuto. Tem sido movimentadíssimo nos últimos dias e tenho o caminhão entrando e saindo fazendo entregas a cada duas horas. — Ele tirou uma garrafa de água do bolso e bebeu. Seu rosto sardento estava mais vermelho que de costume pelo esforço, mas havia uma confiança nele que agradou a Trev. Que pena as novidades que tinha que compartilhar.

Quando terminou de falar, a expressão de Darcy havia mudado para descrença... e depois desagrado.

— “Ótimo”, amigo. Kingfisher Falls não consegue tirar uma folga desses crimes. Até onde sei, ninguém tentou nada aqui. Trancamos tudo à noite. Tem portas de enrolar no depósito e assim que descem e os pinos são colocados, não posso ver como alguém entraria.

— O problema é, achamos que os ladrões agem enquanto as portas estão abertas. Vinnie estava entregando um pedido nos fundos da loja quando sua árvore foi roubada. Sei que é pequena o suficiente para carregar, mas ainda assim exige muitíssima coragem.

— A não ser que o ladrão esteja buscando uma dose de adrenalina.

Ele tinha razão. Furtos em lojas eram muitas vezes feitos por caçadores de emoção.

— Posso checar. — Darcy pegou embaixo da árvore e dessa vez, Trev ajudou. Eles a deixaram em uma clareira onde várias outras árvores esperavam. — Consegui alguns caras para ajudar esse ano. Demais para mim sozinho o que é incrível.

— Se você precisar de outro par de mãos, Henry precisa trabalhar.

— Bem, Henry é bem-vindo para entrar em contato. Ficaria feliz em lhe dar um pouco de trabalho se ele estiver disposto a sujar suas mãos.

Dentro do depósito, Darcy examinou a Árvore Doadora.

— Parece bem para mim. Encorajamos os clientes a pendurarem seu cartão-presente de doação, mas me perguntou se podemos mudar isso. Nossa promoção termina esse final de semana para nos permitir entregar os cartões a tempo para quem precisa de uma árvore ou o que quer que seja. O pastor e a senhora Stevens têm uma lista de seus paroquianos que, de outra forma, poderiam ficar sem e estamos pedindo às pessoas para indicarem um vizinho ou amigo também.

— Parece que você tem as coisas funcionando bem.



— Abbie é o cérebro por trás disso tudo. Estou admirado com quanto inventa e faz acontecer. — Darcy sorriu para ela, que olhou e sorriu. — Deixe isso comigo, Trev. Irei ver como proteger o projeto e garantir que todos aqui entendam o que fazer se virem algo estranho.

De volta no carro patrulheiro, Trev recebeu uma mensagem de Koby. Ele a leu duas vezes antes de ligar o motor.

O senhor Carmichael insiste em esperar por seu retorno. Coloquei uma cadeira na área de entrada. Espero que esteja tudo bem. Não gostei da ideia dele de sentar-se na sua mesa.

Satisfeito com a decisão de Koby, ele enviou uma mensagem que estava a caminho. A tarde estava prestes a ficar interessante.

# CAPÍTULO 11



— Já era hora de você chegar aqui. Pago impostos para mantê-lo empregado, apenas lembre-se disso, Sibbritt.

Trev ergueu suas sobrancelhas, mas preferiu ignorar a provocação de Jonas.

— Venha. — Trev segurou a porta entre a pequena área da entrada e a delegacia aberta. — Sente aí que logo estarei com você. — Trev indicou sua mesa e continuou andando.

Koby pairou sobre a máquina de café com um olhar questionador. A nova máquina de café era a parte mais popular da delegacia. Trev baixou sua voz.

— Volte para sua mesa e faça algum trabalho, mas escute. Gostaria de sua opinião sobre a conversa mais tarde.

Com um aceno, Koby voltou para sua mesa e se fez parecer ocupado.

— Café, Jonas? — Trev ofereceu.

— Já esperei meia hora, então não. Estou aqui para discutir certos boatos sobre mim que provavelmente farão parte de um caso de difamação.

Apenas para irritar Jonas, Trev fez café para si mesmo, mantendo um olho em sua mesa enquanto o fazia. Jonas obviamente não estava ciente de sua atenção, esticando seu pescoço em uma tentativa de ler um relatório aberto no lado de Trev.

— Então, como posso ajudá-lo? — Ele fechou o arquivo e se sentou. — Pois boatos geralmente não são um caso de polícia.

— Diga isso para sua namorada e... outros.

Trev bebeu seu café.

— Estão dizendo a todos que sou responsável por roubar coisas das árvores de Natal. Que ridículo.

— Todos? Pode dar nomes?

— Não é meu trabalho.

— É, se pretende fazer acusações. Explique-me o que aconteceu. — Trev abriu um bloco de notas e escolheu uma caneta.

— Eu preferiria falar com o policial.

A cabeça de Koby levantou rapidamente e seus olhos foram para Trev.

— Por que isso?

— Não posso esperar uma investigação justa de um membro da família.

— Você está preso comigo. Pois o policial Masterson não fará entrevistas hoje.

Jonas fechou seus olhos. Alguma coisa dizia a Trev que ele havia esperado muito e estava se gabando por isso.

— Vamos colocar dessa forma, sua namorada disse a um lojista que sabe que estou roubando os cartões estúpidos que fez. Tudo porque me viu na loja dele. Bem, houve outras pessoas entrando e saindo da loja o tempo todo incluindo seu policial. Uma delas é a pessoa que precisa investigar.

— E quem poderia ser?

— Henry. Se não notou, ele esconde-se pela cidade e valeria a pena visitá-lo. Ver o que tem para esconder de qualquer maneira. — Com um olhar de triunfo, Jonas sentou-se novamente.

— Certo, Henry. Alguma prova real?

— É seu trabalho descobrir.

— Mais alguma coisa? — Trev tinha o suficiente para fazer sem ouvir esse absurdo. — Você não me contou nada sobre como posso agir.

— Eu sabia disso. Sempre protegendo sua família e os fracos.

— Protegendo a comunidade inteira, Jonas. O que me leva a perguntar sobre duas ocasiões que você entrou na livraria sem pretender comprar. A primeira foi no início desse mês, quando jogou a propriedade da livraria no chão. Por quê?

— Ridículo! Prove isso.

— Imagens de vídeo já provaram.

O pescoço e rosto de Jonas avermelharam.

— Isso foi um acidente.

— E sábado passado deixou um envelope atrás do balcão. Qual foi a intenção daquela visita?

— Assunto do conselho! Nada a ver com você.

— Uma reclamação foi enviada para o conselho sobre seu comportamento na primeira ocasião, assim como sua tentativa de intimidar Charlotte a respeito do processo imobiliário.

— É a palavra dela contra a minha.

Trev se levantou.

— Vou passar e perguntar a Ted sobre sua acusação. Descobrir o que Charlotte disse a ele.

— Não!

Resposta interessante.

Jonas piscou algumas vezes.

— Digo, não precisa desperdiçar seu tempo precioso. Deixe-o resolver como administrar a perda que sofreu.

— A perda?

— Sério, policial? Os cartões de Ted. Pagos por clientes inocentes e agora nas mãos de um criminoso. Não tem como rastreá-los. Parece uma perda para mim.

— Acho que devo acompanhar suas preocupações.

Empurrando sua cadeira para trás, Jonas levantou e abotoou o casaco do terno.

— Eu sabia que vir aqui era um desperdício de tempo.

— Ainda assim você esperou.

— Marque minhas palavras. Henry não está bem-intencionado. Nunca esteve. Além disso, precisa colocar uma coleira em Charlotte. Ela está prejudicando a cidade com sua recusa de aceitar o progresso e como prefeito

não permitirei que Kingfisher Falls sofra.

— Você poderia sair? — Braços cruzados e pernas afastadas, Trev estava muito consciente que ultrapassava Jonas e pela primeira vez, não ligou se sua atitude fosse considerada ameaçadora. Sua paciência foi mais uma declaração desagradável antes de explodir. Mesmo uma palavra a mais sobre Charlotte poderia ser suficiente.

Jonas saiu furioso, assegurando-se que todos soubessem de seu descontentamento batendo a porta da frente.

— Ele é o prefeito? — Koby tomou a cadeira oposta quando Trev afundou novamente em sua própria.

— Isso me espanta todos os dias.

— Ainda quer que eu opine sobre isso?

Sorrindo pela empolgação de Koby, Trev indicou que deveria seguir em frente.

— A visita inteira foi sobre Henry. Jonas quer atribuir os roubos a ele.

— Boa observação. Alguma ideia do porquê?

— Ele tem algum problema pessoal com Henry? — Koby perguntou.

— Talvez. Em seu emprego anterior, Henry ouviu várias conversas entre um grupo de pessoas, incluindo Jonas. O assunto era suficiente para levar a uma investigação e acusações subsequentes contra dois dos associados dele.

— Vingança, então.

— Ou Henry é um alvo fácil e Jonas está criando problemas para desviar a atenção de suas tentativas ilegais de fazer o desenvolvimento imobiliário ser aprovado. Uma coisa que vi Jonas fazer bem é corromper pessoas para seu próprio ganho.

— Você acha que Charlotte disse essas coisas?

— Não. Ela já me disse que perguntou a Ted se viu você e Jonas na loja e ele disse que esteve muito ocupado cozinhando naquela noite para ter notado. Não foi além. Mas algo não caiu bem. Pode verificar as anotações que fez quando conversamos com Ted?

Koby pegou seu bloco de notas e folheou as páginas enquanto voltava.

— Tudo bem, encontrei. Que parte?

— Veja se Ted menciona Charlotte. Ou Jonas por falar nisso.

Por um minuto ou dois, Koby olhou as páginas, virando-as para trás algumas vezes.

— Ted disse, ‘Charlotte perguntou se notei o novo policial na loja noite passada e eu disse que estava cozinhando a maior parte do tempo. Eu também havia visto Jonas conversando com o policial. Eu disse que não, mas Jonas vem o tempo todo.’ Nenhuma outra menção. Gostaria que eu fosse e lhe perguntasse um pouco mais?

— Deixe isso por enquanto. Conseguiu alguma coisa nas impressões digitais?

— Melhor verificar.

Enquanto Koby o fazia, Trev lia suas mensagens. Uma de Charlie

aumentou sua preocupação.

Verifiquei mais filmagens. Pessoas na loja mais ou menos na hora do roubo incluem alguns clientes aleatórios, Jonas (o principal suspeito), Henry entregando jornal, e Marguerite, que fez uma doação!

Marguerite Browne havia mudado muito nos meses recentes desde que foi decisiva na prisão de seu marido, Sid. Marguerite atirou-se no trabalho caridoso com a igreja local e Rosie havia dito que ela era como uma nova mulher sem seu marido corrupto. Marguerite havia se mudado da propriedade que eles alugaram perto da Fazenda de Árvores de Natal de volta para a cidade.

E Henry? Se ele estava na livraria então uma fofoca seria inevitável. Uma pena fazer o homem sentir que era suspeito quando tudo o que estava fazendo era entregar o jornal.

— Chefe? Tenho algumas combinações nas impressões digitais.

O rosto de Trev se levantou imediatamente.

— Jonas Carmichael é uma. Henry é outra.

— De que grupo?

— Livraria. Ambas da livraria.



— Nem vi Marguerite naquele dia — Charlotte disse. — O que ela comprou?

— Nada, querida. Apenas cartões-presente para doar. — Rosie deu os toques finais em uma linda exposição de livros de culinária natalina em uma mesa baixa. — Precisamos de alguns bilhetes de Natal para acrescentar aqui.

Charlotte juntou-se a Rosie.

— Que ideia brilhante! Deveríamos fazer algo de um livro e dessa maneira os clientes ficarão interessados em comprar. Exceto, que sou terrível em assar.

— Mas eu sou razoável. E gostei da aparência de alguns desses aqui — Rosie pegou uma cópia. — Que pode vir e morar comigo. Posso ver quais ingredientes preciso usar e fazer uma lista de compras no caminho para casa.

— Então, voltando a Marguerite...

— Marguerite pagou por dois cartões-presente. Cada um por cinquenta dólares e pediu que um fosse para alguém com menos de dez anos de idade e o outro para alguém com mais de setenta. Muito gentil, realmente.

— Para alguém que esteve envolvida no sequestro da minha irmã... — Pela primeira vez, Charlotte disse alto o que havia pensado por tanto tempo. — Marguerite sabia que Sid e Alison mentiram para Zoe para atraí-la para o chalé e depois a amarraram. Amarraram minha irmã! — Um soluço escapou e Charlotte respirou fundo.

As mãos de Rosie estavam no braço dela. — Eu sei. Eu sei, querida menina. A pobre Zoe passou por tanta coisa nas mãos de Alison e Sid, porém Marguerite testemunhou. Trev poderia não ter encontrado vocês duas a tempo se ela não tivesse falado. Isso conta para alguma coisa?

— Não sei. Estou muito brava, Rosie. Acabo de decidir isso. — O riso dela

foi meio sério. — Entre isso e toda essa confusão horrível com os cartões... bom, é hora de ver meu terapeuta, acho.

— Bem, acho que é hora de fechar e posso fazê-lo, então vá ver como Zoe está.

— Tem certeza? Eu quero mesmo vê-la. — O coração de Charlotte disparou e ela desejou dar a Zoe um grande abraço. A essa hora do dia ela ainda estaria na galeria.

— Vá. Vou trancar aqui para depois fazer uma lista de compras, então vá logo. Mas deixe-me saber assim que vocês duas estiverem em casa, por favor.

Charlotte a abraçou. — Sim, mãe.

— Boa menina. — Rosie beijou sua bochecha. — Tenham uma boa noite que eu as verei de manhã. Novo dia e as coisas irão melhorar. Você verá.

Alguns minutos depois, Charlotte foi para a galeria. O sol do fim da tarde estava quente e nuvens se acumulavam na distância. Dezembro havia sido seco e chuva seria bem-vinda pelos moradores. As pessoas estavam do lado de fora curtindo o clima. Famílias, casais. Ela cumprimentou aqueles que conhecia. Pois um dia, seria um deles.

*Você já é.*

Charlotte e Trev não tinham muito tempo no momento para andar de mãos dadas, a não ser para ir para a casa de Rosie ou Lew, mas será que um dia teriam filhos? Ela não era de pensar em correr com o tempo e apressar as coisas, mas a realidade era que se não levasse isso a sério, a chance passaria.

Sua própria família. Rosie e Lewis como sogros. Zoe como irmã mais velha. Trev, seu marido. E um filho. Ou dois. Desde que descobriu que era adotada, as grades de prisão que havia levantado em volta de si mesma havia gradualmente caído. A maioria delas. A liberdade do risco da doença genética que Angelica tinha era imensa. Não que soubesse se seus verdadeiros pais tinham quaisquer problemas de saúde... a não ser que os procurasse. E se...

Charlotte parou de repente e quase atropelou alguém.

*Henry.*

— Oh, sinto muito, Henry.

— Foi culpa minha. Eu não estava olhando. — Ele desviou o olhar.

Henry estava esquelético. Havia linhas em volta de seu rosto que Charlotte nunca havia notado. Embora já tivesse mais de cinquenta anos, havia sempre parecido muito mais jovem. Antes de sua vida desmoronar, Henry sorria muito e se cuidava.

— Como está? Senti sua falta o outro dia quando deixou o jornal... está trabalhando algumas horas para entregá-los?

— Acho que sim. Não o suficiente para pagar as contas. — Henry levantou sua cabeça. — Tive algumas economias então estou usando-as por enquanto.

— Tenho certeza de que um trabalho surgirá.

— Sim. Não. Duvido que qualquer um me queira na cidade, que dirá trabalhar para eles.

— Existem muitas pessoas que estão felizes por você estar de volta, Henry.

Acho que Ted precisa de funcionários. Ele mencionou que teve algumas demissões.

— Não sabia disso.

— Você é tão bom com os clientes. Poderia valer a pena falar com Ted.

Henry deu de ombros, mas houve um brilho de interesse em seus olhos. Com um aceno, ele continuou passando por Charlotte. Seu coração se compadeceu. Henry não tinha família ou amigos para apoiá-lo?

Seu telefone bipou uma mensagem. Trev.

Posso aparecer no apartamento daqui a uma hora ou mais? Gostaria de atualizar as coisas. E vê-la.

Charlotte respondeu com um sim e um coração e continuou indo para que pudesse alcançar Zoe e voltar a tempo para a visita de Trev. Sua mente voltou para o pensamento que a parou antes. Procurar por seus pais biológicos era uma opção? De alguma forma, não havia considerado isso. Estar tão aliviada de não ser filha biológica de Angelica havia sido suficiente. Mas e se os procurasse?

Na esquina antes da galeria esperou um carro passar. A galeria estava fechada, mas havia um carro no estacionamento. Um familiar e no momento que ela saiu da trilha, a porta do motorista abriu e Bryce saiu. Vestido em jeans e camisa, estava mais casual que Charlotte lembrava de vê-lo.

Ao invés de atravessar a rua, ela esperou. Bryce passou uma mão por seu cabelo enquanto caminhava para a porta da galeria e batia. Um momento depois, Zoe abriu a porta e mesmo à distância, o sorriso dela era um de boas-vindas. Zoe afastou-se e Bryce passou pela porta.

Bem. Posso ir para casa.

Zoe estava segura com Bryce. Ninguém sequestraria sua irmã novamente, nem a olharia mal-intencionado, se ele estivesse por perto. Por mais que Bryce gostasse do cara durão que mostrava, Charlotte havia visto o lado gentil dele o suficiente para saber que era um bom homem.

Um pouco confusa, foi para o apartamento. A rua principal estava tão bonita com as decorações natalinas. Mesmo com Jonas como prefeito, os comerciantes haviam convencido o conselho a enfeitar a cidade e isso valeu a pena, com mais visitantes que a cidade esperava depois do ano difícil. Isso e o Projeto Aquela Árvore.

Mas Jonas queria que ele falhasse e se os roubos continuassem, Kingfisher Falls perderia tudo que os comerciantes trabalharam tão duro para fazer acontecer?

## CAPÍTULO 12



— Zoe está trabalhando até tarde? — Trev levou uma garrafa de vinho aberta e duas taças para a sacada e as colocou na mesa. — Se vocês não tivessem comido eu ficaria feliz em pedir algo para nós.

— Não tenho certeza se ela estará em casa. — Charlotte revirou seus olhos.

— Esse foi um olhar engraçado.

— Desculpe. Vou enviar mensagens para ela para saber se quer se juntar a nós. — Charlotte escreveu e enviou. — Zoe recebeu um visitante, então pode estar ocupada.

— Visitante?

— Oh, gosto desse vinho. Posso tomar um pouco? Qualquer coisa para mudar o assunto.

Trev riu e serviu o vinho.

— Eu me esbarrei em Henry hoje... na verdade, ele quase esbarrou em mim, o que foi totalmente minha culpa.

— Talvez você precise disso. — Trev passou a Charlotte uma taça e ergueu a sua. — Para encontrar as palavras certas.

— Saúde. Sim, é um bom brinde. — Ela bebeu. — Ótimo vinho. De qualquer maneira, Henry não está indo muito bem financeiramente. Não que dissesse. Mas perguntei sobre sua entrega de jornal e admitiu que não estava pagando suas contas e que está usando suas economias. Rosie está interessada em fazê-lo o recebedor da doação em dinheiro que ela faz na época do Natal.

— Muita gentileza dela pensar nele. E como Darcy está precisando de ajuda preciso deixar Henry saber quando vê-lo amanhã.

— Amanhã?

Os músculos em volta da boca de Trev tensionaram. Seu humor mudou.

— O que aconteceu, Trev?

O telefone de Charlotte bipou, mas ela o ignorou.

— Conseguimos algumas impressões digitais da livraria. As de Henry estavam no balcão, o que é compreensível, mas também havia uma na própria árvore. Bem, um dos cartões.

O telefone bipou novamente e Charlotte olhou.

— Zoe está saindo para jantar e chegará em casa mais tarde.

— Zoe está... desculpe, não é da minha conta com quem ela sai.

— Bryce. Sim, o vi entrar na galeria mais cedo. — Ela sorriu. — O que há com as mulheres Dean e oficiais de polícia?

Trev inclinou-se para frente e beijou Charlotte.

— Não poderia estar mais feliz com sua escolha.

O brilho no coração dela ajudou a aliviar a tensão por causa de Henry. Pois não estava pronta para acreditar que Henry tinha roubado alguma coisa.

— Haverá alguma explicação de porque suas impressões digitais estavam



no cartão. Podemos rastrear isso se precisar.

— Koby anotou o que havia no cartão em questão então posso coletá-lo de manhã se não se importar. Porém, há algo mais. Havia mais impressões digitais. Jonas.

— Claro que havia! Eu tinha falado desde o começo que ele é o responsável e...

— Querida... desculpe interromper, mas para quem disse isso?

Charlotte se sentou novamente irritada.

— Que Jonas é responsável por roubar os cartões?

Trev confirmou.

— Você. E Rosie. Mas tenho dito várias vezes para Rosie se isso conta.

— Tem certeza de que não expressou seus pensamentos para Esther, ou Ted ou alguém?

— Certeza, Trevor. — O que ele achava que Charlotte estava fazendo, correndo pela cidade e fofocando? Ele sorriu pelo uso de seu nome inteiro e o tom dela e ela encontrou-se sorrindo de volta. — Desculpe. Mas por que pergunta?

— Você está se empolgando. Tive o prazer da companhia de Jonas essa tarde, me dizendo que preciso investigar Henry. Depois as impressões digitais voltaram com os dois implicados, o que cria tempos interessantes pela frente. Isso é apenas entre nós, mas acho que você precisa saber que Jonas está achando que os cartões roubados não são rastreáveis.

— Jonas está? Essa é a melhor notícia do dia todo. E não pretende corrigir a suposição?

— Me conhece muito bem, querida. Onde você está com as substituições?

— A amiga de Harpreet, a que imprimiu os originais, teve a gentileza de enviar os novos cartões como um trabalho urgente e os receberemos na quinta-feira. Cada um tem um número único e novamente deixarei sua pobre mãe sozinha na livraria para visitar cada comerciante e ajudá-los a trocá-los.

— Podemos manter isso quieto?

Charlotte riu e se levantou.

— Se está sugerindo que guardemos segredos do prefeito, então sim. Tenho certeza de que isso permanecerá confidencial. Está com fome?

Trev se levantou.

— O que gostaria de comer?

— De repente desejo um pouco de peixes e fritas. Vamos dar uma caminhada?



A loja de Ted estava muito mais tranquila que a noite passada quando Charlotte passou por ela. Ele estava atrás do balcão, embrulhando um pedido em papel branco depois escrevendo um nome com um marcador antes de acrescentá-lo a outro debaixo de uma lâmpada de aquecimento.

— Não mudarei minha decisão, amor. — Ted disse a Charlotte. — Nada pessoal. E você fez uma coisa boa, mas não posso assumir o risco.

— Apenas estou aqui por sua comida deliciosa — Ela disse. — Mas agora que mencionou isso, tenho uma solução se mudar de ideia.

Ted balançou sua cabeça.

— Você já viu as notícias locais?

Charlotte abriu seu telefone.

— O jornal online?

— Sim. Uma repórter apareceu e falou com Doug, e Mike na sapataria. Não posso arcar com esse tipo de publicidade negativa. É ruim para a cidade. Ruim para todos nós e seja lá o que de bom possa vir do projeto, tenho que pensar ao longo prazo.

Enquanto Trev pedia por eles, Charlotte lia o artigo no site do jornal local. Isso foi atualizado conforme as notícias chegavam e o jornal físico apenas era impresso uma vez na semana para a entrega no sábado. Ela irritou-se e guardou o telefone.

— Apenas diz que houve uma série de roubos de cartões-presentes que está sob investigação da polícia. Pelo menos a jornalista não sensacionalizou o relato.

Eles foram para fora esperar por sua refeição.

— Então por que a expressão preocupada? — Trev tomou a mão dela. — O que a está preocupando?

— Preferia que não tivesse nada lá fora que pudesse fazer os clientes pensarem duas vezes antes de doar.

— Nem todo mundo lê o jornal online, querida. E contanto que as pessoas sejam asseguradas que suas doações não serão perdidas, não haverá impacto. Pelo menos, espero que não.

Charlotte apoiou-se em Trev.

— Acho que saberemos nos próximos dias. Conseguir os novos cartões não pode ser rápido o suficiente.

Na rua, Jonas saiu de seu carro carregando sacolas de compras. Ele chegou na metade do supermercado e voltou para trancar o carro. Os olhos dele encontraram os de Charlotte à distância e Jonas parou.

— Não deixe ele te intimidar. — Trev colocou seus braços em volta de Charlotte. — Um dia desses, o prefeito Carmichael cometerá um erro do qual não conseguirá se safar. E pretendo estar por perto quando o cometer com um par de algemas.

— Está polindo-as em antecipação?

— Todos os dias.

Ela não pôde se controlar. Charlotte explodiu de rir. Com um olhar furioso, Jonas virou e foi embora.



Invés de voltarem ao apartamento dela para comer, foram para a praça e ocuparam um banco perto da fonte. A noite estava úmida conforme uma tempestade se aproximava, mas para Trev, parecia que ainda faltavam algumas horas. Ele abriu o pacote de peixe e enormes fritas e o aroma de dar

água na boca de sal e vinagre encheu o ar.

— Essa foi uma escolha inspiradora de janta, querida.

— E uma escolha perfeita de localização. — O sorriso de Charlie encheu o coração dele e parte do estresse do dia desapareceu.

Pessoas passavam pela praça em seu caminho para jantar ou para uma caminhada. A exibição na fonte combinava com as luzes que mudavam penduradas no alto e a árvore de Natal brilhava. Isso foi o mais bonito que Trev lembrava de ter visto a praça.

— Não olhe agora... bem, olhe, mas finja não olhar. — Charlotte cochichou.

Trev seguiu a linha de visão dela. Zoe e Bryce foram para o Italia, o braço dela enfiado no dele e sua conversa garantindo que não estavam cientes em ver quem poderia estar olhando.

— Bom para eles.

— Veremos.

— Você gosta de Bryce, Charlie. Admita isso.

— Eu gosto. Mas é melhor ele não magoar minha irmã.

— Você é gentil. — Trev sabia que estava sorrindo, mas não pôde se controlar. — Mas Zoe é o que... quinze anos mais velha que você? E já viajou o mundo. Tenho certeza de que é capaz de tomar suas próprias decisões.

— Zoe também é confiável, assim que você ultrapassa suas defesas.

Trev escolheu uma batata frita e a ofereceu a Charlotte, balançando-a perto de sua boca. Ela riu e a tomou com seus dentes.

— Zoe parece muito com você. — Com sua boca cheia, Charlotte não pôde responder enquanto Trev continuava. — Confiável. Carinhosa e gentil. Muito bonita. E esperta. Super esperta.

Charlotte engoliu.

— Você está falando sobre Zoe?

— Tenho certeza de que Zoe é todas essas coisas, mas aos meus olhos, você é cada uma delas e muito mais. — Trev inclinou-se mais perto. — Eu te amo tanto, Charlotte Dean. — Era esse o momento certo, em um banco comendo peixes e fritas?

— Você! Pare agora, seu ladrão.

Depois da fonte dois homens estavam a poucos metros um do outro. Um era Mike, dono da sapataria. Foi sua voz que interrompeu Trev uma vez mais de dizer o que precisava para Charlotte. Mike acenou com os braços para o outro homem que estava de mochila, seus ombros caídos.

Henry.

— Com licença, Charlie. Já volto. — Trev correu pela praça.

— Quero ver o que tem na sua mochila! — Mike gritou.

— Minhas coisas. Nada mais. — A cabeça de Henry estava abaixada.

— Me mostre.

Quando Mike pegou a mochila de Henry, Trev atirou-se entre eles.

— Pare. Afaste-se, Mike.

— Henry não é nada senão um ladrão. Um criminoso solto em nossas ruas.

— Eu lhe disse para se afastar.

O rosto de Mike estava vermelho de fúria, mas ele deve ter ouvido o ‘se não’ no tom de Trev porque deu um grande passo para trás.

— Falarei com você em um minuto. — Trev disse. — Não se mexa.

Ele virou-se para Henry, cujos olhos estavam apavorados.

— Você está bem, amigo?

A boca de Henry abriu e depois fechou. Charlotte apareceu ao seu lado.

— Que tal vir se sentar aqui por um minuto? — Ela puxou seu braço e Henry foi.

— Você o está deixando ir? — Mike gaguejou.

Pessoas pararam para olhar.

— Continuem andando, obrigado. — Trev não ia deixar isso transformar-se em um circo. Ele olhou para Mike. — Você tem alguma razão para acreditar que Henry roubou alguma coisa?

— Henry é um criminoso.

— Henry não tem condenações contra ele.

— Não ligo. Acho que Henry está por trás do roubo dos cartões-presente. Minhas vendas estão baixas por causa dele e se olhar em sua mochila os encontrará.

— E no que você se baseia? — Trev perguntou, olhando para Charlotte que convenceu Henry a sentar no banco e estava lhe oferecendo fritas.

— Sempre se escondendo. Leva a mochila para todo lugar. Tem acesso às lojas com a entrega de jornais. Age como um sem-teto.

— Para começar, Henry não é um sem-teto, mas se fosse, como isso o torna um suspeito? Já estive com pouca sorte, Mike?

Com um bufo, Mike virou a cara.

— Você viu Henry fazer alguma coisa suspeita?

— Não. — Mike olhou novamente. — Mas todos estão falando sobre ele ser o ladrão.

— Todo mundo não está se apresentando com provas. Se e quando você encontrar alguma, me ligue. Aqui está meu cartão. Mas caso contrário, recomendo seriamente que o deixe em paz. Há uma investigação em andamento e odiaria ter que falar com você sobre impedimento, Mike.

Mais controlado, Mike concordou.

— Desculpe. Eu o deixarei em paz. — Com isso ele foi embora. Trev suspirou e juntou-se a Charlotte e Henry.

— Não fiz nada errado. — Henry levantou-se rapidamente, lançando fritas no ar. Charlotte pegou os restantes da refeição e a embrulhou novamente.

— Calma. Eu disse a Mike para deixá-lo em paz. Mas se Mike, ou mais alguém assediar você assim, me ligue. Tudo bem?

Henry estendeu sua mochila.

— Olhe. Por favor. Para que saiba o que carrego comigo. — Henry a colocou em um banco e abriu cada zíper. — Falo sério, Trev. Por favor dê

uma olhada porque ninguém mais acredita em mim.

— Eu acredito! — Charlotte ficou sentada, seus olhos intensos. — Por favor não deixe uma pessoa assustada e mesquinha fazê-lo pintar todos com uma visão estreita do mundo.

— Charlie está certa. E darei uma olhada porque você pediu. Apenas porque pediu. Mas segure a mochila. — Trev pôde facilmente ver o conteúdo quando Henry manteve um zíper e depois outro bem aberto. Carteira, telefone, chaves. Dois livros de capa mole. O chapéu de aba larga pelo qual era conhecido. Uma troca de roupas, que Henry levantou para que Trev pudesse ver que não havia nada por baixo. E uma garrafa de água.

— Obrigado, amigo.

— Devia ter mostrado a Mike. — Henry resmungou.

— Não. Não é problema dele. — Trev esperou até a mochila ser fechada novamente. — Eu não ligaria de ter uma conversa com você amanhã, porém na delegacia. Ou posso ir te encontrar você.

— Sabia.

— Henry... essa noite não tem nada a ver com isso. Estou fazendo o meu melhor para excluí-lo dessa investigação, não me entenda mal, hein? — Trev manteve seu tom leve. — Também tenho um possível trabalho que pode interessá-lo.

— Que horas?

— Nove na delegacia, tudo bem?

— Tudo bem. Posso ir?

— Há mais alguma coisa que precisa? — Charlotte perguntou a Henry. — Fora os canapés e fritas?

Um vislumbre de um sorriso tocou os lábios dele.

— Obrigado. Preciso apenas de uma chance para recuperar meu orgulho e acho que sou o único que pode fazer isso. — Com isso, Henry jogou a mochila sobre os ombros e foi embora.

— Henry está certo. — Charlotte estava olhando-o partir. — Gostaria que eu pudesse pensar em alguma maneira de ajudá-lo a fazer isso.

— Você está ajudando-o, querida. Toda vez que o apoia ou encoraja, lhe mostra o caminho.

Charlotte sabia que Trev estava certo. Mesmo assim, devia haver mais que pudesse fazer.

## CAPÍTULO 13



Quando quinta-feira chegou, Charlotte estava mais que pronta para pegar os novos cartões-presentes. Os últimos dois dias foram fracos não apenas em doações para a Árvore Doadora da livraria, mas em vendas. A conversa pela cidade variava de raiva pelos roubos a especulação de quem estava por trás disso tudo. O nome de Henry foi mencionado mais de uma vez e Charlotte estava pronta para repreender a próxima pessoa que dissesse isso.

— Você foi afetada também? — Charlotte ajudou Harpreet a dividir os cartões em pilhas. Ambas se sentaram atrás do longo balcão de vidro de Harpreet. — Menos pessoas vindo?

— Sim, e o pior é o restaurante estar com algumas reservas canceladas. Muito incomum para essa época do ano e preocupante porque meu pai compra tudo fresco e não podemos tolerar, nem nos permitir, desperdício.

— Entrei em contato com a jornalista que escreveu o artigo na segunda-feira — Charlotte disse. — Ela disse que atualizará seu artigo para deixar as pessoas saberem que conseguimos cartões rastreáveis para que o projeto consiga apoio novamente, espero...

— Você não pode se culpar, Charlie.

— Mas me culpo. Tudo que vejo são lojistas desesperados e compradores preocupados. Se eu tivesse pensado sobre isso direito, colocar números rastreáveis desde o começo...

— O ladrão ainda poderia ter aparecido. Então pare com isso. Preocupe-se em lidar com a correria que teremos novamente, o que irritará nosso amável prefeito. — Harpreet sorriu. — Te contei que Jonas entrou arrogantemente aqui ontem?

— Não. O que aconteceu?

— Eu tinha um cliente e ele me interrompeu para me ‘lembrar’ que não paguei a fatura do conselho. Deixe-me te dizer, Charlie, fiquei furiosa! — Os olhos de Harpreet brilharam com raiva. — Me desculpei com o cliente e pedi a Jonas que saísse da loja.

— Você é oficialmente minha heroína.

— Obrigada, mas a que custo? Jonas berrou para mim ao sair que se todos nos recusarmos a pagar ele pessoalmente providenciará para que nossas licenças de sinalização sejam revogadas como o primeiro passo. E avisou que enviará inspetores de saúde para os restaurantes. Não que liguemos porque o India Gate House faz tudo certo, mas são as ameaças que não consigo suportar.

Charlotte tirou seu telefone.

— Posso enviar mensagens para Doug e ver se ele sabe que poder o conselho tem para executar isso. — Charlotte digitou um recado. — Irei avisá-la assim que tiver a resposta.

— Obrigada. E Jonas disse que se eu o pagar em dinheiro, tem um desconto de cem dólares.

— O que? — Charlotte terminou de guardar sua parte dos cartões em uma cesta e se levantou. — Desde quando ganhamos um desconto quando já passamos uma semana do prazo? Descontos são para pagamento antecipado.

— Provavelmente deve estar embolsando para si mesmo.

— Será que pode perguntar a todos para quem deixar esses, se pagaram? Estou curiosa agora para saber qual é o jogo dele.

Depois de Harpreet trancar sua loja, elas foram em direções diferentes. Charlotte estava cobrindo a sapataria, a loja de Lewis, a galeria, a loja de Esther, e a Fazenda de Árvores de Natal. Ela deixaria os cartões na livraria com Rosie para se preparar com a modificação, então passaria pelos outros estabelecimentos na cidade e finalmente dirigiria para a fazenda.

Quando chegou na sapataria, Mike não pareceu feliz em vê-la.

— Eu posso fazer isso.

— Se eu ajudar levará metade do tempo e não te atrapalhará tanto assim. Eu deveria ter tido os números impressos nos originais, por isso quero garantir que não haja mais risco para você ou alguém mais envolvido.

— Vi o jornal online. — Mike deu a volta no balcão. — Dizia que os novos cartões são rastreáveis. Mas e quanto aos cartões roubados? E se alguém os trazer para resgatá-los?

— Boa pergunta. Mas eles são completamente diferentes em aparência — Charlotte estendeu um. — Não há nenhuma neve na imagem e números no verso. Todo cartão que você tem na árvore será cortado assim que copiarmos seus detalhes e registramos seu número.

— Oh, entendi. Assim que os entregarmos, riscaremos todos quando forem resgatados.

— E qualquer um tentando resgatar os antigos será rapidamente identificado como o ladrão ou de alguma forma associado com o ladrão.

No fundo da loja havia uma porta aberta para uma sala privada. Longos fios de contas pendiam no alto do batente da porta e houve um sutil movimento e chocalho quando elas se tocaram. Charlotte olhou.

— Oh, desculpe, tem companhia?

Mike balançou sua cabeça.

— Ninguém aqui senão nós. Apenas o vento.

Que vento?

Um arrepio percorreu a espinha de Charlotte.

— Certo. Bem, vamos terminar isso. — Ela começou a tirar as decorações em forma de árvore de Natal.

Dando a volta no balcão para ajudá-la, Mike se posicionou entre Charlotte e a vista para a porta dos fundos.

— Então, apenas para confirmar — Sua voz estava mais alta que precisava estar. — Está dizendo que os cartões roubados agora são inúteis e levarão direto para a pessoa que os roubou?

— Sim. E a melhor coisa? — Charlotte ergueu sua própria voz para combinar com a dele.

Então, quem está naquela sala?

— Trev tem um suspeito que deixou impressões digitais em cada local onde os cartões foram levados. E solicitou por um mandado de busca de um escritório... local.

Aquilo seria demais?

Charlotte apressou-se em ajudar Mike, dizendo pouco mais até depois dos cartões antigos serem cortados em pedaços.

— Maravilhoso. Certo, bem, tenho algumas outras lojas para visitar então vamos esperar que você tenha muitos clientes.

De volta na rua, ela correu para chegar a sua próxima parada, olhando quando uma mensagem chegou ao seu telefone.

Número desconhecido. Nenhum texto, mas uma foto.

Charlotte parou perto da loja de Esther para abri-la e sua boca caiu. Foi tirada fora da sapataria, provavelmente ao longo da rua pelo ângulo. Dois homens estavam na porta, olhando na direção que Charlotte havia tomado. Mike e Jonas.

Charlotte deu zoom no texto vermelho acrescentado pelo emissor acima da cabeça deles. *Segundos depois que você saiu.*



— Segui uma trilha longa e sinuosa de empresas para encontrar pessoas reais, chefe. — Koby jogou-se na cadeira em frente a Trev. — Alguém se deu ao trabalho de tornar quase impossível saber quem está por trás do processo de desenvolvimento. Mas consegui.

— Vá em frente.

— O terreno anteriormente em posse de Glenys Lane foi adquirido abaixo do preço de mercado a cerca de um mês depois da prisão de Sid Browne e Terrance Murdoch. Eu os menciono porque o último havia feito uma oferta pelo terreno algum tempo antes de ser recusada. Independente do motivo, essa oferta menor foi aceita.

— Pela sinalização, o nome do construtor era desconhecido. Você os rastreou?

Koby confirmou.

— A apresentação para o desenvolvimento é suficientemente clara, mas leva de volta, eventualmente, para o que chamo de uma empresa de fachada formada entre Jonas Carmichael e Michael Wynne. Conhecida como Mike Wynne.

— Que é o dono da sapataria. Aquele pequeno trapaceiro... tentando causar uma grande cena na praça. Acusando Henry de roubo e o tempo todo, é uma das pessoas mais próximas de Jonas. — Trev empurrou sua cadeira para trás e caminhou para a máquina de café. — Isso explica tanta coisa agora.

Não uma forma ilegal de parceria, porém.

— Talvez não. Ou talvez tenham mais a esconder. Preciso perguntar a



Doug, mas imagino que ser prefeito e administrar múltiplas inscrições de desenvolvimento na mesma municipalidade ultrapassa alguns limites. — Invés de fazer café, Trev voltou para sua mesa. — Estou pronto para visitar nosso prefeito para uma conversa. Gostaria de se juntar a mim?

Ele não precisou de um segundo convite e um minuto depois Trev estava trancando a porta da frente.

— Trev? — Harpreet correu. — Posso ter uma palavra?

— O que houve? Você quer entrar?

Harpreet balançou sua cabeça e levantou uma cesta de cartões-presentes.

— Ainda tenho alguns lugares para ir com eles. Não, acabei de vir da loja de Ted e ele me contou algo que me perturbou. Não sei se isso é ilegal, mas Jonas o obrigou a pagar essa fatura ridícula pelas decorações natalinas.

— Obrigou?

— Antes de eu chegar lá, Jonas veio e disse que o tempo estava acabando para todos os comerciantes, ou algo assim. Ele queria o pagamento na hora ou fecharia a loja até ser pago.

— Jonas não pode fazer isso.

— Eu sei. Mas Ted estava preocupado depois de ter seus cartões roubados. E Jonas insistiu que pagasse em dinheiro, mas abaixou o custo em cem dólares. Estou tão brava! — Harpreet disse. — Essa manhã mesmo mencionei a Charlotte que Jonas ofereceu o mesmo desconto ontem se eu pagasse na hora.

— Você não pagou, espero.

— Eu o expulsei de minha loja.

Trev sentiu vontade de rir, mas não sabia se Harpreet se ofenderia. Que delícia teria sido vê-la expulsar o prefeito. Invés disso, pegou seu telefone.

— Obrigado. Liguei para o escritório do conselho e descobrirei do que se trata isso. E visitarei Ted quando puder para ver se ele está bem.

— Eu agradeço. E obrigada por levar isso à sério. Nosso delegado anterior teria rido na minha cara.

— Sim, ele está atrás das grades agora. Ligue se encontrar mais alguém que teve a mesma experiência que Ted, sim?

Harpreet concordou e disse adeus.

Trev ligou para o escritório do conselho.

— Você quer dirigir? — Ele jogou as chaves para um entusiasmado Koby quando alguém atendeu. A ligação foi curta e estranha. Trev subiu no banco passageiro assim que desligou.

— Certo, então os escritórios do conselho estão com poucos funcionários nessa época do ano. Equipes de emergência, guardas-florestais e coisas assim. Eles não têm registro de quaisquer faturas sendo geradas para os negócios. A secretária que atendeu estava completamente confusa e disse que qualquer coisa desse tipo precisaria de aprovação de uma reunião do conselho e seria enviada pelo correio, não deixada pelo prefeito. Ela participa de todas as reuniões para fazer atas e não lembra de isso ser discutido.

Koby saiu de ré com o carro patrulheiro.

— Jonas está fazendo isso para conseguir dinheiro para si mesmo?

— Um pouco arriscado se estiver. Imagino que ele não deu a Doug ou Esther faturas, mas com certeza saberia que alguém como mamãe e Harpreet se recusariam a pagar e talvez entrar em contato com os escritórios para reclamar?

— Para onde estamos indo?

— Desculpe. Certo. Veremos se Jonas está em seu escritório de advocacia.

— Ouvi você falando com Charlotte no telefone mais cedo.

— Ela é uma das razões que estamos indo nessa direção. Tenho motivos para acreditar que Jonas ouviu uma conversa entre Charlie e Mike sobre os cartões roubados. Com um pouco de sorte, podemos encontrá-los com ele.

— Devo usar a sirene?

— Não. Dirigiremos calmamente, obrigado.

— Não quer alertá-lo?

— Ou assustar os moradores de nossa cidade. — Trev enviou uma mensagem para Bryce para ver se estava por perto e se juntar a eles. Levou menos de um minuto para conseguir um entusiasmado sim. Bom. Prender Jonas Carmichael estava na sua lista de desejos já há algum tempo e ele não gostaria de cometer nenhum erro.

# CAPÍTULO 14



— Apenas estou deixando esses aqui até eu voltar, Rosie. — Charlotte carregou a cesta de cartões-presentes para trás do balcão. — Harpreet pode vir e terminar para mim se conseguir passar a tempo, caso contrário, continuarei depois.

— Depois, quando? O que está fazendo? — Rosie a seguiu até a porta dos fundos. — E o que está havendo na cidade hoje?

— O que quer dizer?

— Caminhões de concreto indo e voltando. E há um grupo de comerciantes na esquina da cafeteria. Lew disse que há um centro de exposição ocorrendo no terreno ao lado dos Forests.

— Mas a data de apresentações de objeções para a subdivisão não passou ainda. Eles estão realmente construindo alguma coisa lá em cima sem uma licença? Quanto ao que estou fazendo... bem, tenho que ir para a Fazenda de Árvores de Natal com os cartões deles e quero fazê-lo antes do almoço. Nada sinistro. — Charlotte disse.

— Melhor não ser, mocinha. Muitas coisas ruins acontecendo novamente. Jonas esteve aqui.

Charlotte quase deixou cair seu telefone.

— Quando?

— Depois que saiu. Exigiu pagamento novamente. De qualquer maneira, levei a fatura para fora e ia rasgá-la na frente dele, mas então notei o papel timbrado.

— O papel timbrado do conselho?

— Versão antiga. Eles mudaram de um logo com montanhas para uma com as cachoeiras a mais de um ano atrás, então ou estão usando papel de carta antigo, ou alguém o comprou. Para uso privado.

— E o que você fez?

— Coloquei a fatura em minha bolsa e lhe disse para sair da minha loja. Jonas continuou, é claro. Ameaçou nos impedir de trabalhar. Uma família veio e ele disparou para a rua.

— Oh meu deus. Você está bem? Deveria ter me ligado.

Rosie pareceu satisfeita consigo mesma.

— É preciso mais do que um valentão bravo para me perturbar, querida. Mas por favor, tome cuidado. Algo está ocorrendo e não lhe quero nenhum pouco perto do perigo.

Charlotte saiu da trilha da garagem, um pouco surpresa pelo carro ligar de primeira depois de semanas sem dirigir. Rosie não precisava se preocupar. Ela não tinha intenção de encontrar-se com Jonas sozinha. Trev encontrou suas impressões digitais em vários lugares e estava preparando um caso contra o prefeito.

Ao longo da rua principal várias vans de trabalho tomaram conta do estacionamento. Pelo menos uma dúzia de trabalhadores usando coletes fluorescentes, sentavam-se do lado de fora da esquina da cafeteria com almoços. Presumivelmente, esses eram do novo desenvolvimento. Jonas deve ter pedido por dicas de como apressar as coisas, no entanto, porque não haviam tido movimento em meses, graças ao empurrão da cidade.

Hoje estava mais tranquilo na rua até os Forests. Apenas um carro passou no outro sentido com uma árvore amarrada em cima.

Um pouco mais acima da entrada da antiga casa de Glenys, um antigo ute estava estacionado na contramão do outro lado da estrada, quase enterrado em arbustos na beira do mato.

— Henry?

Charlotte parou perto do acostamento da rua estreita. Depois de pegar seu telefone e trancar as portas, atravessou para o outro lado. Era seu carro ali em cima? Sim, era. Sua mochila estava no banco passageiro da frente.

— Onde diabos está você?

Havia seu carro quebrado no caminho para a Fazenda de Árvores de Natal? Porém, ela sabia que Trev havia falado sobre a oferta de Darcy de algum trabalho no outro dia quando Henry foi à delegacia.

Seu telefone bipou uma mensagem. Mesmo número desconhecido. Charlotte quase deixou seu telefone cair pela pressa de abrir a foto.

A princípio, não reconheceu o lugar, pois havia galhos entre o fotógrafo e o suspeito, que era um carro com seu porta-malas aberto. Um homem de terno estava perto do carro vestindo botas de borracha. Um homem chamado Jonas Carmichael. Quatro palavras em vermelho foram acrescentadas à foto. *A antiga casa de Glenys Lane.*

— Oh no, não, não. — Charlotte discou para Trev. A chamada foi para o correio de voz. — Sou eu. Tenho certeza de que Henry está seguindo Jonas e ambos estão na antiga casa de Glenys. Outra foto acaba de chegar. O carro de Henry está estacionado aqui na rua indo para os Forest.

Ela chegou no meio da rua e parou. Deveria esperar Trev ligar de volta. E se Trev não recebesse o recado? Então escreveu uma mensagem.

Encontrei o carro de Henry, mas não Henry. Poderia valer à pena você vir e dar uma olhada.

Alguma coisa a fez colocar seu telefone para vibrar. Charlotte tinha que encontrar Henry antes que fosse visto por Jonas e um telefone tocando seria perigoso.

Assim, correu atravessando o portão aberto entrando na trilha da garagem. O matagal a impediu de ver qualquer coisa além da primeira curva. De memória, a trilha da garagem serpenteava para frente e para trás enquanto descia para o chalé. Henry devia estar escondendo-se no mato. Charlotte o encontraria e depois eles poderiam voltar para a rua e esperar por Trev.

## CAPÍTULO 15



Trev fez sua terceira ligação direta, frustrado com a falta de ação. O escritório de Jonas estava trancado e o homem não estava por perto. Nem seu carro. Como parte de um prédio compartilhado havia uma assistente pessoal que terminantemente se recusava a ajudá-lo.

— Eu te disse antes, Jonas é um dos meus empregadores e não me disse onde estava indo. — Ela cruzou seus braços e encarou Trev. — Você precisará de um mandato antes que eu destranque essa porta.

Afinal, sabia que Jonas pediria por um.

— De quem foi aquela última ligação? — Bryce havia tentado gentilmente convencer a assistente pessoal a destrancar a porta e ela lhe virou as costas. — Pois me pareceu que isso foi sobre o prefeito.

— Sim. Harpreet. Outro comerciante que admitiu pagar Jonas em dinheiro para permanecer aberto. Esse é o terceiro que encontramos até agora. Acho que Jonas está passando dos limites.

— Alguma ideia de onde ele esteja?

— Mandeí Koby para a casa dele. — O telefone de Trev bipou. — É Charlotte. — Ele leu a mensagem em voz alta, franzindo a testa. — Encontrei o carro de Henry, mas não Henry. Poderia valer a pena você vir e dar uma olhada.

— Uma olhada onde? — Bryce perguntou.

— Eu perdi uma ligação dela. — Trev acessou seu correio de voz e segurou o telefone para que Bryce ouvisse.

— Sou eu. Tenho certeza de que Henry está seguindo Jonas e ambos estão na antiga casa de Glenys. Outra foto acaba de chegar. O carro de Henry está estacionado aqui na rua indo para os Forest.

Ambos os homens usaram o mesmo palavrão e saíram, Trev discando para Charlotte enquanto Bryce chamava Koby. Ela não atendeu. Pânico apertou seu coração quando enviou uma mensagem.

— Charlie, vá para a Fazenda de Árvores de Natal e fique lá até eu ligar. Não vá para a outra propriedade. Estamos a caminho.

Eles foram para o carro sem identificação de Bryce.

— Eu disse a Koby para ir para lá e esperar na rua. — Bryce se sentou no banco do motorista. — Ele perguntou se podíamos ligar as sirenes.

— Você disse que não.

— Claro que disse. — Trev riu.

Bryce perdeu tempo pegando a estrada para fora da cidade. Um caminhão de concreto o atrasou e levou um minuto ou dois para dar a volta.

— Para onde ele vai?

— O boato é que tem uma laje sendo construída hoje nesse novo desenvolvimento. Não está aprovado e ainda assim Jonas desafia as regras

novamente.

— Os tons do ponto fraco.

— O que? — Trev olhou seu telefone. Nada de Charlotte ainda.

— Você sabe. Esconder um corpo debaixo de uma laje. — Bryce disse.

— Essa coisa vai um pouco mais rápido?



Tudo o que o mato fazia era arranhar os braços e pernas de Charlotte e ela desistiu de tentar forçar sua passagem e em vez disso tomou a trilha da garagem. Ela ouviria se um carro se aproximasse e se esconderia atrás de uma árvore ou coisa assim.

Estava silencioso exceto pelo zumbido distante de uma motosserra. Darcy ou um de seus funcionários muito provavelmente. Mas lá era como se não houvesse vida ocupando o terreno. Nenhum som de pássaros ou sinal de pássaros. Nenhum farfalhar na vegetação rasteira de pequenas criaturas. Charlotte tremia apesar do calor do dia. Esse lugar era assustador.

Nesse momento ela estava a meio caminho do chalé assustador em que Glenys uma vez viveu. O lugar onde Sid e Alison mantiveram Zoe aprisionada durante a noite. Charlotte virou a curva esperando mais tojo e arbustos crescidos demais. Em vez disso, o terreno estava limpo. O chalé demolido.

Grande melhoria.

Charlotte estava exposta, porém correu para um pequeno aterro onde havia um eucalipto, refugiando-se atrás de seu grosso tronco. Quando espiou por trás, a extensão da destruição arrancou um pequeno suspiro dela e ela cobriu a boca com suas mãos para impedir-se de ser ouvida.

Onde o chalé uma vez esteve, agora tinha uma larga uma área plana com formato de casa marcada com reforço de aço. Metade dela estava cheia de concreto secando. Uma área do tamanho de um campo de futebol em volta dela havia desaparecido exceto por um velho galpão. E apesar de Charlotte ter visitado o lugar só uma vez, ela sabia que houve algumas árvores e alguns arbustos antigos bonitos, embora descuidados. Muito disso não podia ser removido sem uma licença e era improvável que uma fosse concedida antes que o pedido do desenvolvimento fosse considerado.

Não, alguém estava desmatando esse terreno sem pensar no processo legal, que dirá o impacto no meio ambiente. As mãos dela fecharam-se furiosamente. Exatamente como os primeiros estágios do desenvolvimento imobiliário.

O telefone dela vibrou e Charlotte recuou para trás da árvore. Havia duas chamadas perdidas de Trev e um texto.

Charlie, por favor vá para a Fazenda de Árvores de Natal e fique lá por enquanto.

Enquanto respondia, o número desconhecido enviou um monte de fotos.

Jonas estava tirando um saco plástico e uma pequena árvore de Natal do porta-malas de seu carro.

Jonas com uma pá.

Jonas cavando um buraco na parte não concretada da área marcada.

Havia texto vermelho apenas na última.

Precisamos da polícia aqui agora. Henry.

— Bom rapaz. — Charlotte cochichou e as encaminhou para Trev com uma mensagem.

Pegamos ele! Não podemos deixar as concretadeiras voltarem. Estou completamente segura.

Tudo o que ela tinha que fazer era encontrar Henry e levá-lo para a rua e esperar. Onde realmente era seguro.

Charlotte arrastou-se ao longo da trilha da garagem.

O carro de Jonas estava estacionado perto do galpão, seu porta-malas aberto. Ele estava ao telefone perto da laje inacabada, usando botas de borracha sobre as calças de seu terno. Jonas apoiou-se sobre uma pá e sua voz fluuava, brava com seja lá com quem falava.

— Se apresse. Eu quero o caminhão aqui agora mesmo. — Jonas colocou o telefone em um bolso.

Como ela deveria parar um caminhão de concreto se chegasse antes de Trev? As fotos seriam provas suficientes ou a polícia precisaria lidar com as toneladas de concreto molhado e valeria a pena tentar cavar embaixo dele se tudo que estivessem enterrados fossem cartões-presente roubados? Jonas estava para se safar de outro crime?

Kingfisher Falls poderia não se recuperar se ele escapasse novamente. Livre para continuar seu caminho de destruição exatamente com o mesmo lugar que foi eleito para proteger e cuidar. O estômago de Charlotte revirou.

Pá na mão, Jonas pisou sobre o reforço de aço para alcançar uma pilha de terra. Depois de enxugar sua testa com seu braço, começou a encher o buraco. A parte mais alta da árvore de Natal apareceu e Jonas bateu o pé nela e arrastou-a para fora de vista. A prova estava desaparecendo diante dos olhos dela.

Ela tinha que colocar Henry em segurança. Charlotte havia visto Jonas ali e as fotos com certeza serviriam como provas.

Então enviou um texto para o número desconhecido. Henry.

Estou aqui. Onde você está?

Jonas pulou e olhou em volta.

Ele havia ouvido o telefone de Henry?

— Saia. — gritou.

Ao lado do galpão, fora da vista de Jonas, Henry endireitou-se. Os olhos dele encontraram os de Charlotte e ela reconheceu aquela expressão. Ele estava apavorado. Charlotte balançou sua cabeça e colocou seu dedo nos lábios como se para dizer ‘shh’.

— Seja lá quem estiver me espionando, apareça. — Jonas levantou sua pá e em um minuto estava fora da laje vazia e foi para o galpão. — Você se arrependerá de me seguir.

Charlotte foi para o meio da trilha da garagem.

— Ninguém o está seguindo, Jonas. Acabo de chegar para reviver antigas memórias desse lugar.



## CAPÍTULO 16



— Bem, bem. Você não podia deixar isso quieto, podia? — Ele sorriu. Jonas jogou a pá de lado e plantou seus pés. — Sempre se intrometendo na vida dos outros. Causando problemas para pessoas inocentes apenas para provar que é melhor do que eles.

— Eu gostaria que você desenterrasse o que acaba de enterrar.

Charlotte parou de caminhar quando estava perto o suficiente para ver seus olhos, mas longe o suficiente para correr se a necessidade surgisse.

Jonas bufou.

— Não faço ideia do que quer dizer.

— Tarde demais. Já consegui várias fotos de você enterrando a árvore de Natal de Vinnie e um saco plástico do que imagino que são os cartões-presentes roubados.

A cor sumiu de seu rosto.

— Me mostre.

— Por que fazer isso? Tudo isso?

A pergunta o divertiu.

— Que parte?

— Você poderia ser um sócio em um escritório de advocacia. Por que ser um prefeito de uma cidadezinha? — Se pudesse mantê-lo falando, Trev chegaria.

Mas corra!

— O preço de terrenos despenca quando há muito crime. E gosto de comprar terra quase de graça.

— Mesmo os cartões-presentes da Árvore Doadora? Isso era para ajudar pessoas, por que sabotaria isso?

— Você é a psiquiatra. Diga-me.

— Com prazer. Acho que você é muito inteligente, mas carece de empatia. É arrogante e egoísta. É ambicioso, mas não tem paciência. Olhe para esse lugar. — Charlotte moveu seu braço no ar. — Em vez de passar pelas vias apropriadas, coloca uma equipe aqui com motosserras.

— Eu *sou* a via apropriada. Extraordinária a influência que exerço sendo um advogado e prefeito. O que digo, acontece. — Ele encarou Charlotte. — Mas você e seu pequeno grupo de rebeldes tinham que estragar tudo. — Jonas deu alguns passos para Charlotte e ela deu alguns para trás. — O desenvolvimento imobiliário irá continuar assim como esse aqui. Todos ficarão tristes depois que você partir, mas superarão.

— Para onde eu estou indo?

— Há muito espaço debaixo da laje.

— Oh, qual é, Jonas. Assassinato é demais para você. — Como sua voz soava tão normal quando suas pernas estavam tremendo? — Você esteve por

trás da morte de Cecil?

Os olhos dele estavam frios. Jonas sacou uma arma de um coldre debaixo do casaco de seu terno.

— Darei à doutora uma estrela dourada. — Jonas fez algo com a arma e ela fez um clique.

Não houve pânico. Charlotte o acalmaria. Trev chegaria e prenderia Jonas. Ela estava bem. Jonas não a machucaria porque nada disso era real. Não podia ser. Charlotte tinha uma vida diante dela. Trev seria seu marido e eles teriam uma família e envelheceriam juntos.

— Você não faz ideia de quão sortuda é por estar de pé porque seria morta depois de Cecil. Na verdade, agora que sabe tudo isso, por que esperar?

— Isso não tem que ser assim. Podemos fazer um acordo.

— Não é o suficiente, e já é muito tarde. Adeus, doutora.

Jonas levantou a arma e quando seu dedo moveu o gatilho, Charlotte cambaleou para trás.

Mas o rosto de Jonas se contorceu. Ele caiu, de cara no chão, com um baque. A arma girou na terra.

Henry estava atrás dele, segurando a pá no alto.

— Ninguém ameaça você, Charlotte. Ninguém.



Trev gemeu quando leu a mensagem de Charlotte.

— Quando Charlotte ouvirá? Ela diz que está segura e que precisa parar as concreteiras. Essas fotos estão a apenas metros de distância de Jonas então não está segura.

— Quase lá.

— Vou trancá-la.

Bryce riu alto.

— Falo sério. Se algo acontecer a Charlotte...

— Amigo, ela está bem. Nossa Charlie é esperta e ficará fora de vista então apenas se concentre em prender Jonas em vez de sua namorada.

As fotos eram exatamente o que Trev precisava para prender o prefeito.

— Lá está o carro de Charlotte. E imagino que aquele seja o de Henry? — Bryce não se incomodou em parar, mas virou na trilha da garagem, quase sem diminuir. — Estive aqui antes para entrevistar Sid e companhia.

Se Charlotte e Henry não estavam na rua, onde estavam? A não ser que tenham ido para a Fazenda de Árvores de Natal. Apesar que com certeza Charlotte lhe teria enviado mensagem. Trev olhou novamente. Nada.

— Meu deus. Até parece que um meteoro destruiu as árvores. — Bryce disse.

A luz do sol reluzia em uma pá no chão... e uma arma. Três pessoas estavam no chão. Um fragmento gelado rasgou o coração de Trev e tudo o que pôde fazer foi respirar.

Quando Bryce diminuiu para estacionar, Trev abriu a porta rapidamente e pulou para fora antes que o carro parasse.

— Opa, vá com calma, amigo!

— Charlotte! Charlie!

Henry se levantou e ajudou Charlotte a ficar de pé. Independentemente de quem estava no chão não importava porque Charlotte preencheu a visão de Trev enquanto corria. E depois seus braços se atiraram em volta dela e com isso estava contra seu corpo. Viva e respirando.

— Charlotte está bem, Trev.

Ela estava dizendo algo contra seu peito, mas seus braços não a soltavam. Não ainda.

— Trev, ela está apenas um pouco assustada. — Henry falou novamente.

— Mas eu posso ter matado Jonas.

Isso foi suficiente para afrouxar os braços dele, e assim Charlotte se contorceu.

— Você não o matou, Henry. Mas chamamos uma ambulância.

Charlotte ia virar e voltar para Jonas, mas Trev segurou sua mão e não a soltou. Ela olhou sobre seu ombro e sorriu.

— Eu disse a você que estava bem. Minhas pernas tremeram depois que Jonas caiu no chão.

Trev puxou gentilmente sua mão e Charlotte voltou para ele, seus dedos alcançando seu rosto.

— Lamento tê-lo preocupado. Mas Jonas estava indo atrás de Henry então eu apenas o mantive falando até... bem, até ele mesmo cair.

Bryce riu e tocou a pá com seu pé.

— Cair?!

— Ali está sua arma. — Henry apontou. — Jonas está despertando.

— Deixe-o. Eu assumirei, Henry e você vão se sentar em algum lugar. — Bryce checou a pulsação de Jonas. — Ele viverá.

— Eu lhe disse que Jonas estava bem. Provavelmente atordoado. Alguém pode pegar a arma? — Charlotte olhou para Henry enquanto ele ia para o pedaço de sombra mais próximo. — Henry não se encrencará, não é? Pois impediu Jonas quando ele veio até mim.

— Veio até você? Jonas tinha a arma apontada para você? O que aconteceu em apenas mantê-lo falando? Oh, Charlie.

— Sim. Até Henry detê-lo. E eu estava mantendo-o falando. E Jonas disse algumas coisas interessantes que gravei em meu telefone. Não sei se isso é legal, mas gravei. Admitiu estar por trás da morte de Cecil também. Você teria um pouco de água? Eu gostaria de sentar-se.

Sirenes aproximavam-se e todos viraram quando um carro patrulheiro, luzes piscando, apareceu por entre as árvores.

— Ele tinha que fazer isso. — Trev disse.

Depois de estacionar dramaticamente de lado, Koby quase pulou para fora do carro, mão em seu coldre. Seu rosto caiu quando percebeu que havia perdido a ação.

— Chaves, novato.

— Preciso ver se Henry está bem. — Charlotte disse.

— Ele está. — Trev tomou as chaves do carro patrulheiro de Koby. — Fique aqui e ajude Bryce. Pegue a arma e faça isso seguindo o regulamento. Dê uma olhada em Henry, lhe arranje alguma água e lhe assegure que não está encrencado.

— Onde você está indo, chefe?

Bryce sorriu.

— Ele irá trancar Charlotte.

Charlotte disparou um olhar de surpresa para Trev. Ele olhou de volta para ela.

— Vamos.

— Mas...

— Me ligue se precisar de mim. Se você realmente precisar de mim. — Trev escoltou Charlotte para o carro patrulheiro e abriu a porta do passageiro. — E você tenha o prazer de prender Jonas, Bryce.

Trev fechou a porta e deu a volta para o lado do motorista. Jonas estava gemendo o que não fez nada para lhe dar simpatia. Koby estava com Henry. E Bryce ainda tinha um sorriso em seu rosto.

## CAPÍTULO 17



Foram necessárias a Trev algumas tentativas para virar o carro patrulheiro na direção oposta, graças à técnica criativa de estacionar de Koby. Charlotte deu uma olhada em seu rosto. Ela o deixara preocupado. O coração dela afundou. Muitíssimas vezes Trev havia lhe pedido para ficar fora de perigo e parar de investigar, porém ali estavam novamente.

— Eu não estava em perigo. — arriscou dizer enquanto o carro patrulheiro subia para a rua.

— Deixe-me ser o juiz disso. — Seu tom não encorajou mais discussão.

Trev precisava de um momento. Bem, Charlotte também. E se ele estava bravo ou desapontado com as ações dela, novamente, então como podiam seguir em frente? Havia Charlotte acabado de colocar sua vida em risco por Henry, apenas para perder seu futuro com o homem que amava?

Suas mãos estavam tremendo. Seu coração doeu e o nó na garganta tornava difícil engolir. Adrenalina.

Ou mágoa.

De volta na rua, Trev foi para a cidade. Charlotte abriu sua boca para avisar que seu carro fora deixado para trás. Junto com sua bolsa e os cartões-presentes. Mas a fechou. Ele não devia ter visto. E se fosse deixá-la na livraria e dizer um adeus final?

— *Você* me prenderá? — Sua voz saiu como um guincho e Trev olhou. Sua expressão suavizou um pouco. A não ser que ele estivesse apenas pensando que lamentava tê-la conhecido.

— Eu deveria.

— Oh.

— Oh, mesmo. O que eu deveria fazer com você, Charlotte?

Ela tinha certeza de que essa era uma pergunta retórica então olhou a paisagem, apertando seus dedos juntos.

Quando alcançaram a cidade, Trev estacionou fora de uma das lojas de comida para viagem.

— Fique aqui. Falo sério.

Trev desapareceu lá dentro. Para onde iria, de qualquer maneira? Sem chaves. Sem carro. E se a atitude dele fosse algum indicativo, talvez sem namorado. Um minuto depois ele voltou com duas garrafas de água.

— Beba.

— Obrigada.

Depois eles saíram novamente. Um longo gole ajudou. Se ele se importava o suficiente para hidratá-la, ainda devia amá-la e estava levando-a para casa para deixá-la descansar. Ou isso ou Trev estava agindo como um xerife dos velhos tempos nos filmes que Charlotte havia visto e estava para deixá-la na periferia da cidade e dizê-la para nunca mais voltar.

Uma risadinha saiu.

Trev lançou um olhar severo para Charlotte.

— Desculpe. Adrenalina. — Charlotte conseguiu se impedir de explodir em risos. Ou lágrimas.

Eles passaram a livraria e alguns minutos depois, Trev desacelerou o carro patrulheiro e entrou no estacionamento das cachoeiras. Motor desligado, ele olhou pelo para-brisa por um momento.

— Você está bem?

— Estou.

— Não. Você está realmente bem? Jonas não te machucou?

— Não.

Ele abriu sua porta. — Você pode fazer uma pequena caminhada? — Trev estava fora do carro e dando a volta para o lado passageiro sem esperar por uma resposta. Charlotte desceu e testou suas pernas. De volta ao normal.

— Por que estamos aqui?

Com um frustrado aceno de cabeça, Trev tomou a mão dela e partiu em um ritmo rápido. Charlotte acompanhou por pura força de vontade e uma recusa de soltar sua mão, agora que Trev a havia tomado.

Não posso perder você.

Havia Charlotte ido muito longe? Assustado Trev demais? As batidas em seu coração não eram devido à adrenalina ou o ritmo da caminhada. Eram por medo de perder esse homem.

O rugido das cachoeiras se aproximava e depois a trilha desviava e abria para o mirante. Estava deserto exceto por uma visão incomum. Um martimpescador na grade. Ele voou quando se aproximaram, descendo a poça abaixo. Mas algo mudou. Trev relaxou e puxou Charlotte para seus braços.

Ela olhou para seu rosto. — Lamento tê-lo preocupado.

— Bryce me disse que você estava bem.

— Ele disse?

— Me pergunto se Zoe tem tendências investigativas.

— Acho que não. Ela é muito mais ajuizada.

Trev passou uma mão por seu cabelo. Distraído. E quando olhou para Charlotte, havia a mais estranha expressão em seus olhos. Não preocupação. Não preocupação sobre seu bem-estar, pelo menos.

— Você está se perguntando por que estamos aqui? — Ele perguntou.

— Imaginei algumas possibilidades. — Charlotte mordeu seu lábio inferior.

— Estamos aqui, minha querida, porque por mais que eu queira prender Jonas, há algo muito mais importante para fazer. Você e eu tivemos muito com que lidar nesses últimos meses e o perfeito momento fica sendo interrompido.

O perfeito... oh...

— Chega de esperar. É agora ou nunca. — Trev apalpou seus bolsos e riu.

— Agora, por que eu carregaria um anel de noivado em meu uniforme? Deixa para lá.

— Trev?

Ele se ajoelhou, ambas as mãos dela nas suas. Esses olhos gentis dele estavam transbordando com amor e o coração dela parou completamente. Charlotte tinha certeza de que parou.

— Me apaixonei por você no minuto que nos conhecemos naquela estrada em River's End. Você pulou para fora do seu carro segurando um mapa rodoviário, lágrimas escorrendo pelo rosto, e eu soube então que você era encrenca. Ainda é. Mas é o tipo de encrenca com que quero passar a minha vida. — Trev beijou os dedos dela. — Charlotte Dean, quer casar comigo?

De alguma forma, ela estava de joelhos agora e mal podia ver Trev porque seus olhos estavam embaçados e seu coração havia disparado novamente e estava tão acelerado que mal conseguia respirar.

Trev parecia entretido. Talvez Charlotte não devesse estar de joelhos também, mas nunca havia sido pedida em casamento e isso parecia adequado.

— Não faço ideia de porquê persisti comigo, Trev. Todos os meus problemas e fugir e manter uma barreira por tanto tempo. De alguma forma, você faz tudo certo, o tempo todo. E não posso prometer, *não* prometerei que ficarei fora de perigo. — Sua voz falhou um pouco. — Mas prometo que amarei você até o fim dos tempos.

— Isso é um sim?

— Sim. Sim, Trevor Sibbritt, eu me casarei com você.

Depois de estarem de pé novamente, e Trev tê-la beijado intensamente, eles ficaram na grade, braços em volta um do outro. O pequeno martim-pescador pousou perto, sua cabeça inclinando para o lado como se perguntando por que estavam ali.

Charlotte sabia. Eles estavam ali porque o amor era suficiente.

## CAPÍTULO 18



A praça de Kingfisher Falls nunca esteve tão cheia de alegria como na véspera de Natal. Era como se a cidade inteira se reunisse para comemorar com comida, presentes, música e risos. Esse ano não houve desconfiança em relação à família Forest, ou grosseria das damas do clube de livro, e mesmo apesar de Marguerite estar presente, ela vestiu um avental e ajudou a empilhar os pratos com a comida festiva.

Várias mesas gemiam sob o peso de comidas e aperitivos natalinos, doados pela própria comunidade. As pessoas eram servidas por voluntários, e todos os bancos estavam ocupados.

Percorrendo a praça, o coral cantava canções natalinas amadas. Rosie e Lewis haviam dito mais cedo que aproveitariam essa noite, a primeira deles juntos como um casal casado, mas também a mais recente de muitos anos cantando juntos no coral. Charlotte nunca os havia visto tão felizes, e tirou muitíssimas fotografias.

— Charlotte! — Um furacão de uma pessoa pequena prendeu-se a ela como uma lapa. — Essa não é a melhor noite de todas?

— Olá, Lachie. E sim, é maravilhosa.

— Posso ver isso de novo, por favor? — Lachie afastou-se.

— Oh. Quer dizer isso? — Charlotte estendeu sua mão esquerda. Ela lhe mostrou seu anel de noivado várias vezes durante a semana, mas Lachie ainda estava encantado.

E ela também.

O anel fez uma aparição algumas horas depois de Trev pedi-la em casamento. Pois ele havia sido chamado de volta ao trabalho à tarde e deixou Charlotte em seu carro com uma sugestão de deixar as coisas entre eles mesmo até poderem falar com Rosie, Lewis e Zoe. Charlotte teve a tarefa de reuni-los todos para jantar, o que não foi difícil já que queriam comemorar a prisão de Jonas Carmichael. Rosie insistiu que teria que ser em sua casa.

Trev pediu entrega em domicílio do Italia, mas primeiro pediu a todos para se juntarem a ele na sala de estar. Com sua família em volta, formalmente anunciou que havia pedido Charlotte em casamento, depois novamente ajoelhou-se, mas dessa vez com o anel.

Rosie havia chorado lágrimas de felicidade por pelo menos dez minutos e até Lew tinha um brilho em seus olhos. Zoe disse pouco mas abraçou muito. Champanhe foi servido e brindes feitos enquanto todos, especialmente Charlotte, admiravam o lindo anel solitário de diamante. E durante o jantar, entre perguntas de Rosie sobre quando o casamento seria e querendo detalhes completos da proposta original, Trev contou-lhes sobre Jonas.

— Jonas está no hospital sob vigilância. Concussão, nada mais. Não haverá acusações contra Henry, mas muitas contra Jonas. Outro processo, receio, mas



acredito, e Bryce me apoia nisso, que ele não se livrará das acusações.

Agora, o coral passou, e Lachie parou de olhar para o anel de noivado.

— Charlotte, sua árvore está feliz?

— Acredito que ela está.

Lachie suspirou.

— Querida Charlotte, pinheiros, em sua maioria, são hermafroditas. Você insiste em personalizar suas árvores de Natal.

Ela lhe deu um grande abraço.

— Sim, sim insisto. E agora tenho que conseguir algo para comer porque estou faminta.

Depois de encher um prato, Charlotte o levou para Henry. Henry estava nas sombras, querendo ser parte das comemorações da cidade, mas ainda com medo da recepção.

— Eu pareço estar sempre lhe trazendo comida esses dias — brincou. — Você costumava trazer para mim também.

— Obrigado. Tenho algumas novidades que você pode gostar. — Henry estava um homem mais feliz. Fazer algo para mudar a cidade, e proteger Charlotte, havia trazido de volta muito de seu antigo ânimo. Ainda hesitante às vezes, ele estava tentando aceitar que embora algumas pessoas nunca fossem tratá-lo como um igual, muitas tratavam. E Henry não sabia de onde uma certa doação apareceu, graças à Rosie.

— Bem, me conte sua novidade. Gosto de boas notícias. — Charlotte serviu-se de um pequeno pãozinho.

— Darcy e Abbie têm sido incrivelmente generosos. Acho que seu noivo fez uma indicação, mesmo assim, depois de eu passar uma semana ajudando Darcy com as árvores, eles me ofereceram o gerenciamento do centro de eventos. Começando em janeiro, criarei uma visão com eles para esse futuro.

— Oh, Henry isso é maravilhoso. — Charlotte beijou sua bochecha, o que o fez sorrir. — Você vai detonar.

— E meus primeiros clientes, espero, serão um certo casal nessa mesma cidade. Na verdade, nesse mesmo evento.

— Na verdade, — Charlotte continuou. — Um deles está bem na sua frente. Bem, acho que você está autorizado a vir e conversar conosco em algum momento no ano que vem.

Zoe e Bryce vagavam de braços dados e imersos em uma conversa como haviam estado quando Charlotte e Trev os viram na praça na outra semana. Zoe ainda não havia dito nada sobre o relacionamento inicial, mas tinha um manto de contentamento silencioso sobre ela.

— Posso ir ver onde Trev está, se estiver tudo bem para você?

— Vá encontrar seu noivo. Vocês são perfeitos um para o outro.

Nisso tenho que concordar.

Esther e Doug estavam perto da fonte, pratos vazios e sorrisos largos.

— Bem, Charlie — Doug disse. — Você realmente deveria estar orgulhosa de seu primeiro ano em nossa pequena cidade.

— Orgulhosa? Hum. Não tenho certeza se tornei as coisas melhores ou piores. — Charlotte viu Trev e acenou para ele. — Podem ter uma ou duas pessoas que acreditam que sou responsável pelo lugar deles no sistema judiciário.

Doug riu.

— Como eu disse, deveria estar orgulhosa.

— E o que você fez para aumentar a confiança dos clientes em nós como comerciantes é quase um milagre. — Esther beijou sua bochecha. — O Projeto Aquela Árvore nos deu todo o impulso que precisávamos e toda comunidade se beneficiou. Graças a você.

— O que está fazendo, Charlie? — Trev deslizou um braço em volta de sua cintura

— Ela está aceitando nossos elogios e agradecimento por tudo o que fez. E agora, Doug e eu precisamos ir e garantir que haja comida o suficiente do Italia nessas mesas.

Trev sorriu para Charlotte.

— Você tem tido um grande ano.

— Meu segundo natal em Kingfisher Falls.

De mãos dadas, seguiram lentamente pela praça até onde o coral estava fazendo um intervalo.

— Tomei uma decisão. Sobre a psiquiatria.

A mão de Trev apertou e eles pararam para se olharem. Ele tocou o rosto dela com seu dedo.

— E?

— E aprendi muito sobre mim esse ano. Aprendi a confiar em mim mesma. Que tenho um bom julgamento.

— Na maior parte do tempo.

— Não interrompa, Trevor.

— Tudo bem. — Ele beijou a ponta do nariz dela. — Não interromperei, Charlotte.

— Eu nunca soube o que era uma família antes de vir aqui. Agora tenho tudo. Mais do que jamais sonhei ser possível. E mais do que suficiente para colocar meu coração e alma. — Ela respirou fundo. — Estou escolhendo a livraria. A psiquiatria me deixou ajudar um monte de gente, mas para toda parte boa, havia uma ruim. E as sensações em torno dos tempos ruins não são boas para mim.

— Tem certeza disso?

— Tenho. Trev, escolhi meu trabalho com Rosie. Ou sem Rosie um dia. Escolhi fazer uma vida com você. E talvez nossa própria família.

Os olhos de Trev brilharam.

— Eu gostaria muito disso.

— Devemos compartilhar as novidades? Tenho certeza de que há uma certa dama bem ali que tem esperado a muito tempo para descobrir que pode muito bem tornar-se avó um dia.

— Você sabe que Rosie vai querer olhar as casas.

— Ela pode. Assim que você e eu encontrarmos aquela que queremos.

Eles continuaram pela praça.

— E como tudo isso se encaixa com sua necessidade de investigar? — Trev soou como se estivesse meio brincando.

— Isso me deixará com muito mais tempo, eu deveria pensar.

— Charlie.

— Prometo que tentarei ficar fora de encrenca. Mas como você mesmo disse no outro dia, sabia que eu era encrenca desde o começo.

Trev riu. — Não tenho certeza de que esse é o abrigo que meu pai sempre falava a respeito. Mas eu não faria as coisas de outra maneira.

Nem eu, meu querido Trev. Nem eu.

# *MISTÉRIOS DE CHARLOTTE DEAN*

## **Livro 1**



9786580754922

[Compre aqui](#)

Recomeçar nunca foi tão perigoso

Charlotte adora seu novo emprego na livraria Rosie, na pequena cidade de Kingfisher Falls. Um dia comprará a loja, mas por enquanto se contenta em aprender as coisas e esquecer seu passado conturbado. Mesmo as senhoras esnobes do clube de leitura não conseguem amortecer seu ânimo.

Mas quando uma estranha série de crimes lança suspeitas sobre todas as pessoas erradas - incluindo Charlotte - ela não pode ficar de braços cruzados e assistir. Então começa sua própria investigação e Rosie fica mais do que feliz em ajudar. Com a comunidade dividida e os criminosos à solta, a festa anual de Natal de rua está prestes a mudar suas vidas para sempre, e Charlotte é a única que pode evitar um desastre.

Lá se vai a ideia de se manter discreta.

## **Livro 2**



9786580754922

[Compre aqui](#)

Tantos motivos, mas quem é o assassino?

Charlotte está encontrando seu lugar na pacata cidade de Kingfisher Falls. Trabalhar na livraria com Rosie é uma alegria, assim como sua crescente amizade. Se ao menos o Chefe Sid Browne superasse seu rancor contra o filho de Rosie, Trev, e parasse de fazer de si mesmo uma praga, então a vida seria perfeita.

Mas a morte súbita de uma das senhoras do clube do livro aterrissa Charlotte no meio de uma investigação. Foi um acidente, ou está acontecendo algo mais sinistro? Uma série de mensagens enigmáticas aprofunda o mistério de quem sabe o quê.

Rosie está guardando segredos, as demais damas do clube de leitura estão apontando dedos umas para as outras, e alguém está seguindo cada movimento de Charlotte. Suspeitando que Sid possa estar por trás das mensagens, Charlotte tem que encontrar o assassino... antes que o assassino a encontre.

## Livro 3



9786554441636

[Compre aqui](#)

Guardar segredos pode ser mortal...

A charmosa cidade de Kingfisher Falls é o lugar que a ex-psiquiatra Charlotte Dean agora chama de lar. Quando ela se depara com um túmulo antigo e cuidadosamente enfeitado no meio do mato, Charlotte se sente compelida a investigar.

O rastro leva a um caso não resolvido de uma fugitiva. Mas será possível que a jovem não tenha deixado a cidade, afinal? Enquanto isso, há um novo rosto em Kingfisher Falls: uma clarividente que está ganhando a simpatia dos habitantes locais. Mas Charlotte não consegue confiar na misteriosa mulher.

À medida que a busca de Charlotte revela pistas mais importantes, suas tentativas de descobrir os segredos da cidade podem se tornar um passatempo mortal. Parece que alguém está querendo se vingar e, agora, Charlotte é um de seus alvos.

Sua antiga vida pertence ao passado. Pelo menos é o que ela pensava...

**Livro 4**



9786554442084

[Compre aqui](#)

Charlotte Dean finalmente tem a vida tranquila que sempre desejou em Kingfisher Falls. Mas quando ocorre um incêndio que mata um morador, Charlotte fica preocupada que não tenha sido um acidente. Poderia haver algo mais sinistro em jogo nessa pacata cidade?

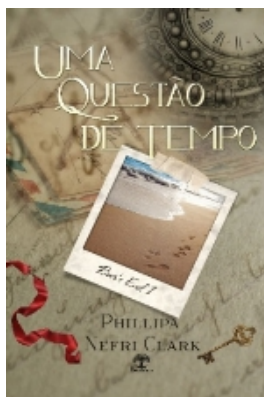
Ela descobre evidências de que o conselho está limpando o mato atrás da livraria em segredo e suspeita que possa haver uma ligação entre o incêndio e os planos para um novo shopping center. Ainda mais preocupante é a possibilidade de que um morador muito querido possa ter tido algo a ver com a tragédia.

Charlotte também está convencida de que alguém está observando todos os seus movimentos. Quando ela avista o perseguidor, sua nova vida é virada de cabeça para baixo. Será que o passado sombrio de Charlotte está se aproximando dela? E será que perderá tudo o que é importante para ela, inclusive a livraria e aqueles que ama?

Os mistérios de Charlotte Dean são enredos de cidade pequena com um toque australiano único, da autora de River's End.

# CONHEÇA RIVER'S END

## Livro 1



9786580754076

### UM AMOR PERDIDO, MAS NÃO ESQUECIDO

“Vou esperar por você. Lá... no final do cais, vou esperar.”

Thomas e Martha acreditavam que seu amor era invencível até que uma série devastadora de eventos os separou. Para seu encontro final, eles prometeram se reunir no cais onde se conheceram.

Cinquenta anos depois, Christie Ryan herda uma casa de campo em ruínas em uma cidade litorânea da qual nunca ouviu falar. Com a descoberta de um mistério comovente, se torna obcecada para desvendar velhos segredos de família.

O artista recluso Martin Blake cresceu com seu avô depois de perder os pais. A chegada em sua cidade de uma garota da metrópole com uma conexão para o passado desafia tudo o que ele sabe sobre si mesmo.

Em lados opostos de um mistério, dois estranhos têm algo em comum e correm o risco de ver seus mundos seguros destruídos. Cinquenta anos de segredos estão prestes a ruir.

Uma história fascinante de amor perdido, coragem e redenção, e de como as consequências da manipulação de uma mulher se espalha por três gerações.

## Livro 2





9786599110610

O romance cresce ...

... e o mistério se aprofunda.

O amor sobreviverá à tempestade no horizonte?

Foram os laços familiares que levaram Christie Ryan a River's End, a pequena cidade litorânea da costa australiana. Mas é seu coração que está dizendo para ela ficar.

Tendo arrumado o chalé de sua avó, Christie está pronta para abandonar o passado e dar uma chance para um futuro com o artista local, Martin. Quando Martin é abordado por uma desconhecida para um retrato, ele aceita, ansioso para construir um novo lar para sua vida com Christie.

Martin não conhece a infeliz cadeia de eventos que essa encomenda colocará em movimento. Nem das forças sombrias da antiga vida de Christie, que ainda não estão preparadas para deixá-la ir...

Juntos, Christie e Martin terão que resistir à tempestade para descobrir quem está por trás dos esforços para arruinar sua felicidade. E ao fazer isso, aprender que para que o amor triunfe, às vezes é preciso ter fé para afundar ou nadar...

Você vai adorar este segundo livro da série River's End, por causa das reviravoltas, do suspense que aumenta a pulsação e do calor que derrete o coração.

### Livro 3



**9786588382318**

Uma casa antiga poderia conter a chave para a felicidade deles?

A cidadezinha litorânea de River's End está em polvorosa com o casamento vindouro entre Christie Ryan e um artista local, Martin. A cerimônia acontecerá na Casa Palmerston. Um dia, a construção foi o lar dos ancestrais de Christie, mas a casa foi perdida num jogo de pôquer nos anos 1850 e, hoje em dia, é uma pousada acolhedora.

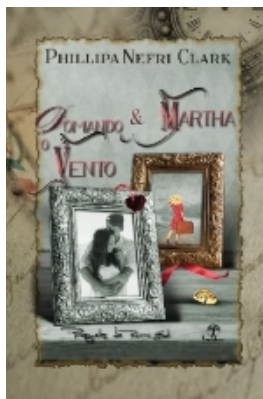
Quando um estranho chega para se hospedar na Casa Palmerston e começa a fazer perguntas ao redor da cidade, Christie passa a pensar na história da casa. Os habitantes locais sabem mais do que deixam transparecer? Algum deles estaria escondendo algo?

Christie decide entrar em ação e investigar. Ela está determinava a descobrir a verdadeira história por trás do proprietário real da construção. Mas ela não é a única cheia de suspeitas, e a busca pela verdade pode ser um passatempo perigoso...

Irão Christie e Martin chegar ao altar, ou forças poderosas do passado conspirarão para arruinar o dia perfeito do casamento deles? A chave para o futuro pode muito bem-estar escondida na revelação dos segredos há muito esquecidos.

O segredo da Casa Palmerston é uma história com duas linhas do tempo, dando continuação ao Mar de jasmim. O terceiro volume tem seu próprio final feliz.

**Prequela – Livro 4**



9786588382752

## DOMANDO O VENTO

Somente o próprio tempo apagará nosso amor...

Na beira do Grande Oceano, um antigo píer oferece um refúgio para aqueles que buscam consolo. Um lugar à beira-mar para pensar. Planejar. Sonhar.

Como filha da família mais rica da região, Martha Ryan tem tudo o que uma garota poderia pedir. O dinheiro não significa nada porque sua alma anseia por aventura, amor e uma família própria.

Thomas Blake é um artista sobrecarregado pelo dever. Previsto a seguir seu pai no emprego pela família Ryan como chefe de estação, ele anseia pela liberdade de pintar.

Um encontro fortuito no cais, ao amanhecer, muda a vida de ambos. Mas será que as expectativas e preconceitos de suas famílias destruirão seu futuro?

Apaixone-se por Thomas e Martha em *Domando o Vento & Martha*, prequela da série *River's End*. Perfeitos para ser um independente com seu próprio felizes para sempre, ou seguir as vidas e os amores dos moradores de *River's End* em todos os livros.

## MARTHA

1972.

Faz quatro anos que o mundo de Martha Ryan desabou ao seu redor. Fugindo para a Inglaterra, ela deixou tudo para trás. Sua amada cidade marítima, *River's End*, sua irmã mais velha, Dorothy, e o único homem que ama além da razão.

Encontra um novo lar na Irlanda. Lá, compra uma casa de campo, iniciando uma carreira como professora na pequena cidade que lhe faz lembrar a infância. Ela viaja, encontra amizades, relacionamentos e aventuras.

Mas os sonhos a assombram. Lá no fundo, anseia por sua cidade Natal na Austrália, e por ver Dorothy novamente. Será que uma vida bem vivida será suficiente, ou será que uma carta é o ponto de virada para arriscar tudo o que ela veio a amar?

Martha é uma pequena história de companheirismo que cobre cinquenta

anos em cerca de sessenta páginas. Leia primeiro, ou ao lado de qualquer um dos livros da série. Ela preenche os anos perdidos de Martha Ryan.

## Livro 5



**9786588382936**

É melhor deixar alguns segredos antigos no passado...

Um dia quente de verão no Natal está prestes a chegar na cidade litorânea australiana de River's End. Churrascos à beira-mar e jantares suntuosos estão no menu.

Mas Martha Blake é como um cachorro com um osso, determinada a resolver o último dos mistérios que envolvem o antigo chalé do chefe de estação. Sabendo que seu marido não aprovará seus planos, alista sua sobrinha-neta Christie para se juntar a ela em uma investigação secreta.

Enquanto isso, Thomas Blake que também está ocupado com suas próprias pistas e não quer que sua esposa saiba o que anda fazendo, procura a ajuda de seu neto relutante, Martin.

Em Casa Palmerston, o novo casal amoroso Elizabeth e Angus enfrenta seu maior obstáculo, colocando seu futuro feliz em dúvida.

Com todos trabalhando em projetos cruzados, quem se encontrará no meio, relembrando décadas de um erro terrível?

O amor será suficiente desta vez, enquanto os amados moradores de River's End lidam com as consequências do velho mistério? Quem, ou o quê, reunirá todos eles a tempo do Natal?

A Chave de Natal é uma novela emocionante com o último dos segredos revelados e uma encantadora magia Natalina para tocar os personagens de River's End.

## *SOBRE A AUTORA*



**Phillipa Nefri Clark** mora pertinho de uma linda cidade no condado de Victoria, na Austrália. Ela também mora nos diversos mundos de sua imaginação e nas pilhas de histórias ao lado de seu laptop.

Além da família, os grandes amores de Phillipa incluem música, leitura, cultivar vegetais... e animais de todos os tipos.

Ela ama conversar com os leitores e envia mensalmente um e-mail com notícias, concursos, recomendações e diversas coisinhas interessantes.

# *INFORMAÇÕES LEABHAR*

**Nos acompanhe e fique por dentro das Novidades**



Quer receber marcador do livro gratuitamente? Envie o print da compra para o E-mail  
**Leabhar Books®**

# Table of contents

1. [Capa](#)
2. [Folha Rosto](#)
3. [Direitos Autorais](#)
4. [Capítulo 1](#)
5. [Capítulo 2](#)
6. [Capítulo 3](#)
7. [Capítulo 4](#)
8. [Capítulo 5](#)
9. [Capítulo 6](#)
10. [Capítulo 7](#)
11. [Capítulo 8](#)
12. [Capítulo 9](#)
13. [Capítulo 10](#)
14. [Capítulo 11](#)
15. [Capítulo 12](#)
16. [Capítulo 13](#)
17. [Capítulo 14](#)
18. [Capítulo 15](#)
19. [Capítulo 16](#)
20. [Capítulo 17](#)
21. [Capítulo 18](#)
22. [Mistérios de Charlotte Dean](#)
  1. [Livro 1](#)
  2. [Livro 2](#)
  3. [Livro 3](#)
  4. [Livro 4](#)
23. [Conheça River's End](#)
  1. [Livro 1](#)
  2. [Livro 2](#)
  3. [Livro 3](#)
  4. [Prequela – Livro 4](#)
  5. [Livro 5](#)
24. [Sobre a autora](#)
25. [Informações Leabhar](#)

## Guide

1. [Cover](#)

## 2. Beginning

1. [1](#)
2. [2](#)
3. [3](#)
4. [4](#)
5. [5](#)
6. [6](#)
7. [7](#)
8. [8](#)
9. [9](#)
10. [10](#)
11. [11](#)
12. [12](#)
13. [13](#)
14. [14](#)
15. [15](#)
16. [16](#)
17. [17](#)
18. [18](#)
19. [19](#)
20. [20](#)
21. [21](#)
22. [22](#)
23. [23](#)
24. [24](#)
25. [25](#)
26. [26](#)
27. [27](#)
28. [28](#)
29. [29](#)
30. [30](#)
31. [31](#)
32. [32](#)
33. [33](#)
34. [34](#)
35. [35](#)
36. [36](#)
37. [37](#)
38. [38](#)
39. [39](#)
40. [40](#)
41. [41](#)
42. [42](#)



43. [43](#)  
44. [44](#)  
45. [45](#)  
46. [46](#)  
47. [47](#)  
48. [48](#)  
49. [49](#)  
50. [50](#)  
51. [51](#)  
52. [52](#)  
53. [53](#)  
54. [54](#)  
55. [55](#)  
56. [56](#)  
57. [57](#)  
58. [58](#)  
59. [59](#)  
60. [60](#)  
61. [61](#)  
62. [62](#)  
63. [63](#)  
64. [64](#)  
65. [65](#)  
66. [66](#)  
67. [67](#)  
68. [68](#)  
69. [69](#)  
70. [70](#)  
71. [71](#)  
72. [72](#)  
73. [73](#)  
74. [74](#)  
75. [75](#)  
76. [76](#)  
77. [77](#)  
78. [78](#)  
79. [79](#)  
80. [80](#)  
81. [81](#)  
82. [82](#)  
83. [83](#)  
84. [84](#)  
85. [85](#)  
86. [86](#)

|      |                     |
|------|---------------------|
| 87.  | <a href="#">87</a>  |
| 88.  | <a href="#">88</a>  |
| 89.  | <a href="#">89</a>  |
| 90.  | <a href="#">90</a>  |
| 91.  | <a href="#">91</a>  |
| 92.  | <a href="#">92</a>  |
| 93.  | <a href="#">93</a>  |
| 94.  | <a href="#">94</a>  |
| 95.  | <a href="#">95</a>  |
| 96.  | <a href="#">96</a>  |
| 97.  | <a href="#">97</a>  |
| 98.  | <a href="#">98</a>  |
| 99.  | <a href="#">99</a>  |
| 100. | <a href="#">100</a> |
| 101. | <a href="#">101</a> |
| 102. | <a href="#">102</a> |
| 103. | <a href="#">103</a> |
| 104. | <a href="#">104</a> |
| 105. | <a href="#">105</a> |
| 106. | <a href="#">106</a> |
| 107. | <a href="#">107</a> |
| 108. | <a href="#">108</a> |
| 109. | <a href="#">109</a> |
| 110. | <a href="#">110</a> |
| 111. | <a href="#">111</a> |
| 112. | <a href="#">112</a> |
| 113. | <a href="#">113</a> |
| 114. | <a href="#">114</a> |
| 115. | <a href="#">115</a> |
| 116. | <a href="#">116</a> |
| 117. | <a href="#">117</a> |
| 118. | <a href="#">118</a> |
| 119. | <a href="#">119</a> |
| 120. | <a href="#">120</a> |
| 121. | <a href="#">121</a> |
| 122. | <a href="#">122</a> |
| 123. | <a href="#">123</a> |
| 124. | <a href="#">124</a> |
| 125. | <a href="#">125</a> |
| 126. | <a href="#">126</a> |
| 127. | <a href="#">127</a> |
| 128. | <a href="#">128</a> |
| 129. | <a href="#">129</a> |
| 130. | <a href="#">130</a> |

131. [131](#)  
132. [132](#)  
133. [133](#)  
134. [134](#)  
135. [135](#)  
136. [136](#)  
137. [137](#)  
138. [138](#)  
139. [139](#)  
140. [140](#)  
141. [141](#)  
142. [142](#)  
143. [143](#)  
144. [144](#)  
145. [145](#)  
146. [146](#)  
147. [147](#)  
148. [148](#)  
149. [149](#)  
150. [150](#)  
151. [151](#)  
152. [152](#)  
153. [153](#)  
154. [154](#)  
155. [155](#)  
156. [156](#)  
157. [157](#)  
158. [158](#)  
159. [159](#)  
160. [160](#)  
161. [161](#)  
162. [162](#)  
163. [163](#)  
164. [164](#)  
165. [165](#)  
166. [166](#)  
167. [167](#)